

• COM CONTOS DE •

ANA CRISTINA RODRIGUES, DEIA KLEIN, FABIANA FERRAZ,
GEOVANNA FERREIRA, KAREN ALVARES, LAÍSA COUTO,
NARA ODELE, SORAYA COELHO, THAIS ROCHA e THE WOLF

vilãs

CLARA MADRIGANO

• ORGANIZADORA •





· COM CONTOS DE ·

ANA CRISTINA RODRIGUES, DEIA KLEIN, FABIANA FERRAZ,
GEOVANNA FERREIRA, KAREN ALVARES, LAÍSA COUTO,
NARA ODELLE, SORAYA COELHO, THAIS ROCHA e THE WOLF

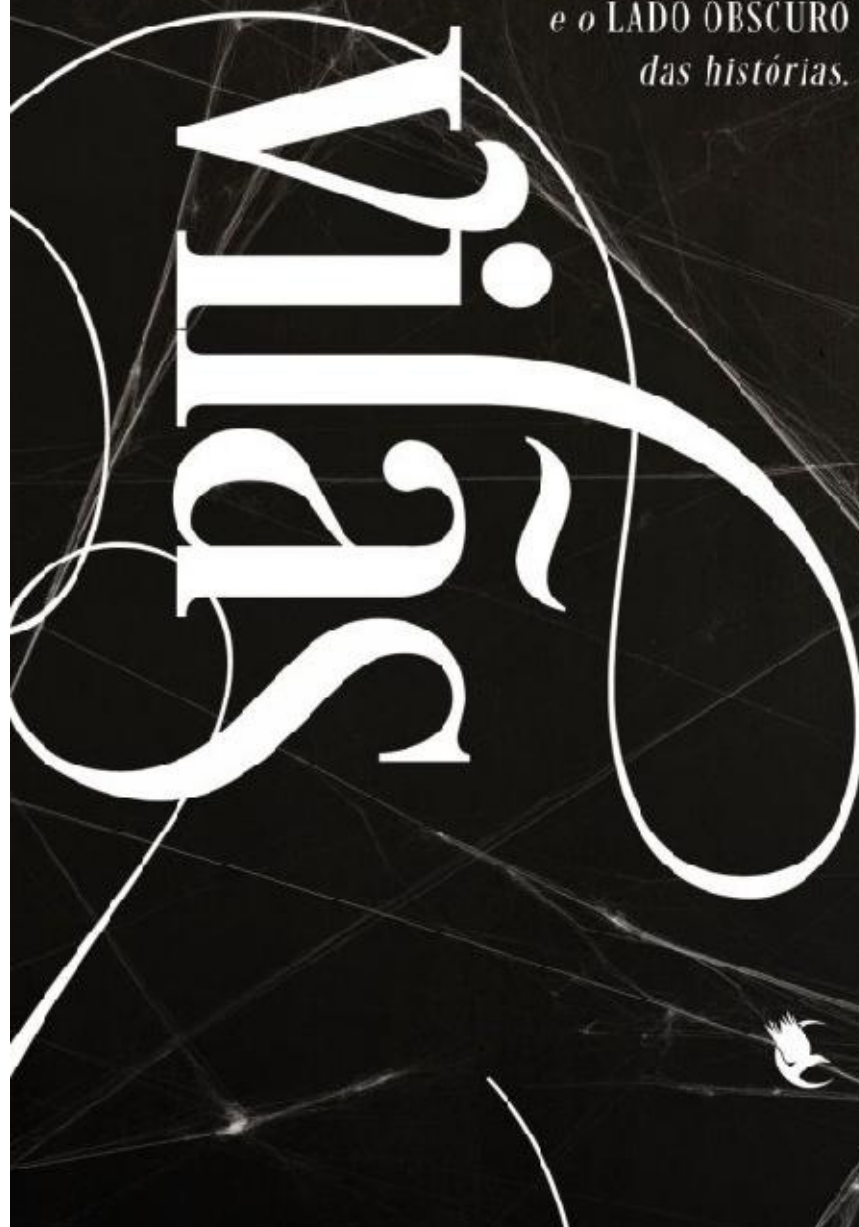
vilãs

CLARA MADRIGANO

· ORGANIZADORA ·



Contos sobre
MULHERES PODEROSAS
e o LADO OSCURO
das histórias.



Ficha catalográfica

© 2019 by Ana Cristina Rodrigues, Clara Madrigano, Deia Klein, Fabiana Ferraz, Geovanna Ferreira, Karen Alvares, Laísa Couto, Nara Odelle, Soraya Coelho, Thais Rocha e The Wolf.

Todos os direitos reservados à Editora Corvus.

Organização: Clara Madrigano

Capa e projeto gráfico: Henrique Moraes

Edição de texto: Valquíria Vlad

Revisão: Jean Gabriel Álamo

Ilustrações: Rafael Antonio



Sumário

[ABANDONADA](#)

[A MAIS BELA](#)

[A FACE DA INOCÊNCIA](#)

[BENDITA SEJA A CRIAÇÃO, MALDITA É A CRIATURA](#)

[MAL DE OJO](#)

[MARCADA](#)

[OS SÓIS DE MARIA](#)

[A ASSASSINA DO PRÍNCIPE](#)

[AO OUVIR OS SUSSURROS DA MORTE, ELA RESPONDEU](#)

[A NATUREZA DAS MINHAS INTENÇÕES](#)

[As autoras](#)

[Agradecimentos](#)

[A Corvus](#)

Escaneie o QRCode e ouça a playlist
do livro enquanto lê.





Abandonada

Karen Alvares

Se existe uma verdade universalmente omitida é que basta ser mulher para ser odiada.

E quando uma mulher não faz o que se espera dela, é ainda pior.

O ódio vem de todos os lados. Principalmente dos homens, claro, mas das mulheres também, e, na maior parte do tempo, é a hostilidade delas que mais dói. O desprezo do sexo oposto, infelizmente, não surpreende; a inimizade e a rivalidade das mulheres, por outro lado, é desconcertante. E sua raiva costuma ser intensa. Aliás, deixa marcas profundas, feridas que penetram de tal forma que são impossíveis de curar.

Muitos anos se passaram até que eu aceitasse que sempre fui uma pária na minha família e sempre seria. Fui a terceira filha, cheguei tarde, atrás de um irmão favorito pelo simples fato de ter nascido macho e de uma irmã que sempre fez de tudo para se encaixar, incluindo destruir a irmã mais nova, se isso a ajudasse a se sobressair. Mamãe se foi, papai fugiu. Tudo bem, nunca gostei muito deles mesmo. Aprendi, ainda criança, que devo gostar de mim; amar os outros é perigoso. Só traz sofrimento.

E dele estou farta.

Seguimos cada um para um canto, eu e meus irmãos. Não havia mais a cola vagabunda que nos unia. Sei pouco deles: Ivan continua afundado em dívidas — já estava quando mamãe ainda vivia, extorquindo dinheiro dela até que a fonte secou —, sumido no mundo, inspirado pelos passos do homem que saiu para comprar cigarros e nunca mais voltou. Já Madalena, mulher direita, cuidou bem de amarrar todas as pontas de seu quadradinho: casou-se com um pastor de igreja, virou dona de casa exemplar e pariu uma filha que não conheço e nem faço questão.

Mas a vida... a vida é um caralho enfiado na sua bunda, sem lubrificante.

Quando aquela mulher ligou, apresentando-se como uma “irmã da igreja”, desliguei na cara dela sem remorso. Nunca doeí nem um sapato, imagine dinheiro para religião. A mulher insistiu. E eu continuei desligando na cara dela. Cheguei a bloquear o número no PROCON (um serviço ótimo, que uso com frequência). Então esqueci as ligações e segui a vida, refugiada no casulo do meu apartamento, trabalhando com a melhor pessoa que conheço: meu computador.

Até que o interfone tocou.

Na época, ele estava péssimo, com uns ruídos suspeitos que tornavam impossível ouvir a pessoa do outro lado. Era a terceira vez no mês que eu reclamava para o síndico, e o babaca, nada. Fui obrigada a descer oito andares para atender. Podia ser o carteiro, afinal, uma das poucas pessoas que mantinha algum tipo de contato.

Para minha desgraça, quando abri o portão do prédio, uma mulher e uma criança esperavam por mim.

— Dona Paula? — disparou a mulher antes que eu abrisse a boca. Tinha os olhos pequenos e úmidos emoldurados por um rosto redondo como uma laranja. Usava uma saia longa que cobria suas pernas até os pés, toda florida, e logo ali já tive ânsias. — Liguei para seu número há alguns dias, mas... acho que esteve ocupada.

Ela me mediu da cabeça aos pés, torcendo o nariz numa expressão de desprezo especialmente reservada para tipos como eu, que desfilavam o dia inteiro de pijama pela casa. De qualquer forma, meus olhos desceram da sua cara de laranja para a criança que segurava com tamanha força pela mão, que era uma surpresa ainda não ter desativado a circulação da garota. Apesar disso e dos trapos que vestia, a menina não parecia nem um pouco contrariada; pelo contrário, exibia um sorriso tão feliz no rosto pequeno e delicado, que chegava a ser incômodo. Mas havia algo nela que me inquietava, e, para além disso, algo familiar... Talvez o formato de seu rosto ou o cabelo castanho claro, quase loiro...

— Então, se não for um problema, gostaria de entrar e conversar. Não é o tipo de assunto que se resolve no portão — dizia a mulher. Na verdade, parecia que ela tinha falado várias coisas naqueles dois minutos em que fiquei observando a garota.

— O que você disse?

— Você não ouviu nada? — A mulher parecia ultrajada. A cara dela até tinha ficado um tom a mais de laranja na escala RGB.

— Não. Na verdade, minha senhora, não me interessa. Não vou doar nada.

— EU NÃO QUERO UMA DOAÇÃO! — Ok, agora ela estava definitivamente vermelha. — Olha, eu vim de longe, de São Paulo, e preciso resolver isso. HOJE. Afinal, você é ou não é Paula Araújo, irmã de Madalena Araújo Ribeiro?

Demorei alguns segundos para responder, limpando meu rosto de todo o cuspe que tinha voado da boca dela.

— Sim, Madalena é minha irmã. Olha, dona, dá pra explicar do que se trata sem gritar na minha cara?

— Muito bem, então nem precisa me convidar para subir. Eu não queria mesmo. Serei rápida: esta — indicou, balançando energicamente o braço da menina sorridente — é Poliana, filha de Madalena. Ela morreu há dois meses e deixou a menina.

Houve um minuto de silêncio entre nós no qual as palavras flutuaram no ar. A pausa serviu para a mulher, aos poucos, recobrar seu tom de pele laranja habitual. O sorriso da menina, porém, nem se abalou, o que era bastante estranho e um pouco sinistro, talvez. Já eu não sabia o que dizer, e principalmente se deveria sentir alguma coisa. Será que estavam esperando que derramasse lágrimas ou algo parecido?

— Morreu de quê?

— Morreu *daquela doença* — disse a mulher, evitando a palavra “câncer”. — Talvez, se atendesse ao telefone, teria ido ao enterro e soubesse.

Dispensei a ideia com um gesto da mão.

— Odeio essas cerimônias, só servem para os vivos se exibirem para os outros.

A física provavelmente deve postular como impossível a boca abrir daquele jeito, mas a da mulher abriu. Ela ficou vermelha de novo e apontou um dedo para mim (ao que ergui uma sobrancelha), mas depois acabou abaixando a mão, desistindo de gastar saliva.

— Não importa. O que importa é que Poliana não tem para onde ir e precisa ficar aqui, com você, que é a tia dela.

— QUÊ?! — Era a minha vez de cuspir. — E o pai da criança, cadê?

— O pastor está muito ocupado, reconstruindo a vida dele. Além disso, um homem tem mais o que fazer e...

— Que merda você tá falando?

— Papai conheceu outra mulher e foi embora do país. — Poliana abriu a boca pela primeira vez, sem um pinga de tristeza no olhar, só aquele sorriso que agora me parecia definitivamente bizarro. — Bem, pelo menos, ele não morreu também, como a mamãe, não é? Espero que tenha comidas gostosas na Argentina.

Mais um minuto se passou sem que o silêncio fosse quebrado. A cara de laranja parecia dividida entre humilhação, raiva e um pouquinho de pena pela garota. Passado o susto inicial, virei-me para a tal irmã e disse:

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Você é a única parente viva dessa criança!

— Eu não era a única irmã de Madalena. Tem o Ivan também, nosso irmão mais velho. E o pai dela, que, pelo visto, tá vivinho da Silva, comendo bife de chorizo na Argentina.

— Ninguém conseguiu localizar ele — disse a mulher, sem deixar claro se estava se referindo a Ivan ou ao pastor. Soltando finalmente a mão da menina, empurrou-a (literalmente) na minha direção, enfiando debaixo do meu nariz uma mochila com o tema de Frozen, em seguida. — A verdade é que ninguém pode ficar com a menina, de modo que ela é sua responsabilidade.

— Ei, achei que cuidar das crianças fosse um dever cristão.

— É um dever da *família*! Passar bem!

— E cadê a porra do pai?! — gritei, enquanto a mulher se afastava praticamente correndo pela calçada. Alguns transeuntes me olharam como se eu fosse louca. Mostrei o dedo do meio para eles.

Sério?! Aquilo só podia ser brincadeira!

Olhei para Poliana e me dei conta de que ela era mesmo a figura cuspidada e escarrada de Madalena quando tinha sua idade, ou seja, uns nove ou dez anos.

— Se a sua mãe não tivesse morrido, eu matava ela — falei para a garota, que continuou sorrindo daquele seu jeito estranho.

— Pelo menos, agora a senhora não vai precisar fazer isso e ir pro Inferno depois, não é?

— O Inferno não existe, criança.

— Claro que existe! Meu pai dizia na pregação que...

— Foda-se o que seu pai dizia, ele fugiu com outra mulher e te abandonou.

A menina ignorou meu argumento e começou a caminhar em direção à porta do prédio.

— Ei! Garota! Quem disse que você vai ficar comigo?

Ela se virou. Aquele sorriso condescendente estava começando a me irritar.

— E o que a senhora vai fazer então, Tia Paula?

A pergunta era legítima, e o pior era que Poliana parecia estar realmente curiosa, esperando uma resposta. Engoli em seco. Não podia simplesmente jogá-la na rua, não é? Será que iria presa ou algo do tipo? Será que tinha responsabilidade legal por aquela criança agora? Precisava me informar, falar

com minha advogada. Que merda! De qualquer jeito, ela tinha razão, não podia simplesmente atirá-la na rua. Estava empacada com ela, pelo menos por alguns dias.

— Espero que não esteja com fome — falei, indicando o caminho para as escadarias do meu apartamento. — Só tem bolacha velha no armário.

— Pense pelo lado bom: melhor que bolacha nenhuma — disse Poliana, animada.



A primeira coisa que fiz quando chegamos ao apartamento foi mandar a menina direto para o banho. Ela cheirava mal. Peguei suas roupas e joguei tudo num saco. Não tinha como salvar aquele vestido velho esfarrapado. Quando Poliana saiu vestindo uma camiseta minha, que ficou enorme nela, e um short de algodão, seus olhos se arregalaram ao me encontrar separando o que dava para aproveitar ou não das suas coisas. A mochila com o desenho da Elsa estava aberta, jogada no tapete, enquanto eu espalhava seus poucos pertences sobre o sofá. Havia apenas mais uma muda de roupas (imprestável), uma boneca velha de pano, uma caixa de lápis de cor, um caderno de desenhos e outro com anotações a lápis — exercícios de Português e Matemática, aparentemente.

— Onde estão seus livros da escola? — perguntei, sem realmente olhar para Poliana, distraído-me com os objetos. A ansiedade borbulhava no fundo do meu estômago: tinha uma capa para terminar me esperando no computador, mas lá estava eu mexendo nas coisas de uma menina de quase dez anos, que, até meia hora atrás, nem sabia que era minha sobrinha.

— Eu não vou pra escola.

Meu pescoço até estalou quando me virei para encará-la.

— Mamãe me ensinava as coisas em casa ou na igreja — continuou Poliana, parecendo nostálgica com a lembrança, de um jeito tão natural que me assustou. — Era tão bom! Ela me ensinou a ler e fazer contas. Mamãe adorava ler... Tia Paula, sabia que meu nome é igualzinho ao de uma personagem de um livro? — Ela se adiantou até o tapete, recolhendo a mochila e abrindo um zíper que eu ainda não tinha encontrado. De lá, tirou um livro mais antigo que a corrupção no Brasil, com a capa desgastada e as folhas amareladas.

O livro, claro, era *Pollyana*, de Eleanor Porter.

Eu me lembrava daquele livro. Mais que isso, conhecia aquele mesmo exemplar. Era o que mamãe tinha comprado para mim e para Madalena quando éramos crianças. Li e detestei. Não suportava aquela menina chata que via o lado positivo em tudo. Ninguém é assim no mundo real. Além do que, é uma ideia perigosa, principalmente para uma mulher, ser passiva desse jeito. A coisa toda me parecia uma doutrinação para amansar as meninas e criar gado. Na mesma época, li na biblioteca da escola *Orgulho e Preconceito* e gostei muito mais, mesmo com suas limitações de época. Madalena, entretanto, amou *Pollyana* e ficou com o livro para ela. Aparentemente, tinha gostado mais ainda do que eu imaginava, já que dera o nome da personagem à filha.

— Deixar de matricular os filhos na escola é ilegal — disse eu, por fim. — Criança tem que ir pra escola, não essa maluquice de aprender em casa!

— Claro que não é! — Poliana insistiu. — Papai disse que não era, que o novo Presidente fez isso virar lei logo que entrou no Governo para proteger as crianças.

— Ah, claro. Maldito Biroliro — bufei, revirando os olhos. — Óbvio que seu papai votou nele.

Aquilo fez Poliana abaixar os olhos. Será que eu finalmente tinha tirado o sorriso do seu rosto? Seria um alívio, porque não aguentava mais a felicidade inabalável daquela menina. Não era normal. Ela tinha acabado de perder a mãe e o pai numa tagalada só! Quem fica sorrindo o tempo todo depois disso? Ela parecia uma psicopata juvenil, isso sim, e agora estava sentada no meu sofá por uma infeliz conjunção de fatores que me fizeram ter um parentesco sanguíneo com ela.

Mas ela finalmente ergueu o rosto e sorriu. Um sorriso genuíno.

— Eu fui para a escola durante um tempo, na primeira série. Mas depois papai disse que não precisava mais. Gostava mais das aulas com mamãe. Ela era gentil e respondia todas as minhas perguntas. Era melhor ter aula só com ela do que ir para a escola e ouvir as crianças rirem e apontarem pra mim.

Aquilo me pegou no pulo. Como explicar que aquela não era a melhor solução, ainda mais para uma criança como Poliana, que parecia tão limitada pelos próprios pais? Eu não sabia como lidar com aquilo. Nunca fui boa em convencer as pessoas, nem em fazê-las me ouvirem. A verdade é que eu não sabia como lidar com crianças — nem com outros seres humanos. Merda, por que aquilo fora acontecer justo comigo? Maldita Madalena, maldito pai fugitivo e covarde!

— Olha, não dá pra uma criança ficar trancada dentro de casa estudando

com os pais, sem conhecer outras pessoas, sem fazer amigos, sem ter a ajuda de professores... — Sentei-me ao seu lado no sofá, em meio aos objetos e roupas espalhados. Tentei falar mais devagar, ser mais branda com a menina, mas a minha voz tremia de raiva. A vontade que eu tinha era de caçar o pai dela até a China e enchê-lo de porrada. — As pessoas precisam conviver, mesmo que às vezes algumas sejam... más? Não faz bem ficar isolada, sabe?

Poliana me encarava profundamente quando respondeu:

— Mas, Tia Paula, então por que a senhora não sai pra trabalhar? A senhora tá aqui na sua casa e hoje é quinta-feira. Não devia estar no trabalho?

Aquilo fez meu sangue subir. Ninguém tinha o direito de questionar minhas decisões de vida ou meus métodos de trabalho, nem aquela menina petulante. Com certeza, ela já tinha vindo cheia de ideias sobre mim, que seus pais tinham enfiado na sua cabeça. Aliás, sua expressão mansa a deixava ainda mais parecida com Madalena, e aquilo me deixou com mais raiva ainda. Levantei num ímpeto e disse:

— Eu trabalho, sim, Poliana, e como eu faço ou deixo de fazer isso não interessa. Sou uma mulher adulta e pago minhas contas. Agora, recolha essas tralhas da minha sala! Esse lixo vai embora, vamos arrumar roupas novas pra você! Ah, e você vai para uma escola, que é o lugar de uma criança!

E, depois disso, apanhei o telefone com tanta força, que o suporte até caiu no chão. Tinha que arrumar um horário com minha advogada, o primeiro que aparecesse.



Quando sacudi Poliana no sofá da sala, encolhida debaixo de um lençol que arrumei para ela junto com um travesseiro velho, já passava das sete horas da manhã. Eu mal dormira na noite anterior e estava de péssimo humor. Fiquei me revirando na cama, a cabeça a mil, preocupada com os dias seguintes. Tentei até trabalhar, mas não consegui me concentrar no design da capa que estava desenvolvendo. Preguei os olhos lá pelas cinco da manhã, só para acordar um pouco depois, às seis e meia. No banho, não consegui parar de pensar na consulta com a advogada; conseguira um horário apenas para o final da semana seguinte, o que parecia longe demais. Era como se eu estivesse segurando a respiração o tempo todo debaixo d'água com aquela menina por perto e com toda aquela responsabilidade, um peso do qual somente um agente da lei poderia me livrar.

Porque eu não iria criar aquela menina. Não mesmo. Não nasci para cuidar

de ninguém e não tinha culpa de que minha irmã tivesse morrido e deixado uma menina órfã. Além disso, o pai da garota estava vivo, a obrigação era do safado, não minha.

— O quê? O que foi? — Poliana resmungou, fechando-se numa concha e virando para o outro lado para me evitar.

— Acorda, menina — sacudi-a mais uma vez, já irritada. — Nós vamos comprar umas roupas para você. Não vai ficar perambulando pela minha casa toda molambenta.

— Mas é cedo...

— Vamos, vamos! — exclamei, batendo palmas e puxando o lençol. — A gente precisa sair cedo porque não quero dar de cara com shopping cheio de gente. Bora de uma vez, garota! Banho! Já!

A menina se arrastou para fora da cama improvisada, os pés descalços se movendo lentamente na direção do banheiro.

— Que preguiça toda é essa?! Achava que esse povo religioso acordava cedo pra missa!

Aquilo pareceu despertar Poliana, porque ela se virou para mim com os olhos bem abertos e a expressão atenta.

— Não é missa que se fala, Tia Paula, é culto! E eu não acordava tão cedo... Mamãe... ela me deixava dormir mais um pouquinho.

Eu não soube o que responder, então fiquei calada, sentindo um gosto amargo na boca. Demorou alguns segundos para Poliana enfiar um sorriso no rosto e completar:

— Ela não está mais aqui agora, mas fico feliz por todas as vezes que ela me deixou dormir e também por todas as que me acordou. Pode deixar, Tia Paula, vou tomar banho depressa para sairmos.

Ela parecia outra pessoa depois do banho, ou melhor, exibia aquele sorriso inabalável de sempre, como se estivesse feliz o tempo todo, o que era muito perturbador. Quando Poliana se sentou à mesa, na cozinha, eu já estava na minha segunda xícara de café, passando os olhos pelas notícias da manhã no meu celular.

— Tia Paula, a senhora tá com uma cara engraçada.

Ergui os olhos da tela para encará-la.

— Como assim, engraçada?

— Tá fazendo uma careta. Assim. — Poliana franziu as sobrancelhas claras

e estreitou os olhos cor de mel. Era aquela a cara que eu estava fazendo?

— Não tô fazendo careta, não.

— Tá sim!

— Tá bom, então eu tô. É porque eu vivo nessa merda de país e todo dia tem notícia ruim.

— Então não lê as notícias, se elas fazem a senhora ficar triste, Tia Paula. Se não faz a gente ficar contente, não vale a pena.

Ri pelo nariz, sem vontade.

— Poliana, não dá pra parar de ler as notícias só porque elas são ruins. Desse jeito, vou virar uma alienada!

— O que é alienada?

— É uma pessoa igualzinha à sua mãe — rebati com raiva. — Alguém que só sabe pensar em si mesma e na sua preciosa família, e só lembra do resto do mundo quando é pra cagar regra.

Finalmente tirei aquele sorriso do rosto da menina. Comemorei por dentro. Foda-se o palavrão, todos eles. Ela que se acostumasse, não iria mudar por causa de uma criança dentro da minha casa que eu nem queria que estivesse ali para início de conversa. Mas logo Poliana se endireitou na cadeira e disse:

— Pelo menos, minha mãe era feliz.

Fiquei olhando para ela, sentindo a raiva borbulhar. O silêncio se manteve tão denso, que dava para ouvir o som da geladeira trabalhando.

— Tem leite na geladeira e o achocolatado tá aí na mesa. — Meus lábios finalmente descolaram um do outro. — Tem presunto e queijo também. O pão de forma tá no saco. Se vira aí, não vou preparar o café da manhã pra ninguém. Tá bem grandinha já.

E enfiei a cara de volta nas notícias.



Poliana tinha um problema sério. Ela não conseguia ficar quieta.

Ela não corria pela casa, não derrubava coisas, não ficava se movimentando o tempo inteiro como aquelas crianças que precisam gastar energia. Não era nada disso. Era só que ela era igualzinha à mãe: não parava de falar um minuto. E, na maior parte do tempo, tudo o que saía da sua boca era um tipo

estranho de discurso motivacional, que já é chato por si só, mas piora quando vindo de alguém com nove anos de idade. Ou dez. Sei lá, não perguntei a idade dela.

Durante todo o trajeto de carro até o shopping, que, infelizmente, era do outro lado da cidade, Poliana falou o tempo inteiro. Contou da mãe, do pai, da igreja, das tias da igreja, das coisas que aprendeu com a mãe. Mas, principalmente, ficou maravilhada com a praia — aparentemente, nem Madalena ou o pai escroto tiveram a decência de pegar um ônibus e viajar menos de cem quilômetros para apresentar o oceano para a criança em todos aqueles anos. Serei sincera, descobrir aquilo gerou um nó esquisito na minha garganta e precisei tomar um gole d'água para fazê-lo sumir.

Porém, ao contrário do que eu normalmente faria, não mandei que a menina calasse a boca. Se estivesse em casa, era o que faria, mas não ali, na rua, dirigindo. Precisava prestar atenção no trânsito. As pessoas são imprevisíveis, principalmente atrás de um volante. Havia muitas pessoas na rua, e olha que eu tinha evitado o horário de pico da manhã, mas, caramba, fazia tanto tempo que não saía de casa, que não tinha noção do quanto as pessoas se multiplicavam a cada dia.

— Eu nunca tinha visto o mar — Poliana comentou, grudada no vidro da janela. — Fico feliz de estar vendo ele agora.

Pensei em fazer um comentário, mas guardei-o para mim mesma daquela vez. Havia felicidade genuína no rosto de Poliana naquele momento, não aquele sorriso plástico e estranho que ela sustentava o tempo inteiro, e não quis estragá-lo. Foi ela, depois de um tempo, que puxou conversa comigo:

— Eu não sabia que a senhora morava perto da praia, Tia Paula.

Liguei a seta, de olho no trânsito. Minhas mãos tremiam no volante. Precisava ficar atenta.

— Não precisa me chamar de “senhora” o tempo todo, Poliana.

— Mas meu pai disse que preciso chamar as pessoas mais velhas assim. É respeito.

Fiz uma careta, não queria concordar, mas o pensamento não era de todo errado.

— É, mas estou dizendo que não precisa. Te libero da responsabilidade, tá? Além disso, assim, eu me sinto velha.

— Mas a senhora não é?

Lancei um olhar frio para a menina. Ela sorriu amarelo, pelo menos, daquela vez.

— Vo-você... — Poliana emendou.

— Tenho trinta e oito anos, Poliana. Não me sinto velha. Tem pessoas muito mais velhas que eu, a sua mãe era seis anos mais velha, aliás. Mas... ela era nova também.

“*Nova demais para morrer*”, pensei. Que vida Madalena tinha para morrer tão cedo? Eu não sabia. Perdemos o contato vários anos antes. Não tinha nem ideia de que ela estava doente.

— A sen... você é meio diferente da minha mãe, Tia Paula. Como isso pode acontecer se eram irmãs? Eu achava que irmãos eram parecidos.

— Irmãos, às vezes, são parecidos, mas muitas vezes podem ser bem diferentes. Principalmente no jeito.

— É, mas você tem o cabelo diferente, é bem preto e curtinho! A minha mãe tinha o cabelo compriiiiido, passava da cintura. E era claro, como o meu!

— Eu pinto o cabelo, Poliana.

— Dá pra fazer isso?

Ainda bem que eu já estava na fila do estacionamento, atrás de outro carro, porque tive que virar a cabeça para olhar para a menina depois daquela pergunta.

— Claro que dá pra pintar o cabelo!

— Eu não sabia! Que legal, fiquei feliz de saber!

— Parece que tem muita coisa que seus pais não te contaram, não é? — retruquei, amarga, enquanto brigava com a máquina que cuspiu o ticket de estacionamento.

— Mas eles me ensinaram muita coisa! — Poliana se apressou para defendê-los. — E eu fico muito feliz por tudo que eles me ensinaram.

— Você também não precisa ficar feliz com todas as coisas o tempo inteiro — retruquei. — Existem coisas tristes no mundo. A gente pode ficar triste às vezes.

— Não, não pode — Poliana respondeu, muito séria. Ali, no ambiente escuro do estacionamento, ela parecia até um pouco fantasmagórica. — Minha mãe me ensinou o Jogo do Contente, o mesmo da Polyanna do livro!

— Ah, não... — Revirei os olhos, abrindo a porta do carro. — Esse jogo é horrroso.

— Não, Tia Paula, não é!

— Certo. — Ajeitei a bolsa no ombro e bati a porta do carro. — Então me diz, Poliana, o que tem pra ficar contente com o fato da sua mãe ter morrido e seu pai ter sumido?

Ela engoliu em seco, murchando um pouco. Ainda mantinha a pose, mas se passaram alguns segundos antes que respondesse, com os olhos um pouco molhados:

— Essa é difícil, mas vou achar a resposta! Quando jogo é mais difícil, ele é mais divertido!

Foi a minha vez de murchar. Era triste. Só isso. Não tinha nada legal ou divertido naquilo tudo. Nada para ficar feliz.

— Vamos logo comprar suas roupas antes que o shopping encha de gente.



O shopping, é claro, estava lotado. Não como em um sábado, mas havia mais pessoas do que eu era capaz de lidar. Foi preciso muito autocontrole para impedir que Poliana percebesse meu nervosismo. Minhas mãos suavam e precisei enfiá-las no bolso do jeans para esconder o tremor. Meus ombros começaram a doer pelo esforço de encolhê-los. Precisava voltar para casa, depressa. Era entrar na loja, escolher meia dúzia de roupas e um sapato, e voltar para casa.

Ninguém vai conseguir me convencer de que foi errado impedir que Poliana escolhesse as próprias roupas. Ela só escolhia vestidos dois tamanhos maiores que o dela, que cobriam até seus pés, com as estampas mais sem graça do mundo. Eu nem sabia que existia roupa de criança bege, de uma cor só, mas Poliana conseguiu encontrar um vestido daquela cor. Fui obrigada a meter o bedelho e escolhi duas camisetas com estampas da Disney, um short verde e uma calça jeans com florzinhas — a única coisa que ela realmente pareceu gostar: ficou encarando a peça por tanto tempo, que precisei tirá-la da sua mão; por um instante, pensei ter visto as flores amarelas se mexendo, mas devia ser só mais uma crise, só isso.

Fiquei nervosa no caixa e errei a senha duas vezes. A fila atrás de mim só parecia crescer. A moça do caixa não parava de me olhar daquele jeito constrangido/condescendente/com pressa. Finalmente, quando consegui pagar a conta e deixar a loja, percebi que Poliana não estava atrás de mim.

Pronto. Perdi a criança!

Como pude ser tão ESTÚPIDA? A primeira vez que saí com a menina, e já

tinha perdido a criança. Era por isso que não podia lidar com aquele tipo de situação, por isso fiz laqueadura assim que completei vinte e cinco anos... Vinte e seis, na verdade, pois até achar um médico que aceitasse fazer o procedimento foi um inferno. Fiquei olhando para todos os lados, desesperada, os olhos arregalados, tentando encontrar uma menina pequena e esquelética de cabelos claros, usando uma camiseta muito maior que ela e um short velho. Meu coração parecia que ia saltar do peito. As pessoas já estavam começando a olhar? Claro que sim, estava paralisada na porta de uma loja, com uma sacola de compras e claramente apavorada. E se alguém oferecesse ajuda? E se alguém resolvesse *tocar* no meu braço oferecendo ajuda?

Foi então que vi Poliana acenando. Ela estava sentada em um banco, ao lado de uma senhora idosa, que encarava, encantada, uma rosa branca em sua mão. Havia outra, igualzinha, no cabelo da menina.

— ONDE VOCÊ ESTAVA? — guinchei ao me aproximar. — Eu fiquei apavorada, Poliana, achei que tivesse se perdido!

— Por favor, não brigue com a menina. — A velhinha se adiantou, e seu olhar era tão doce e choroso, que acabei engolindo minhas palavras. — Você tem uma filha tão meiga e gentil... Ela estava me confortando. Até me deu uma flor, veja só.

Eu queria falar várias coisas, entre elas, de onde raios Poliana tinha tirado aquela rosa, mas tudo o que consegui dizer foi:

— Ela não é minha filha. Sou a tia dela.

— Ah, claro... Me desculpe. Mas o resto é verdade, sua sobrinha é um amor de menina — disse a velhinha, sorrindo para Poliana e acariciando o rosto da menina. — Obrigada por me ajudar, querida. E pela rosa também, é muito cheirosa.

— Espero que a senhora fique bem. — Poliana se despediu, levantando-se do banco. — O seu filho também está bem em algum lugar, com certeza! Ele deve estar muito feliz de ter uma mãe como a senhora!

— Não saia mais de perto de mim desse jeito! — estrilei para ela quando nos afastamos o suficiente para que a velhinha não nos ouvisse.

Poliana, por sua vez, sorriu de orelha a orelha, dando pulinhos.

— Mas que... que coisa, menina, o que foi?

— Eu só tô feliz, Tia Paula.

— E por que você tá feliz, dessa vez, pode me dizer?

Ela parou e se virou para mim, ajeitando a flor em seu cabelo.

— Porque você ficou preocupada comigo. Então você se importa comigo, Tia Paula!

Meu rosto esquentou.

— Além disso... eu pude usar meu superpoder para ajudar aquela velhinha lá atrás, e ainda por cima descobri a resposta da sua pergunta, do Jogo do Contente!

— E qual é a resposta?

O sorriso de Poliana era tão grande, que mal cabia em seu rosto.

— Aquela velhinha perdeu o filho dela. Ele morreu em um acidente. Mas eu disse para ela que ela pôde conhecer e viver com o filho dela por todo esse tempo, e isso é algo para se ficar feliz! E essa é a resposta para o meu jogo do contente: eu vivi todos esses anos com minha mãe e meu pai, e fui muito feliz com eles, e por isso estou muito, muito contente!

Foi só quando chegamos em casa e Poliana pediu um copo de água para colocar a flor, que eu me lembrei de perguntar de onde tinha saído aquilo.

— Você não arrancou de nenhum canteiro do shopping, não é? Porque isso é errado, Poliana.

— Não, pode ficar tranquila, Tia Paula. Eu usei meu superpoder.

— Lá vem você com isso de novo.

— É verdade! Eu tenho um superpoder.

— Tá, e qual é? — perguntei, distraída com o preparo do café.

— Eu faço as pessoas felizes! E, quando elas sorriem, flores aparecem!

— Quê? — Eu me virei para ela, erguendo as sobrancelhas. — Que história é essa que você tá inventando?

— Já falei, é meu superpoder!

— Então quer dizer que você faz flores aparecerem do nada, como mágica? Tá, então prova, faz aparecer uma aí.

Poliana balançou a cabeça de um lado para outro, séria de repente.

— Não é assim que funciona. Eu tenho que fazer a pessoa ficar feliz antes e sorrir *de verdade*.

Continuei olhando fixo para ela, sem me mover, os braços cruzados.

— E você não tá feliz, Tia Paula – ela continuou. — Desde que conheci você, você nunca sorriu...

— É claro que eu já sorri. E é claro que eu sou feliz!

— Precisa ser de verdade, Tia Paula. De coração.

Suspirei, descruzando os braços e erguendo-os para o teto.

— Vê se pode uma coisa dessas! Olha, Poliana, sabe o que me faz feliz? Meu café. E se quer me deixar ainda mais contente, vai lá pra sala ver tevê bem quietinha, que eu preciso trabalhar.

Ela obedeceu, mas não sem antes me lançar um olhar de pena.



Aquela semana foi uma das mais difíceis da minha vida.

Era ainda mais desconfortável do que imaginei conviver com uma criança. Definitivamente, não nascera para aquilo. Eu me assustava com Poliana quando a encontrava dentro do apartamento — e, sendo ele pequeno, eu levava sustos o tempo inteiro. Não conseguia me concentrar no meu trabalho, imaginando o que ela poderia estar fazendo, se estaria mexendo em coisas perigosas, e, sei lá, fosse colocar fogo na casa. Não adiantava apelar para a razão e lembrar que ela não era uma criancinha, e, portanto, não era assim tão frágil e nem boba. Eu simplesmente não desligava, ficava paranoica o tempo todo.

A ansiedade também contribuía para o desconforto. Os dias se arrastavam e a data da consulta com a advogada era um sonho distante. Ao mesmo tempo, logo nos primeiros dias, notei que, apesar da educação rígida, Poliana sempre vivera com mais espaço, em uma casa com quintal ou nos espaços da igreja. A cada dia, ela parecia murchar como uma flor privada do sol. Quando a situação se tornou insustentável, sugeri que fosse brincar na garagem do prédio, contanto que não se afastasse demais. O bairro era relativamente tranquilo, com edifícios ocupados em maior parte por idosos, o que eu escolhera de propósito. Afinal, não queria barulho de jovens ou de famílias ao meu redor.

Poliana pareceu gostar muito da ideia, pois agradeceu muito e saiu dando pulinhos, abraçada à sua boneca de pano, a mochila balançando às costas. Depois disso, finalmente encontrei concentração para trabalhar, e a serpente que parecia enroscada constantemente em volta do meu corpo pareceu afrouxar. Conseguia respirar novamente, ser eu mesma. Em alguns momentos, só me lembrava de Poliana quando ela voltava à tardinha, para lanchar. E tenho que admitir que alguns daqueles momentos, dividindo um lanche com

minha sobrinha, foram agradáveis. Ela contava dos vizinhos que conhecera, todos velhinhos, e de como brincara aquele jogo bobo com eles.

Como Dona Tereza, do quinto andar, que tinha três gatos, problemas de visão e vivia com as cortinas fechadas. Poliana a convencera a abri-las, e as duas comeram bolo de fubá feito pela idosa, observando os bichanos deitados nas janelas tomando banho de sol. Ou o Seu José, o porteiro do prédio, que sempre considerei apenas um velho rabugento, mas que Poliana passara uma tarde inteira ouvindo suas histórias da juventude e como combatera como um pracinha na Segunda Guerra Mundial.

— E o que você disse pra ele? Quer dizer, o que há para se ficar contente com uma guerra?

— A guerra é mesmo muito triste — disse Poliana, com uma seriedade que a fez parecer mais madura. — Mas eu disse ao Seu José que ele podia ficar contente por ter ficado ao lado dos amigos e por ter sido corajoso, lutando para ajudar pessoas que nem conhecia.

Poliana, na verdade, enturmara-se tão bem com os vizinhos, que, no dia da consulta com a advogada, resolvi deixá-la com Dona Tereza. A idosa sorriu de orelha a orelha ao ver a menina. Seu apartamento claro estava repleto de vasos de flores.

— Claro que fico com a Poliana hoje! Nós duas podemos fazer bolo juntas!

— Oba! — respondeu a garota com um enorme sorriso, esfregando as mãos e entrando no apartamento da velhinha com intimidade, exclamando de alegria ao ver os gatos.

— Não sabia que você tinha uma sobrinha — Dona Tereza cochichou, enquanto a menina se distraía acariciando os bichinhos. — Ela é uma graça. Meus gatos adoram ela! E Poliana sempre aparece com flores, não sei onde arruma tantas!

— É uma longa história... Obrigada por ficar com ela — agradei, aliviada por não precisar levá-la comigo naquele compromisso em questão. — Prometo não demorar.

Na portaria, Seu José me cumprimentou com um sorriso, perguntando sobre Poliana e comentando que eu tinha sorte de ter uma menina como aquela em casa. Os canteiros do prédio, que geralmente eram malcuidados, estavam floridos e repletos de cores.

Voltei o mais rápido que pude, cerca de três horas e meia depois. O trânsito estava horrível e tive que encostar duas vezes para tomar ar e me acalmar. Saí do escritório da Dra. Edna com a cabeça cheia: ela me explicou sobre

abandono de incapaz e como o pai de Poliana poderia ser indiciado pelo crime e até perder a guarda. Ela também me contou sobre tutela e os trâmites que eu teria que fazer se quisesse continuar com Poliana. Quando ela mencionou a ideia, foi como se a serpente se enroscasse forte ao redor do meu pescoço. Naquela semana, nós duas havíamos encontrado uma maneira de conviver — com Poliana se refugiando com os vizinhos, que lhe davam uma atenção que eu era incapaz de ceder —, mas, na minha cabeça, aquilo sempre fora temporário, e saber que, uma hora, ela iria embora me ajudava a passar os dias. Era insuportável a ideia de cuidar dela de maneira definitiva. Só de pensar em todas as responsabilidades e preocupações, eu já ficava sem ar. A alternativa, ou melhor, a solução, era entregá-la para a Vara da Infância e da Juventude.

Quando voltei para casa e toquei a campainha do apartamento de Dona Tereza, encontrei Poliana radiante e empanturrada de bolo. A velha senhora insistiu para que levássemos um pote com vários pedaços para comermos em casa. A garota saltitava no elevador, contando seu dia.

— E você, Tia Paula? O que fez?

Era a hora de contar. Não podia ficar adiando, nem enganar a pobre garota. Então falei tudo de uma vez, as palavras saltando da minha boca numa velocidade incontrolável, embolando-se. O sorriso inabalável de Poliana murchava a cada frase, como se elas fossem veneno.

— Então o meu pai vai ser preso? — perguntou ela finalmente, os olhos cheios de lágrimas. Ainda estávamos no corredor, eu sofrendo para encontrar as chaves na bolsa enquanto segurava o pote de bolo. — Por minha causa?

— Poliana... — disse, distraída. Onde estava a porra da chave? — Ele abandonou você quando se viu sozinho com a responsabilidade. Sumiu. Fugiu pra outro país. Ele é um pai horrível. Aliás, nem pai de verdade ele é.

— Ele não é horrível! — E então me assustei, porque Poliana ergueu a voz, que ecoou pelo corredor. Ela nunca tinha feito aquilo, nem nos nossos piores momentos. — Ele é meu pai! E sempre será!

— Olha...

— Você é uma mentirosa! Mentirosa! Você não gosta de mim! Achei que fosse me ajudar! Eu vou encontrar meu pai, sozinha!

E então ela saiu em disparada pelo corredor, descendo as escadas sem olhar por onde ia, em prantos.

Fui atrás dela, gritando seu nome, descendo os degraus de dois em dois para alcançá-la, até que ouvi um barulho seco e um grito. Em seguida, veio

uma sequência de batidas fortes, e, então, o silêncio.

— Merda... Poliana!

Encontrei-a caída no final do lance de escadas do primeiro andar, uma das pernas em uma posição impossível, o pescoço em um ângulo estranho e assustador.

“Merda, merda!”

Aproximei-me com cuidado, o coração aos saltos. Ela estava com olhos fechados.

— Ah, não, ah, não! Por favor, por favor! Merda, merda! Eu deixei a menina morrer, eu deixei a menina morrer! **ALGUÉM ME AJUDA AQUI!**

Seu José subiu aos tropeços e parou ao pé das escadas, alternando o olhar de Poliana para mim, o rosto estampando medo e horror.

— Ela morreu... Eu não consegui cuidar dela. É minha culpa!



Já fazia três dias que eu estava no hospital, à base de remédios para controlar minha ansiedade. Poliana não morreu, mas precisou passar por uma cirurgia séria e foi para a UTI. Enquanto isso, eu passava as horas perambulando pelos corredores como um zumbi, sem comer ou dormir, repetindo para mim mesma como aquilo era minha culpa. Liguei para a maldita igreja do pai da menina, mas desligaram na minha cara. Telefonei para minha advogada, que tentou me acalmar, dizendo que fora um acidente, mas eu continuava achando que, a qualquer momento, apareceria um policial para me prender por ter sido relaxada com uma criança. Era por isso, *por isso*, que eu nunca poderia ter aceitado ficar com ela, para início de conversa, nem por aquele breve período.

No quarto dia, Poliana acordou, mas, quando criei coragem para entrar na UTI, ela já tinha caído no sono de novo. Parecia ainda menor ali, numa cama, toda entubada, com aquela coisa enorme ao redor do seu pescoço e a perna engessada. No dia seguinte, foi movida para um quarto, e a enfermeira, com um olhar duro e recriminador, veio me buscar, dizendo que precisava acompanhá-la, pois era sua responsável no momento.

— Oi... — disse, aproximando-me da cama. Poliana virou o rosto para a janela, evitando-me. Sentei na poltrona ao seu lado, sem saber o que dizer, apenas com a sensação de que precisava falar alguma coisa. — Olha, Poliana,

me desculpe. Sinto muito. Mesmo. Não deveria ter dito tudo aquilo daquele jeito, apesar de ser verdade. Eu... não tenho jeito com as pessoas, principalmente com crianças.

Ela permaneceu em silêncio, ainda encarando a janela. Parecia outra, muito diferente da Poliana que tentava ficar feliz o tempo inteiro. Eu achava que ela era irritante antes, mas aquilo era ainda pior.

— O meu superpoder acabou — Poliana disse após um longo silêncio. — Eu não consigo mais fazer as flores aparecerem. Não consigo mais jogar o Jogo do Contente.

Era a minha vez de fazer silêncio. O que eu poderia responder, afinal? Não sabia. Não sabia como consertar aquilo. Além disso, não era minha obrigação. Nunca quis aquela responsabilidade, para início de conversa. Madalena me odiava, sempre disse que eu era uma mulher ruim e egoísta. Que eu não tinha coração. Ela não podia me cobrar agora, depois de morta, que cuidasse da filha dela.

— Você estava certa, Tia Paula. O meu pai me esqueceu. Eu tô aqui, e ele não veio me ver — Poliana continuou, a voz embargando. — Ele foi mesmo embora, como minha mãe, só que de um jeito diferente. Ele foi porque quis, porque não gosta de mim.

E então ela se virou para mim, o rosto lavado em lágrimas.

— Mas eu também não quero mais ficar com você. Você só me aguenta, mas não gosta de mim. — Ela fez uma pausa, os lábios tremendo, e finalmente gritou: — Você é má! Uma bruxa má! Vai embora! VAI EMBORA!

Fiz o que Poliana pediu. Não discuti, nem queria. Ela tinha razão. Quando fechei a porta atrás de mim, permiti que um alívio quente se espalhasse por dentro. Estava livre.

Sorri. E foi de verdade daquela vez.



A Mais Bela

The Wolf

Alemanha, dezembro de 1939

Grimhilde ouviu através do rádio a notícia de que a guerra recém-eclodida ia bem, correndo favoravelmente para seu país, mas não deu atenção a ela. Sentada à penteadeira de mogno, observava o próprio reflexo enquanto sentia uma preocupação maior do que aquela que tinha com relação ao mundo exterior se avolumar em seu espírito.

Estava esquecida. Durante seus anos de glória, fora a atriz de maior prestígio do cinema alemão: Hilde Bergman, aquela a quem chamavam de “A Mais Bela”. Tratavam-na como a uma verdadeira rainha, adulando-a e lhe oferecendo os presentes mais caros e os convites irrecusáveis pelos quais qualquer jovem alemã seria capaz de morrer. No entanto, seu reinado tivera um fim, e sequer fora a guerra a grande culpada por seu declínio.

O conflito trazia urgências maiores, e o cinema ficou relegado ao segundo plano, mas a obscuridade na qual fora lançada se devia a algo que, a seu ver, era mais complexo e difícil de se lidar: a substituição. Sabia que um dia ela chegaria. Afinal, as atrizes eram objetos que logo se tornavam obsoletos, mas não esperava ser ofuscada por sua própria enteada, aquela a quem criara como filha após a morte de seu marido tantos anos atrás.

A indústria cinematográfica era como uma imensa ave de rapina, sobrevoando a carne fresca de belas jovens com suas asas de penas negras e seus olhos que viam longe. Um belo dia, ao levar consigo a jovem Evelin aos estúdios onde seria rodado o mais novo filme do qual fora escalada como estrela principal, Hilde teve a mais desagradável das surpresas.

Logo que adentraram no imenso galpão onde estava montado o cenário que remetia a uma vila medieval germânica, com suas casinhas de treliças e seus pinheiros artificiais, foram recebidas por Florian, que era tanto diretor do longa-metragem quanto o proprietário de tudo o que se erguia ao redor.

Hilde nutria por ele sentimentos que não tinha coragem de exteriorizar, talvez por ter a certeza de que não seria poupada dos boatos de que não passava de uma atriz gananciosa e interesseira em busca de um matrimônio

lucrativo. Mas as pessoas eram maldosas, não podiam ver o que se passava em seu íntimo. Não tinham como tomar parte daquilo que a bela mulher de lábios rubros e coração palpitante sentia sempre que tinha a oportunidade de estar na presença do homem que lhe despertava tudo o que havia de melhor em seu interior.

Do alto de seus cinquenta anos de idade, Florian era um homem muito atraente. Tinha os cabelos claros bem penteados e divididos em uma linha lateral, e os olhos, constantemente brilhantes e atentos, eram característica dos caça-talentos mais habilidosos. Seu terno era sempre impecavelmente passado, combinando com os sapatos de cadarços que jamais se mostravam opacos por falta de graxa.

O que a atraía, no entanto, ia além dos aspectos físicos. A seu ver, o homem tinha um coração doce, generoso, dotado de um espírito que não hesitava em fazer o que era necessário para garantir o bem-estar de todos ao seu redor. Qualidades que Grimhilde admirava e que a haviam feito se apaixonar irremediavelmente por aquele que, ela bem sabia, também nutria sentimentos românticos por sua pessoa.

Cumprimentou-o com um sorriso radiante na manhã em que ela e sua pequena Eve chegaram ao estúdio, enchendo-se de alegria ao receber um discreto beijo no rosto. Após uma breve troca de palavras, Florian se dirigiu à jovem que a acompanhava:

— E quem é esta? — Seus olhos então brilharam como nunca, como se, num passe de mágica, tivessem sido hipnotizados pelos cabelos negros que contrastavam com a pele muito branca da garota que, em silêncio, aparentava deslumbre com a magnitude daquele estúdio onde até o mais impossível dos sonhos parecia capaz de se tornar realidade.

— Esta é Evelin, a filha de meu falecido marido. — Hilde pousou as mãos nos ombros de sua enteada, dando-se conta de que algo em suas próprias palavras soava estranho e inadequado.

— Eve. — O homem se concentrou no rosto da jovem mulher, observando-lhe os traços delicados com muita atenção. E num sussurro, dito mais para si mesmo do que para aquelas que o acompanhavam, proferiu: — Branca como a neve... “Branca de Neve”!

A garota subitamente abriu um sorriso enviesado, como se a alcunha lhe agradasse.

— Vamos — disse um Florian quase extasiado. — Vamos, vamos, vamos! Venham comigo até a sala de reuniões.

Um tanto confusa, Grimhilde o acompanhou enquanto lançava olhares de

soslaio à sua sempre muito calada enteada. Nunca fora de muitas palavras, talvez por conta da perda precoce do pai a quem tanto adorava, mas não havia como se negar o fato de que Eve era uma jovem ligeiramente estranha para sua idade. Não tinha amigas próximas, e seu comportamento era quase sempre soturno e distante, algo questionável para uma menina na flor da mocidade.

Hilde tentou afastar os pensamentos ruins que a assaltaram no caminho para a sala de reuniões. Sempre preferiu acreditar no melhor lado das pessoas, e não lhe parecia adequado insistir na busca pelos defeitos de sua própria enteada. Recriminou-se por pensar como uma mulher envenenada pelo ciúme. Sequer havia motivo para tanto. Afinal, Eve era apenas uma juvenzinha, ainda intocada pelos atributos naturais que um dia a fariam parecer atraente aos olhos dos rapazes.

Na sala havia sete homens. Reconheceu ali executivos e profissionais responsáveis por rodar o filme que estrelaria. Tratava-se da história de uma princesa que, perseguida por uma bruxa má por conta de sua beleza, buscava refúgio nas florestas da antiga Germânia, ao lado de pequenas criaturas que se tornariam suas amigas e confidentes. Certa de que seria apresentada como Hilde Bergman, a atriz principal, Grimhilde se posicionou um passo à frente de sua enteada e aguardou que Florian desse início às formalidades com sua voz sempre suave e calculista

Quando ele falou, no entanto, não foram ditas as palavras que ela gostaria de ouvir.

— Meus caros colegas — anunciou com um sorriso —, eu lhes apresento Eve Bergman, nossa estrela principal.

Sem saber qual reação esboçar, Hilde se manteve estática enquanto via os sete homens se levantarem e, de pé, aplaudirem a escolha do diretor. Tudo lhe pareceu estranho e despropositado, e chegou a imaginar que se tratava de uma brincadeira, certa de que logo seria anunciada para o papel que lhe pertencia por direito. Evelin era ainda muito nova, sequer tinha experiência com atuação, e nem mesmo havia participado de uma audição para estrelar aquele filme. Certamente, aquela cena não passava de uma peça — de muitíssimo mau gosto — que tentavam lhe pregar.

Mas logo Hilde pôde constatar que não estava diante de um ato encenado, e a visão de Eve assinando o contrato diante de si foi mais do que poderia suportar. A bela mulher desabou em lágrimas que foram interpretadas como uma manifestação de orgulho pela conquista de sua enteada, e, de repente, todos comemoravam o futuro sucesso do longa-metragem com suas taças de espumante em mãos e risos escandalosos demais para aquela hora da manhã.

Grimhilde nunca foi capaz de compreender como aquilo tudo acontecera. O evento responsável por seu completo declínio na indústria cinematográfica não fazia sentido em sua mente, tendo em vista que “A Mais Bela” sempre fora o símbolo máximo de beleza e talento do cinema alemão. Parecia-lhe inconcebível que uma jovem cujas características de mulher adulta ainda nem bem eram desenvolvidas pudesse, num passe de mágica, tomar seu lugar diante dos holofotes.

A mulher tocou o espelho da penteadeira de mogno com as pontas dos dedos, acariciando a superfície de vidro que começava a se mostrar ligeiramente mais luminosa, como se ganhasse vida própria sob seu toque.

A magia sempre fizera parte de sua vida, assim como estava presente nos lares de milhares de alemães desde os tempos mais remotos. Forças ocultas e poderosas transitavam por aquelas terras, ora de passagem, ora enraizando-se e dominando o ambiente no qual desejavam se instalar. O ocultismo, o esoterismo, a cripto-história e o paranormal estavam inseridos no dia-a-dia de muitos de seus conterrâneos como algo natural, embora algumas pessoas — em sua maioria, do sexo feminino — se mostrassem mais preparadas para compreendê-los e utilizá-los a seu favor.

Grimhilde entendia o sobrenatural, e era justamente esta compreensão que a levava a uma constatação dolorosa que a enchia de tristeza e frustração.

— Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu? — A mulher perguntou ao espelho, que, com uma luminosidade, que tinha algo de misterioso e incompreensível, refletia a imagem de seu rosto cansado e infeliz.

O objeto mágico prontamente respondeu:

— Branca de Neve é mil vezes mais bela.

A voz saída do espelho era cristalina como água, tornando as palavras impossíveis de serem confundidas. Hilde estava acostumada a elas, e, no entanto, a cada vez que as ouvia, sentia como se cada uma fosse um punhal em fogo cravado em seu coração partido, que era gradativamente dominado pelo rancor.

Inquieta, levantou-se para que o reflexo no espelho não mostrasse as lágrimas que escorriam em seu rosto. Não havia algo que pudesse fazer a respeito. Afinal, o domínio que tinha sobre a magia não lhe garantia que obtivesse tudo o que desejava, e muito menos que pudesse resgatar aquilo que havia perdido.

Se fosse sincera consigo mesma, diria que o declínio de sua carreira se dera antes mesmo da escolha de Eve como protagonista de “Branca de Neve”. Há

muito, percebia os indícios de que, ao primeiro rosto jovem e belo que surgisse como um potencial substituto, seria varrida da indústria cinematográfica e condenada ao esquecimento. Os sinais foram dados, mas Hilde, em sua ânsia por protagonismo, optou por ignorá-los tanto quanto pôde.

Seu impulso era de destruir a responsável por seu sofrimento, mas sabia que a magia não funcionava desta forma. Os poderes ocultos não representavam a onipotência que todos imaginavam, e seu uso — bem como o êxito ao utilizá-los — dependia de fatores externos totalmente alheios ao seu controle.

Sabia que, se tentasse tirar Eve de seu caminho, poderia ter voltadas contra si todas as forças malignas evocadas para dar um fim à menina. Precisava ser cautelosa, pois a magia cobrava caro àqueles que a utilizavam para fins egoístas, e o preço era dobrado a quem fizesse seu uso com propósitos obscuros.

Sentando-se novamente à penteadeira de mogno, A Mais Bela passou os dedos pelo pavio da vela que jazia ali entre os itens de maquiagem que costumava usar sempre que saía. A chama se acendeu no mesmo instante, iluminando o quarto que começava a ficar penumbroso com a noite que caía. A mulher puxou então um cigarro de uma cigarreira de metal e o acendeu no fogo tremeluzente.

— Se Branca de Neve morrer, quem será a mais bela? — Seus lábios pintados com batom vermelho-sangue deixaram que a pergunta fluísse, firme e resoluta, e ganhasse o ar juntamente com a fumaça esbranquiçada.

O espelho se manteve em silêncio por um breve momento, mas logo veio a resposta tão esperada:

“Você será a mais bela”.

Hilde Bergman levou a mão de unhas cuidadosamente esmaltadas ao peito, vislumbrando um fio de esperança onde antes havia apenas ruína e frustração. O preço a se pagar era alto, mas estava disposta a encará-lo como mais um sacrifício semelhante a tantos outros que enfrentara em sua vida.

Valendo-se de uma ideia que desabrochou em sua mente, apagou o cigarro no cinzeiro de madrepérola e se levantou para dar início ao plano que a tornaria, mais uma vez, a mulher mais desejada da Alemanha.



Grimhilde observou a maçã de casca muito vermelha e brilhante que jazia diante de si. Tomara-lhe meses de trabalho envolvendo encantamentos antigos e maldições ditas em sussurros constantes, mas finalmente estava feita. Uma mordida, ainda que pequena, seria fatal.

Era irônico que precisasse usar seus poderes para resgatar uma carreira que viera naturalmente, sem o uso da magia, quando era poucos anos mais velha do que sua enteada. “Tudo é fácil quando se é jovem e bela”, pensou com certa melancolia antes de envolver o fruto em um corte de veludo escuro.

Guardou a maçã num pequeno baú de madeira e lançou um rápido olhar à rua iluminada por postes de luz amarela que se estendia sob a janela. De seu quarto, no segundo andar, podia ter uma ampla visão e constatar que tudo continuava como sempre fora. Sequer havia sinais de que o país ingressara numa guerra. Enquanto retocava a maquiagem, Hilde refletia a respeito das mudanças ao longo dos meses que se passaram, concluindo que as maiores delas se deram em sua vida particular, não na vida política de seu país.

Maquiava-se para jantar com Florian, o diretor com quem havia estreitado relações nos últimos tempos. Evelin ainda era a estrela de “Branca de Neve”, a quem todos mimavam e destinavam sua atenção, mas era visível que o cineasta nutria por Hilde Bergman certo tipo de carinho especial.

Evitava alimentar esperanças, mas volta e meia lhe passava pela cabeça a ideia de que, em breve, seria pedida em casamento. Embora a deixasse exultante, a possibilidade de ser uma mulher casada não era suficiente, e estava longe de significar a plenitude que tanto almejava em sua vida.

Queria ser a mais bela mulher da Alemanha novamente.

Mirou-se no espelho, sabendo que sua beleza não seria suficiente enquanto Evelin vivesse. Seus olhos profundamente azuis não eram o bastante, assim como o perfil perfeitamente esculpido e o nariz reto e alongado, tampouco os cabelos que caíam em ondas sedosas escovadas à exaustão. Quando comparada a Eve, não passava de uma velha atriz obsoleta que já vira seu próprio tempo passar.

— DESTRUA-SE! — gritou para o espelho, e ele prontamente obedeceu, partindo-se em cacos que se espalharam por todo o tampo da penteadeira.

Reprimiu o impulso de pegar uma daquelas lascas afiadas e cortar o próprio rosto com ela. Seu interior era um turbilhão de emoções, e, ao passo que seu coração se enchia de esperança, sofria com o fato de que o tempo era seu maior inimigo. Após Eve, quem seria a outra a tomar seu lugar? Sempre haveria outra mulher, mais jovem e mais bela, pronta a substituí-la — tanto nas telas de cinema quanto no leito que passara a dividir com Florian.

Como nem tudo era amargor em sua vida, no entanto, naquela mesma noite foi pedida em casamento por seu adorado amante. Com o fim das filmagens de “Branca de Neve”, o homem parecia quase apressado para tornar oficial o romance que mantinha com a bela atriz.

— Nunca lhe pedi desculpas pelo modo súbito como Eve foi anunciada como protagonista, mas você sabe como é o mundo do faz-de-conta. Às vezes, somos enfeitiçados pelo momento e nos deixamos levar — disse o futuro marido, que raramente abandonava sua postura calculista e profissional. — A garota é um talento que não poderia passar despercebido.

— Não importa, não importa — respondeu Grimhilde, ainda enlevada pelo pedido de casamento feito momentos antes.

— Ela pode ser a nova estrela da Alemanha, mas você é única em minha vida. — E, levando os lábios ao pé do ouvido da mulher, sussurrou: — A mais bela de todas as mulheres.

Assinaram os papéis dias depois, em uma cerimônia civil rápida, prontamente autorizada pelo NSDAP, e Hilde Bergman não se deu ao trabalho de indagar a sua enteada a respeito daquela união que, aos padrões de tempos de guerra, não poderia ser considerada exatamente precipitada.

A opinião de Eve tampouco era relevante. Afinal, Grimhilde não esperava que os três convivessem durante muito tempo como uma família.



Hilde Bergman, agora Bergman-Hess, era uma mulher casada, e, como tal, julgava-se merecedora de um presente de casamento dos mais memoráveis. Certa noite, quando Florian estava ausente e sua enteada bateu à porta de seu quarto, julgou ter a oportunidade perfeita para reconstruir sua vida por inteiro.

— Entre, querida — disse enquanto retirava rapidamente a maçã envenenada do pequeno baú no qual estava guardada.

Recebeu a garota com um sorriso que lhe foi retribuído de imediato. Com ar despreocupado e uma camisola um tanto adulta que lhe dava ares no mínimo despudorados, a pequena atriz Eve Bergman se recostou à porta enquanto avaliava a madrasta com seus olhos escuros, sem dar sinal de se incomodar com a mecha de cabelos negros que lhe cobria o rosto parcialmente.

Após um longo momento observando a mulher mais velha, Evelin

finalmente falou:

— Você é uma tola.

Apesar de esperar por uma discussão, Hilde não pôde disfarçar o súbito embaraço que a dominou.

— Por que diz isso, pequena Eve?

A jovem bufou.

— Não vê o motivo pelo qual Florian se casou com você? — A garota tinha o tom ligeiramente exasperado, como quem tenta explicar algo óbvio a uma criança que ainda não tem poder de compreensão. — Você arruinou sua vida.

Então Eve balançou a cabeça e riu, como se, no fundo, aquela situação a divertisse. Desconfortável, sua madrastra se ajeitou na cadeira enquanto percorria a casca da maçã que tinha em mãos com as pontas de seus dedos ansiosos.

— Por que diz isso, minha querida? — Grimhilde perguntou com voz firme enquanto encarava a jovem à sua frente, sem vacilar.

— Porque, “minha querida”... — A garota esticou um braço ao longo do batente da porta, numa pose que remetia às meretrizes baratas que aspiravam se tornar atrizes de cinema. — Florian está apaixonado por mim, não por você.

Foi a vez de Hilde Bergman rir.

— Ora, por favor — disse, levantando-se. — Sei que o casamento foi um tanto inesperado e a situação pode ser complicada de se lidar no início, *Süße*^[1], mas...

— Você se pergunta como consegui o papel. — A jovem mulher a interrompeu. — Dormi com Florian, sua tola cega. Somos amantes há muito tempo. Não esperava realmente que ele pudesse se apaixonar por uma decrépita como você, não é?

Grimhilde estava chocada com aquela insolência. Era claro que se tratava de devaneios de uma adolescente ensandecida de ciúmes, e Hilde estava certa de que suas palavras eram falsas e vazias de significado, mas ainda assim elas feriam como punhais embebidos em veneno. Queria recriminá-la pela petulância, mas o constrangimento a impediu de fazê-lo de imediato.

Ademais, num mundo onde mulheres eram educadas desde muito cedo para enxergar outras mulheres como rivais a se destruírem, aquele comportamento era, apesar de completamente reprovável, compreensível. De certo modo, aqueles dizeres não eram frutos nascidos da mente da jovem à sua frente;

foram nela injetados por uma sociedade corrompida, de valores distorcidos, cujas imposições deviam ser seguidas sem questionamentos ou objeções. A própria Hilde era vítima daquelas convenções, embora preferisse imaginar que estava acima delas, intocada no interior de uma redoma artística e intelectual que lhe oferecia proteção e privilégios.

— Está tudo acertado. — Eve continuou. — Você será internada num hospício. Não nos faltam provas de que você é uma louca desvairada. Até mesmo fala com objetos.

Com um meneio de cabeça, a garota indicou a penteadeira onde o espaço vazio indicava que ali houvera um espelho. Sem saber o que fazer, a mulher mais velha deu um passo na direção de sua enteada.

— Querida, entendo sua frustração diante de nossa nova família, mas...

Antes que pudesse terminar a frase, no entanto, viu Evelin correr para as escadas com a longa camisola de seda negra esvoaçando atrás de si. Desnorteada pelo rumo que aquela conversa havia tomado, Hilde seguiu no encalço da jovem até o andar térreo, onde ela foi à porta de entrada e a abriu.

— Você é uma mulher desequilibrada, e pode muito bem ser perigosa. — Eve atirou as palavras no rosto da madrastra antes de bater a porta com estrondo.

Sem se dar por vencida, Grimhilde a abriu e perseguiu a jovem Evelin ao longo de ruas e vielas envoltas na penumbra noturna. Trazia consigo a maçã que lhe custara tanto tempo e esforço para preparar, e, apesar do desentendimento que se dera momentos antes, pretendia vê-la cumprir com seu propósito ainda naquela noite.

A garota era veloz, mas, curiosamente, parecia fazer questão de ser seguida pelas ruas que Hilde conhecia bem. Volta e meia, lançava uma espiadela por cima dos ombros, certificando-se de que a madrastra a acompanhava a uma distância considerável. Num dado momento, sem grande surpresa, a mulher mais velha percebeu que entravam nos domínios dos estúdios de seu marido.

Eram as únicas pelas redondezas, pois o toque de recolher tinha sido dado havia um bom tempo. Lançando um último olhar para trás, a jovem se dirigiu a uma das grandes portas de metal do galpão que funcionava como estúdio e a empurrou. Estava destrancada — o que era curioso, afinal, Florian sempre se mostrou zeloso no que dizia respeito à segurança do local —, e logo se abriu com um ruído que remetia a ferrugem e umidade. Não havia um vigia noturno que pudesse pará-la, então a jovem Eve se esgueirou sem cerimônia para o interior escuro do imenso galpão.

Hilde a seguiu sem hesitar, atravessando a porta de metal para se ver imersa

em uma escuridão maciça capaz de perturbar os sentidos de qualquer mortal. Decidiu não tatear em busca do interruptor. Afinal, conhecia aquele lugar labiríntico melhor do que a garota, que certamente acabaria se perdendo nele. Encontrá-la não seria tão difícil, e aquela situação inusitada acabou por se mostrar ideal para a concretização dos planos que tinha em mente. A sorte parecia lhe sorrir, por fim.

Puxando a barra metálica da porta, a madrastra a fechou com um ruído alto. O silêncio era absoluto ali, e qualquer passo dado ou respiração entrecortada seriam perfeitamente audíveis.

— Eve? Querida? — Sua voz ecoou pelo ambiente, retornando aos seus ouvidos como pássaros portadores de mensagens. A garota estava por perto, ela podia sentir.

Tateando pelos cantos escuros, a mulher tentava captar no ar algum resquício do perfume floral que sua enteada costumava usar. Não sentiu sinal dele, mas, em seu lugar, havia um suave odor bolorento, de putrefação, que lhe trazia à mente a imagem de folhas apodrecidas sobre um terreno pantanoso. O teto do galpão, volta e meia, apresentava fendas, e as goteiras faziam com que água se acumulasse aqui e ali, o que tornava certas áreas úmidas e malcheirosas.

— *Süße*? Eu gostaria de me desculpar. Apareça, querida! — Nem bem terminou de chamar por sua enteada, a mulher viu o estúdio se iluminar com a luz amarela dos grandes canhões suspensos por tripés de metal.

Estava no meio do vilarejo medieval de pinheiros altos e casinhas de treliças. De trás de uma delas, envolta em sua camisola de seda negra e com a mecha de cabelos escovados que insistia em lhe cair ao rosto, saiu a jovem Eve.

— Ah, querida, me desculpe. — A madrastra assumiu uma postura quase servil. Presa por seus dedos que se fechavam sobre ela como garras, estava a maçã envenenada. — Nunca foi minha intenção magoá-la.

A garota pareceu arredia, mas disposta a aceitar o pedido de desculpa.

— Eu não queria ter dito aquilo — falou a jovem Evelin Bergman.

— É claro que não, querida. — A madrastra lhe ofereceu um sorriso tranquilizador. — É claro que não. Vamos fazer as pazes?

Eve balançou a cabeça timidamente.

— Veja só — continuou a mulher mais velha —, eu pretendia comer esta maçã, mas agora vou oferecê-la a você como um sinal de paz. É a mais bonita das que tínhamos na despensa.

Elas compartilharam um pequeno sorriso desajeitado, e Grimhilde estendeu o fruto reluzente de um vermelho muito vívido e tentador à garota que, com alguma cobiça no olhar, aceitou-o sem grande cerimônia.

— Sabe por que seu pai a batizou com este nome? Há muito tempo, em eras remotas, um de seus significados costumava ser “Maçã”. Logo que nasceu, ele julgou que seu rosto corado tinha os mesmos tons da casca de uma maçã madura.

A madrasta observou atentamente enquanto a jovem mulher levava o fruto suculento à boca a fim de saboreá-lo através da única mordida que lhe seria permitido dar.

— Mas hoje você está pálida, querida Eve. — O murmúrio ansioso que saiu por entre seus lábios pintados foi tão tênue, que sequer chegou aos seus próprios ouvidos.

No entanto, parecendo ouvir o que lhe era dito, Branca de Neve levantou suas longas pestanas e fixou os olhos muito escuros na mulher à sua frente. Algo em seu olhar despertou em Grimhilde uma súbita compaixão que nem mesmo ela julgava possuir em seu coração dominado por inveja e rancor. Durante um breve momento, teve vontade de tomar o fruto das mãos de sua enteada e atirá-lo longe.

Com sentimentos conflitantes que misturavam frustração e alívio, Hilde viu a garota afastar dos lábios a maçã envenenada que, com feitiços secretos e maldições seculares, levava tanto tempo para preparar. O destino parecia querer impedir que a tragédia se concretizasse. Se assim fosse, respeitaria sua vontade. O uso das forças mágicas requeria a sabedoria para compreender e se curvar diante daquilo que representava um poder maior do que o de seus desejos pessoais.

O riso de Eve a arrancou de suas divagações, trazendo-a de volta à realidade. A jovem mulher observava a maçã vermelha com certa ironia, girando-a entre os dedos, como se se tratasse de algo insignificante e desprovido de valor.

— Uma maçã? Muito simbólico — disse Eve com uma voz irreconhecível, permeada de malícia em cada sílaba.

E então, dando uma meia-volta que fez com que a camisola negra farfalhasse atrás de si, a bela garota foi até as casinhas de treliças que compunham aquele cenário. Estavam no meio do que representava a praça da cidade medieval, e as pequenas fachadas confeccionadas em madeira estavam dispostas num círculo perfeito em cujo centro estava Hilde Bergman.

Percorrendo as construções a passos lentos, a graciosa Eve tocava, um a

um, os archotes que ladeavam as portas das modestas casas. Num passe de mágica, chamas brotavam deles, tão logo recebiam o toque de seus dedos delicados, que eram brancos como mármore.

Estática, sua madrastra assistia àquela cena com uma resignação silenciosa que ocultava o assombro que se abatia sobre seu íntimo. Subestimara a enteada, afinal. Julgara-a uma garota frívola e impressionável, nada mais do que um rosto bonito e totalmente dispensável. Mas Branca de Neve tinha poderes, e, pelo que podia constatar através daquela demonstração, sabia perfeitamente como usá-los.

— Hilde, Hilde... — cantarolou a jovem com sua voz distorcida. — De tão ansiosa para agradar aos homens comuns, deixou-se arrastar para a própria destruição.

O estúdio parecia se tornar cada vez mais quente, e a fumaça dos archotes subia em espirais cinzentas até o teto do galpão. Grimhilde não esperava que a criatura desse um significado literal àquelas palavras, mas julgou por bem não a contrariar. Estava começando a ficar aflita com o rumo que a situação tomava.

— Consegui o papel graças à magia natural da beleza e da juventude, infalíveis aos olhos dos mortais, é verdade. *Mea culpa*. — A garota sorriu enquanto tirava uma das tochas de seu apoio na parede e percorria com ela a distância que a separava de sua madrastra. — Mas, assim como Florian decidiu me tornar Branca de Neve por sua própria vontade, não o induzi a se casar com o intuito de possuir todos os seus bens.

“A bem da verdade, a ideia brotou em sua mente como uma erva daninha que sequer me dei ao trabalho de regar. Com este estúdio à beira da falência, pareceu-lhe uma boa solução se casar com você e logo depois enfiá-la num sanatório a fim de tomar tudo o que lhe pertence.

“Sua casa na Brienner Strasse, que poderia ser entregue aos executivos como forma de quitar as dívidas milionárias que contraiu ao longo dos anos. Seu Mercedes conversível, que o homem sempre cobiçou, além de sentir uma pontada de frustração por saber que o carro de uma mera atriz era de um modelo superior àquele de que ele dispunha na garagem. Suas joias, sua coleção de antiguidades, até mesmo sua cigareira de metal.

“Sem que você soubesse, Florian lhe tomou tudo o que era seu. Inclusive minha guarda legal”.

A última frase foi dita com uma satisfação jocosa quase palpável. Curiosamente, aquela voz estranha pareceu soar como a de sua própria consciência, repetindo-lhe um pensamento que lhe passara diversas vezes pela

cabeça, mas que ela tratara de afastar como algo desagradável que beirava o absurdo. Hilde estremeceu. Ao mesmo tempo em que desejava sair correndo daquele lugar, algo — uma força desconhecida e misteriosa, que era como a sonolência que levava ao sono profundo: absoluta e irresistível — mantinha a mulher mais velha presa a ele.

Eve dominava o fogo como se fosse sua legítima senhora, movimentando as chamas altas dos archotes a seu bel-prazer. Num dado momento, quando pareceu se cansar de suas próprias brincadeiras, deixou que a tocha que tinha em mãos caísse ao chão.

O piso de madeira do cenário era pintado de forma a imitar paralelepípedos, e logo o fogo se espalhou sobre ele, correndo rápido sobre a tinta altamente inflamável.

“Liguem as câmeras!”, ordenou Eve Bergman com um grito, e os aparelhos espalhados pelo estúdio imediatamente começaram a filmar, registrando a cena que se desenrolava em meio à cortina de fumaça densa e cinzenta que tornava o ar cada vez mais sufocante.

Aterrorizada, Grimhilde julgou ver sete silhuetas masculinas a comandar as câmeras. Pareciam, ainda que gozando da condição de espectadores, participar ativamente de tudo o que acontecia, envoltos na mesma aura que a subjugava e a impedia de partir dali. Talvez não passassem de meras alucinações, fantasmas nascidos da fuligem que subia pelo ar, mas, aos seus olhos, pareceram perfeitamente reais. Sete espectros que lhe sorriam de maneiras diferentes, mostrando-lhe cada uma das faces da morte.

Os olhos escuros de Branca de Neve eram brilhantes, em contraste com sua pele sempre pálida. Seu semblante era perverso e não demonstrava resquícios de remorso ou pesar, deixando claro que, entre assumir o papel de vítima ou algoz, escolheria sempre a segunda opção. Havia algo de horivelmente belo no modo como era segura, convicta daquilo que fazia, ainda que suas intenções fossem as mais cruéis que um ser humano poderia imaginar.

“Florian vendeu a alma a Mefistófeles em troca de dinheiro e prazeres proibidos. Eve é, na verdade, a face obscura de Lilith”, pensou a velha atriz com amargor enquanto sentia o fogo lhe lambe os tornozelos. “E, como é sabido, a magia cobra caro àqueles que a utilizam para fins egoístas e obscuros”.

Quando as chamas alcançaram a altura de seu peito, tornou-se quase impossível respirar. A dor que passou a sentir foi única, nunca antes experimentada, e não sentiu surpresa ao constatar que a garota de olhos diabólicos não partilhava dela. Antes, movia-se com fluidez pelo fogo, quase como se dançasse com ele, com sua camisola vaporosa intacta a delinear seu

corpo jovem de formas invejáveis.

Mirando-a nos olhos com ar plácido, até mesmo angelical, Eve levou a maçã envenenada à boca e a mordeu de modo desejoso, quase obsceno, deixando que o sumo doce carregado de morte e maldição escorresse por entre seus lábios juvenis.

Sem dar sinal de ter sido afetada pelo feitiço, a garota ofereceu um último sorriso à madrasta. Seus dentes alvíssimos se mostravam de maneira sarcástica e desdenhosa, como se celebrassem as filmagens da última grande produção protagonizada por Hilde Bergman.

A Hilde, por sua vez, restou esperar que aquele significasse o fim das inquietações e suplícios mundanos, o alívio dos tormentos a que era submetida enquanto mulher. Impedida de esboçar qualquer outra reação, fechou os olhos num ato simbólico enquanto sentia o odor da própria carne a queimar, dando-se por vencida pelo fogo que a tudo consumia e a tudo purgava.

A madrasta aceitou seu destino, curvando-se a ele com a nobreza de quem sabia reconhecer uma batalha perdida. No fundo, tinha plena consciência de que não devia aquela derrota a Eve ou qualquer outra que poderia vir a substituí-la nas telas de cinema. Era subjugada pelo tempo — que era como um rio implacável que jamais permitia aos homens nadar contra a correnteza —, e, acima de tudo, por um mundo cruel ao qual já não conseguia mais se adequar.

A imagem de Branca de Neve sorrindo por trás da fúria das chamas foi a última gravada em sua mente mortal. Ela era, de todas, a mais jovem e bela.



A Face da Inocência

Deia Klein

Bastava ouvir passos subindo a escada para me arrepiar. Seria ela, dessa vez?

Algumas vezes, eu sentia vontade de me esconder sob a cama larga de dossel e deixar que batesse na porta até que essa viesse abaixo. Noutras, pensava que melhor mesmo seria arrumar o pó mágico da Sininho e sumir Terra do Nunca afora, como minha antiga ama contava em histórias. Mas então me dava conta que vivia no mundo real, aqui e agora, pés no chão, e que minha sogra, embora não tivesse o nariz grande, nem andasse com maçãs envenenadas sob a roupa negra, era a própria encarnação da bruxa má.

Quando meu pai contou que prometera minha mão em casamento ao belo nobre Theodoro, vizinho de nossa propriedade, não fiquei exatamente feliz, mas ao menos me consolei, pois, pelo que diziam os criados, ele não era velho, nem feio. E embora lhe faltasse uma mão, fruto de um acidente na infância, os rumores diziam que tinha bom coração.

Meu pai estava falido. Anos de farra, desperdício e má administração haviam quebrado sua, antes, imensa fortuna. O infortúnio teve início quando minha mãe morreu ao dar a luz ao meu único irmão, luz dos meus olhos e benção em minha vida. E por mais que meu pai ansiasse por um filho homem, quando Marcus nasceu, e por fatalidade levou minha mãe à morte, ele mal conseguia olhar para o pequeno. Coube a mim, na época, com nove anos, e à ama, cuidar, alimentar e educar o pequeno bebê.

Minha única tristeza ao deixar a casa de minha infância seria meu irmãozinho. Ele estava com sete anos e ficaria sob a tutela de nossa ama, velha demais para dar conta de um juvenzinho cheio de energia. Mas como não podíamos manter outros empregados, só me restava orar para que ela conseguisse dar freios e educação ao garotinho.



Conheci Theodoro dias antes de nosso enlace, quando eu estava sob o caramanchão do lago, conversando com as carpas, na bela tarde outonal. Foi com susto que o recebi, dando um pulo quando a voz forte e grossa falou às minhas costas:

— Boa tarde, Senhorita Grace!

— Oh... — murmurei, virando-me tão rapidamente, que escorreguei e quase caí no lago, não fossem as mãos firmes de Theodoro a me segurarem. — Que-quem é você? — indaguei, assustada.

— Theodoro, seu noivo — disse, e me colocou em pé, um leve sorriso nos lábios, mãos em minha cintura. — Desculpe se a assustei... E se vim sem comunicar com antecedência. Queria que nos conhecêssemos...

— Meu pai sabe de sua presença, aqui? — perguntei baixinho, ainda entre os seus braços, fitando olhos de um azul cor de céu em dia ensolarado.

— Não, Grace, quis fazer-lhe uma surpresa — explicou, admirando o rosto da jovem que seria sua esposa em um par de dias.

— Eu... — Corei, percebendo o calor do corpo forte junto ao meu, as mãos quentes que me seguravam, o perfume que ele exalava e que jamais havia sentido antes, em pessoa alguma. — Já estou bem, você pode me soltar.

— Me perdoe. — Sorriu, mãos ainda me rodeando. — Era imperativo que viesse até aqui antes do casamento. Quero lhe dar a oportunidade de desistir, se assim o quiser.

— E porque eu faria isso? — Meus olhos estavam presos aos dele.

— Porque talvez você me ache odioso, já que me falta um membro — falou com amargura, soltando-me bruscamente e sacudindo um braço com uma mão entalhada em madeira.

Apenas ergui uma sobrancelha, observando a mão perfeitamente esculpida.

— Meus parabéns ao artesão, ele é muito talentoso. — Sorri, não me afastando um passo sequer dele.

Theodoro sorriu, e aquele largo e sincero sorriso, aliado à sua altura, braços fortes e olhos gentis, fizeram meu coração acelerar.

Conversamos até o sol se pôr. Theodoro contou que perdera a mão ao defender um amigo que se metera em encrenca com um menino mais velho, sob a lâmina de uma espada. Pensou que fosse morrer, por ter perdido muito sangue, e mais tarde, de tanta tristeza. Como iria tocar a propriedade de seu pai, desposar uma mulher, criar filhos, partir lenha ou mesmo caçar? A tristeza quase o consumira, até que a morte do pai, quando contava quinze anos, forçosamente o tirara daquele estado de desânimo, e o obrigara a assumir as funções para as quais havia sido preparado. Há alguns anos, um bondoso marceneiro aparecera em seus caminhos, e caprichosamente entalhara a mão que agora ostentava.

Na grande mansão que seria meu lar, viviam ele e a mãe. Suas duas irmãs estavam casadas. Relutara em desposar uma mulher por causa de sua

condição. Enfrentava diariamente olhares de aversão, repugnância e escárnio, segundo suas palavras. Mas, ao saber que meu pai enfrentava dificuldades, achou que era hora de reunir nossas propriedades em troca da minha mão. Pagaria nossas dívidas, sustentaria nossa propriedade até meu irmão ficar adulto, e teria uma forma de continuar sua linhagem. Perguntou-me se eu não me ofendia com a proposta, se sabia das dificuldades da família. Garanti que estava a par de tudo e havia concordado. Só não consegui confessar que havia me apaixonado por ele à primeira vista. Ter vindo me visitar nessa tarde foi a melhor coisa que ele podia ter feito!



Fui apresentada à mãe de Theodoro na véspera do casamento. O olhar de reprovação e sua aura negativa me deram arrepios de imediato. Quando ela segurou minhas mãos, quase desmaiei. Senti um leve choque e fiquei com os braços formigando, enquanto ela me analisava da cabeça aos pés, e, com um sorriso falso, dizia-me que era bem-vinda à família. Insistiu em prender um broche negro em meu branquíssimo vestido de noiva, que estava sendo aprontado, sobre a cama. Que fora o mesmo que minha mãe usara, quando do seu casamento com papai. Era um broche horroroso, parecia um corvo, talvez um morcego, mas, segundo ela, traria boa sorte. Torci o nariz, mas, em sinal de boa vontade, concordei.

Durante a cerimônia, senti náuseas em alguns momentos. Em outros, dor na cabeça. Nervos, tentei justificar. E mesmo quando fomos desfrutar de nossa noite de núpcias, além das pernas trêmulas, sentia o estômago queimar.

Theodoro, percebendo que eu não estava bem, ajudou-me a retirar o traje, deu um beijo singelo na minha testa e foi dormir em outro quarto. Fiquei meio decepcionada, mas, ao mesmo tempo, senti-me confortada por seu respeito e consideração.

Mal tinha amanhecido quando bateram à porta. Achei que fosse meu marido, e, contente, fui recebê-lo, vestindo somente a camisola branca. Para meu desprazer, era sua mãe, que, solícita, viera saber se eu precisava de algo e como me sentia após a consumação do casamento.

Após eu contar que nada havia acontecido entre nós, ela sorriu majestosamente e me recomendou que bebesse o chá que a criada traria, pois faria me sentir melhor. Segui seu conselho. Mas não melhorei. Pelo contrário, durante o dia, tive tantas náuseas, que lancei as refeições fora, uma após a outra.

Durante uma semana inteira, sofri mal-estar, até que resolvi pedir a Theodoro que mandasse buscar minha ama. Sua mãe se opôs na hora, dizendo-se ofendida. Afinal, havia criado três filhos, e com certeza seria capaz de ajudar a própria nora. Ele cedeu, e eu me resenti. Estava fraca, aborrecida e me sentindo rejeitada. Meu marido continuava a dormir em seu antigo quarto, e, a não ser pelo beijo na testa, antes de eu me recolher à noite, sozinha, mal chegava perto de mim.

Lutando contra a vontade de dormir e repousar indefinidamente, levantei, e, quase me arrastando, fui, lentamente, abrindo as inúmeras portas a fim de conhecer a mansão que agora era minha casa. Num desses cômodos, encontrei centenas de potes com ervas, velas de diversas cores, caldeirões grandes e pequenos, bonecos de palha com roupas de feltro, escovas de cabelo e mais um tanto de objetos bizarros. Espantada e receosa de que alguém me encontrasse, fechei a porta e saí dali rapidamente. Mas fiquei intrigada, e deveras desconfiada.

Dez dias já haviam se passado desde o nosso casamento, e nada de Theodoro o consumir. Quando o confrontei, na décima primeira noite, e ainda me sentindo fraca e sem nada sólido que parasse no estômago, ele me abraçou, beijou meus cabelos e disse que estava seriamente preocupado com meu estado frágil. Naquela noite, dormimos na mesma cama pela primeira vez, e me senti um pouco melhor entre seus braços fortes. Ao acordar na cama já sem a sua presença, mas seu cheiro preso nos lençóis, estava quase feliz. Felicidade que se dissipou ao longo do dia, quando, após tomar uma sopa que deveria me fazer bem, voltei a sentir fortes dores no estômago, e, para piorar, falta de ar.

Havia insistido para me juntar a Theodoro e sua mãe à mesa do almoço, e ela não fez a menor questão de disfarçar que minha presença a desagradou, pois teve de ceder o lugar que ocupava, ao seu lado direito, para mim, sua esposa.

À tarde, aproveitando que estaria sozinha em casa, pedi à cozinheira que preparasse um mingau de aveia como a minha ama fazia. Fiquei ao seu lado, dando as diretrizes de como o preferia. Comi com gosto e, me sentindo muito melhor, voltei ao tal quarto que me deixara intrigada. Abri potes, cheirei seus conteúdos, bisbilhotei nas ervas, reconhecendo algumas. Arte que aprendera com minha ama. E uma leve desconfiança me perpassou.

Voltei à cozinha na hora da janta, servi-me direto da panela, ceei ali mesmo. Quando a mãe de Theodoro apareceu, solícita e afável, no meu quarto, com a tigela de sopa, recusei gentilmente, contando que estivera com fome mais cedo, e, portanto, já havia jantado. Seus olhos se franziram, mas nada disse. Saiu e voltou quando Theodoro estava comigo, com uma manta

que dissera ter feito especialmente para mim, assim que soubera do nosso casamento, e que, agora, com a mudança do tempo, finalmente era chegada a hora dela me presentear.

Meu marido, contente com a amabilidade da mãe, estendeu a manta sobre a cama, e eu imediatamente tive uma crise de espirros. A sogra falou que não era nada, devia ser um resfriado, por causa do frio inesperado. Mandaria um chá pela criada, e recomendou que me agasalhasse sob a manta.

O único abrigo que eu desejava era os braços do meu marido em torno de mim, então, fazendo beicinho, convidei-o a se aconchegar, e, sem que percebesse, joguei a manta para o chão.

Não abrimos a porta para a criada, dispensei o chá, e, como me sentia melhor, sem falar no quanto estava enamorada por Theodoro, finalmente nosso casamento foi concretizado.

Meu gentil Theodoro foi amável e intenso ao mesmo tempo, e eu, curiosa e apaixonada, enfim virei sua mulher.



Não sei quantas batidas haviam sido dadas, mas ouvi e as ignorei, olhos cerrados, lembrando a noite maravilhosa com Theodoro.

Fui tomar café na cozinha, junto à cozinheira, que, amistosa, deu-me pão quente, recém-assado no forno enorme de pedra, e leite morno, tirado das vacas da propriedade nessa manhã.

— A Senhora Grace está se sentindo melhor?

— Muito melhor, obrigada — respondi com ar contente. Comida boa e fresca, e uma noite de amor operavam milagres.

— A Senhora Dona Grace tem feito bem em vir à cozinha se alimentar — ponderou a cozinheira, em seu avental muito branco e engomado. — Tudo o que sai daqui é saudável e faz bem, tenho certeza que seu mal-estar passou, não é, Senhorinha?

E sabe que ela estava certa?! Estava como nova. E então meus pensamentos se voltaram à salinha esquisita, e eu aproveitei para lhe perguntar o que era.

— Ah... É a *Sala de Mistérios* da Dona Quitéria, onde ela tem seu próprio acervo de... coisas... Mas aconselho à Senhorinha a não ir até lá. Pode ser... ruim para... a saúde, entende o que digo?

E a verdade caiu em mim como uma patada dos puro-sangue de Theodoro.

Sua mãe estava me deixando doente. Ela estava tentando me... envenenar? Arregalei os olhos e saí da cozinha a passos rápido, retornando ao quarto.

Procurei algum vestígio dos chás, mas obviamente as louças haviam sido recolhidas. Não havia pistas. Mas havia... a manta. Sim, a manta! De tanto espirrar, eu a havia descartado no fundo do armário, certa de que me instaurara alguma alergia. E Theodoro, distraído, não dera falta da coberta. Procurei-a, e foi só colocar as mãos sobre a coberta, que coceira e espirros se fizeram presentes. Maldita manta! Joguei-a pela janela.

Na hora do almoço, Quitéria tentou me empurrar para comer no quarto. Recusei. No lanche e no jantar, novas tentativas, mais uma vez esvaziadas pelo meu olhar doce e agradecido. Antes de dormir, levou um chá ao nosso quarto, que foi devidamente esquecido, pois novamente Theodoro estava ao meu lado, nossos lençóis amassados, nossos corpos abrigados.

Sentia-me viva ao seu lado. E aquela mão que ele não tinha, ah, não fazia a menor falta.



No dia seguinte, mal Theodoro saiu, Quitéria bateu à porta.

— E não adianta se fingir de surda, Grace, pois sei muito bem que você está me ouvindo.

Com ar angelical, abri a porta.

— Bom dia, mãe — provoqueei-a. — A senhora precisa de alguma coisa?

— Que você suma da minha vida e da do meu filho! — cuspiu as palavras. — Quer dizer que você descobriu sobre os chás e a comida?!

— Descobri o quê? — Fiz-me de desentendida, olhos lacrimosos. — Por que a senhora está falando assim comigo, mãe? Fiz alguma coisa que a aborreceu? — E passei a chorar copiosamente.

Devo tê-la convencido, pois imediatamente se cercou de mim e abraçou-me, falando palavras de consolo. Convidou-me a voltar a descansar, e, mais tarde, ir vê-la, pois queria me mostrar algo.

Nesse meio tempo, fui à cozinha e preparei, eu mesma, uma torta de maçãs. “Receita de família”, falei à cozinheira, justificando o porquê de eu mesma colocar as mãos na massa. Torta assada e desenformada, levei-a para minha sogra, que, atraída pelo odor de canela e especiarias, comeu logo vários pedaços.

Almoçamos os três juntos. Ela, cheia de palavras amorosas para Theodoro, e olhares indecifráveis para mim.

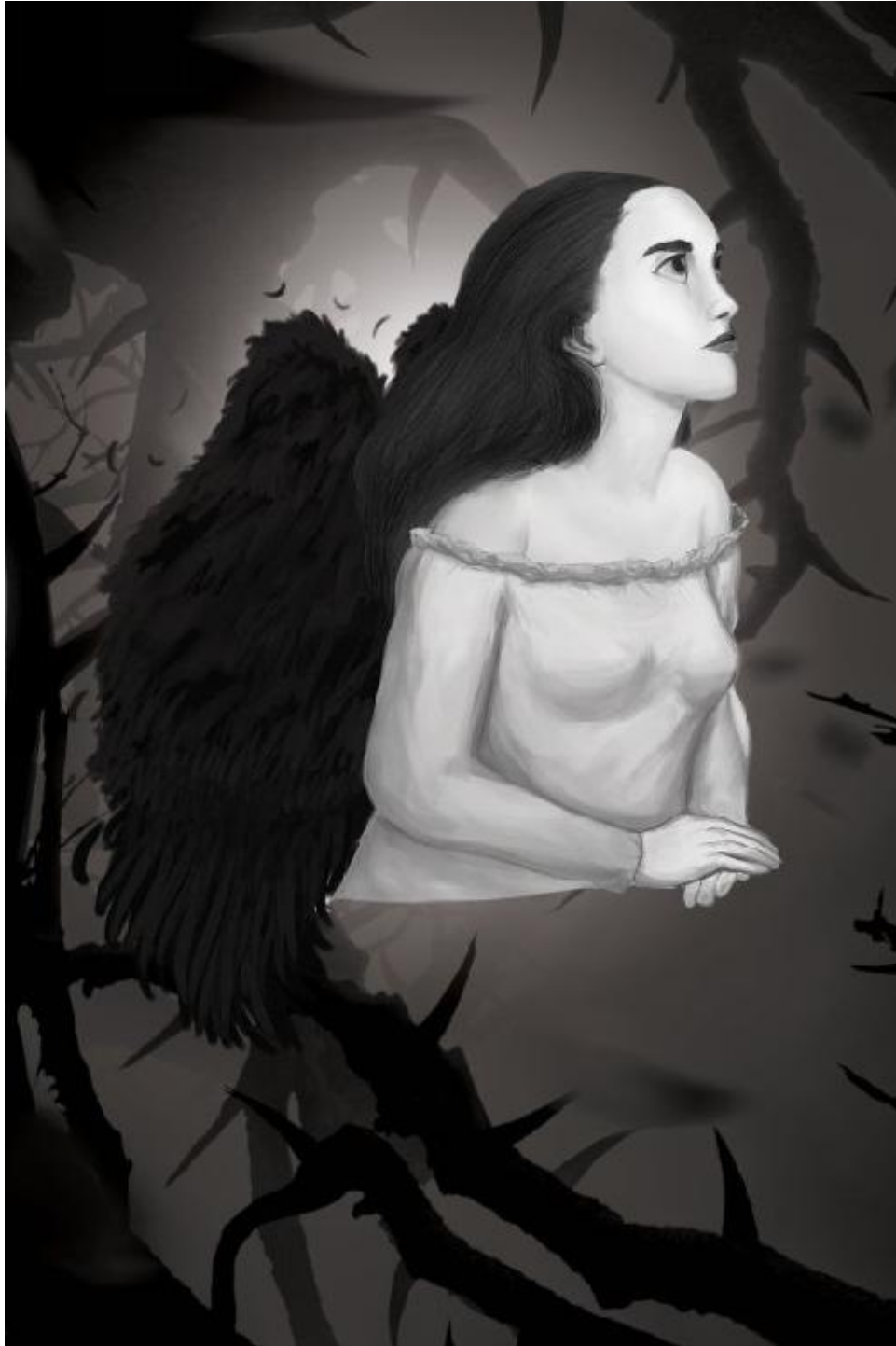
À tarde, meu irmãozinho e a ama vieram me visitar, pois haviam ficado sabendo que minha saúde fora restabelecida.

No finzinho do dia, Quitéria mandou me chamar. E me levou até a tal sala de mistérios, que chaveou assim que nela pusemos os pés. Mal entramos, e ela se transformou numa mulher ciumenta, rancorosa e odiosa. Seus olhos ficaram vermelhos, de suas narinas saíam gases fétidos, sua voz parecia a de uma gralha rouca. Arregalei os olhos, apavorada. O que a fez rir como uma megera.

Dei um passo para trás, tentando buscar a porta de saída. Ela então segurou um bonequinho de palha que, percebi, estava vestido com o tecido de um dos meus vestidos, e enquanto ria como uma louca, pegou uma agulha enorme e o espetou. Eu levei a mão à garganta, amedrontada. E ela, com olhos mais assombrados que os meus, espetou o boneco com outra agulha ainda maior.

Não tenho certeza do que aquilo parecia ser, ou do efeito que deveria ter, mas Quitéria pegou um punhal sobre a bancada da mesa, seus olhos raivosos parecendo duas bolas de fogo. Ergueu a mão e, rindo descontroladamente, gritando abominações, ameaçou lacerar o boneco. Nisso, começou a tossir desesperadamente, o boneco caindo ao chão, seus joelhos se dobrando, fracos, e suas mãos forçando a própria boca, tentando desesperadamente levar ar aos pulmões. Encarei-a com olhos inocentes, e, sorrindo, perguntei se a torta de maçã estivera boa.

Virei as costas, fechei a porta e fui me arrumar, estava quase na hora de meu amado marido chegar.



Bendita Seja a Criação, Maldita é a Criatura

Geovanna Ferreira

No princípio, criou Deus o Céu e a Terra.

E a Terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: “Haja luz”. E houve luz.

E viu Deus que era boa a luz, e fez Deus a separação entre a luz e as trevas. E Deus criou as folhas e as flores, as aves e os répteis, o tudo e o todo, e os seres. Deus criou corações e ossos, sangue e cartilagens, olhos e cílios, a pulsação, joelhos e asas. O sentir, o sofrer e o amar. Deus criou anjos, afogando-os na glória, na perfeição, em si mesmo, e os colocou no alto, e decretou a eles um destino.

E assim Deus a criou. Depois, fez os homens e os condenou a existir lá embaixo. E condenou também, a eles, a velar por eles, por toda a eternidade.

Ela estava lá. Quando a serpente rastejou, a maçã profana foi mordida e a primeira lágrima regou o solo sagrado. Ela permaneceu na entrada do Éden, um aviso, para que os filhos amados e odiados jamais olhassem para trás, jamais ousassem voltar. Ela viu o homem sorrir e chorar, matar e enlouquecer, viu o sangue quente escorrer, a loucura avermelhar as pupilas, a morte vencer a vida. Presenciou a obra mais querida do Pai se corroer em ruína, milênio após milênio. Ela guardou o homem, pois era sua sina, pois assim queria o Rei dos Reis. Ela ouviu suas palavras e presenciou seus pecados, viveu com eles suas blasfêmias. Ela viu o povo calejar os pés por quarenta anos, viu o mar se abrir e, por um mero instante, desejou que as águas cedessem, que a Criação não girasse em torno dos humanos. Que eles se afogassem em seu próprio mal, que o Egito lavasse aquela mácula para sempre.

Ela viu o enxofre cair, ela sorriu quando os gritos sangraram, quando Sodoma chorou e Gomorra ardeu até o fim. Ela achou que aquilo era justo, pois eles eram ruins. Ela esteve ao lado de Gabriel quando ele pronunciou aquelas palavras. Os homens não mereciam, mas Deus ainda os amava. Deus viria à Terra, por eles. E a virgem chorou. Se ela tivesse lágrimas, choraria também. De ódio. Mas ela nunca teve lágrimas, nunca conheceu escolhas, apenas suas asas, que pesavam nas costas, apenas o infinito e o eterno, o dever, o celestial, o chão humano encharcado pela podridão, e a luz do alto, cegando, ordenando, amando, exigindo que ela os salvasse, que ela tivesse

piedade, que a Criação se compadecesse por eles. Como ela queria ser mais, ser mais amada pelo Pai, ser um deles, para poder se rasgar diante de Deus e chorar a verdade: os humanos eram uma maldição, uma doença na perfeição.

Mas ela era apenas outro anjo.

E eles eram eles. Tão pequenos, tão amados, tão diabólicos, tão divinos. Seres que matavam, que dilaceravam, que riam, que atiravam com seus canhões, que mutilavam e gostavam do gosto salgado das lágrimas de seus semelhantes. Eles, que viram o Filho de Deus dar seu último suspiro, e, mesmo assim, mesmo que o Rei dos Reis tenha morrido da forma mais humilhante, seguiram sua marcha satânica por séculos sem fim.

Até que, um dia, um milagre: a agonia cessou. Eles eram o problema e a própria solução. Tão certo como ela era um anjo da guarda, eles eram humanos. Tão certo como ela tinha asas, era que precisava parar e deixar de lutar pelo inevitável. Bastava deixar de guardar, deixar que eles fossem homens, e eles se encarregariam do resto, de se destruírem. Aquele era o ciclo natural das coisas. Aquele era o maior ato de amor ao Pai que ela podia fazer. Deixar humanos reinarem em seu próprio caos.



Uruguaiana, Rio grande do Sul, 1993

A velha Estefânia prendeu a respiração quando a jovem deu o primeiro passo. O tempo pareceu calar e observar Isabela, que, por sua vez, sentiu o mundo com os olhos cravados em si, e virou-se para a avó.

— Não se preocupe, vó. É apenas uma viagem boba. Só estou aproveitando as férias da faculdade para relaxar em um lugar diferente.

— Eu sei. Você gosta de viajar, tem a alma aventureira de seu avô.

Mesmo assim, a senhora ainda não compreendia a disposição da neta em sair do Brasil, dirigir durante 10 horas, apenas para passar alguns dias em uma casa abandonada.

Isabela forçou um sorriso e olhou para a imensa chave em sua mão, enferrujada, que parecia datar do século XVIII.

E, então, um trovão. O céu escuro fez Isabela olhar para o alto. Depois, tornou a focar o rosto enrugado da avó. Silêncio. Elas se olharam e uma pergunta não dita pairou entre elas.

Por quê? Por que, cinquenta anos atrás, dois gaúchos resolveram comprar uma mansão excêntrica na Argentina? Isabela sabia a resposta, e que ela não era totalmente verdadeira. O avô descendia de argentinos, era um sonhador patológico, um homem teimoso que não desistiu enquanto não se tornou dono daquela casa delirante.

Isabela se despediu e foi embora. Ela não ouviu, mas, quando entrou no carro, a avó sussurrou com um fiapo de voz:

— Cuidado, minha Isabela, cuidado. Que Deus e todos os seus anjos a protejam.



Talvez fosse culpa da ânsia de Isabela por chegar logo, talvez fosse a chuva incessante que a fez dirigir tensa, mas a viagem de dez horas pareceu durar o dobro. Entrar em Córdoba foi para Isabela como se livrar de uma sentença. Estava perto. Mais uma hora de mato, casinhas solitárias à beira da estrada e bichos aleatórios que apareciam aqui e ali, e chegaria. Assim foi. E então árvores altas se colocaram diante dela. O que faria agora? Estranho. A mansão fora demolida? Errara o caminho? Não. A casa queria que ela deixasse o carro e fosse ao seu encontro.

Ela desceu e começou a caminhar, desviando dos troncos. Assim que ultrapassou as árvores, outra paisagem surgiu. O verde argentino era agora uma natureza cinza, árvores altas demais que cobriam o sol e deixavam o resto do mundo distante. O céu sem cor se refletia num rio também morto. Como uma rainha, ou um tumor, tão próxima das águas, que quase pareceria construída nelas, a mansão despontava sobre pedras.

Havia chegado.

Isabela seguiu pelas pedras e se colocou diante da entrada da residência. Logo acima da porta, havia uma estátua de concreto, uma mulher com longos cabelos, que gritava com os dentes pontudos à mostra.

— Que senso arquitetônico.

Foi inevitável para ela soltar aquele comentário. Assim que a viu, a casa sugou toda a atenção da estudante de arquitetura. Era atípica na Argentina, ainda mais ali no campo, com suas formas ovais, arcos e suas tantas pontas. Uma casa inspirada no *art nouveau*, repleta de detalhes elaborados, torres e janelas feitas com vitrais coloridos.

Ela empurrou a porta de ferro. Ainda que não houvesse luz, Isabela

conseguiu distinguir o interior do lugar, luxuoso e estranho. Parecia estar em um templo, em um conto de fadas corrompido, um local com lógica própria, pautada no surreal. Para onde olhasse, lustres, vidros coloridos, móveis dourados mais apropriados a uma corte real, estranhos objetos decorativos, ninfas, fadas e anjos cercados por plantas e flores, imortalizados nas paredes. Em cada canto, uma magia bizarra, uma mensagem incompreendida.

A jovem encontrou uma caixa de fósforos e saiu acendendo velas de candelabros presos às paredes. Uma luz amarelada jorrou, e nova intensidade foi conferida àquele místico cenário. Ela se sentou na escadaria e sorriu. Aquela com certeza era a casa de seu avô, do escritor que fora ele. Ela podia ver na mansão muito da alma etérea do velho Emanuel Valero, que, até morrer, escreveu suas histórias de monstros, bruxas, fadas e sereias.

Isabela encontrou na cozinha uma garrafa de vinho ainda fechada. Encheu uma taça e, voltando à escadaria, embebedou-se sem culpa. Não viu o tempo passar. O tempo parecia inexistente na mansão. Só percebeu que estava bebendo há horas quando notou a garrafa vazia e seus sentidos incertos.

Isabela imaginou os avós morando ali. Visualizou sua avó naqueles cômodos, não mais que uma menina deslocada de seu lar, Porto Alegre. Para Estefânia, uma pacata moça rica, sair da normalidade de Porto Alegre para viver no meio do nada argentino com certeza fora uma tragédia. Mas pensar na avó desbravando aquela aventura ao lado do amor de sua vida, com vinho e discos na vitrola, a situação também lhe pareceu um milagre.

E, então, uma risada ecoou pelo silêncio.

Olhos assustados de Isabela vasculharam ao redor. Alguém ali? Seria verdade? A suposta história daquele lugar era como que uma lenda de sua infância.

Em 1885, uma cantora de ópera de Buenos Aires abandonou a carreira no ápice do sucesso, contratou um engenheiro francês e construiu aquela casa verde-água em singelas terras camponesas. Durante décadas, a cantora morou ali, isolada, completamente enlouquecida. Uns diziam que a pobre morrera na mansão, outros, que fora internada num hospício e lá falecera, jurando que alguma coisa de outro mundo assombrava a casa. Isabela não sabia o que era verdade e o que era lenda naquela história.

De repente, Isabela riu, relaxando os músculos. Reclinou o corpo nos degraus, rindo cada vez mais alto, mais bêbada.

Que bobagem. Estava tão embriagada, que nem notava suas próprias risadas. Iria aproveitar seu momento alcoólico e, no dia seguinte, concentrar-se no que realmente importava.

Não deveria esquecer o real motivo de sua viagem.



Isabela abriu os olhos. O barulho de água corrente era ensurdecedor. Algo estava errado. Algo acontecia. Já era dia, ela estava de pé. Olhou para os lados. Não conseguia pensar. O barulho! Furando os tímpanos. Era um aviso. Correu. Foi de janela em janela, de porta em porta. Forçou maçanetas e trancas. Fechados!

E então viu.

A água entrando. Por debaixo das portas, vinda de todos os lados. Rápida, implacável, uma força assassina. O rio moribundo correndo vivo para dentro da mansão. Por quê? Como? Isabela bateu nas portas e janelas até machucar as mãos, até os vidros se estilhaçarem e fincarem na pele, deixando sangue entre seus dedos.

Ela gritou. E ninguém ouviu. A água seguia seu curso, e descia também como cachoeira pela escadaria. Isabela não conseguia se mover. Apenas tremia. O que fazer? Como escapar? Era sonho ou pesadelo? Ela não conseguia pensar. A água enchia a mansão. Alcançou as pernas de Isabel, os ombros, cobriu os cabelos negros da jovem. Ela tentou nadar, tentou alcançar o topo, ainda a salvo da água. Uma tentativa em vão. Não saía do lugar, por mais que lutasse. O pouco ar que prendia nos pulmões queimava. A casa estava quase totalmente sepultada pelo rio. De alguma forma, o som diabólico da água invencível seguia nos ouvidos de Isabela, misturado a uma cantiga. De onde vinha aquela vozinha?

Antes de apagar, ela viu.

Pendurado no lustre, estava um balanço.



Isabela abriu os olhos.

A mansão ainda era a mesma. Seca, diáfana, silenciosa.

As velas ainda estavam acesas, as fadas da parede ainda sorriam para as flores.

Ela soltou o ar dos pulmões, respirou novamente. Percebeu que estava no chão. Tudo fora sonho?

Isabela roçou um lábio no outro. Um gosto corrosivo calou seus sentidos, afastou-a da realidade. Tentou se levantar, ficou de pé e logo caiu de joelhos. Olhou para o alto. O mundo ainda girava. Levantou, deu três passos, quase caiu. Agarrou-se à escada. Algo ia corroendo sua garganta, amargando, envenenando cada célula de seu corpo. Ela correu e só parou quando trombou numa porta.

Abriu-a. Pássaros bateram asas e voaram, passando pelo rosto dela. Isabela correu mais. Deu de cara com uma parede. Estava em um cômodo minúsculo, jamais visto antes na mansão. Outra porta, que ela abriu. Um novo cômodo com as paredes feitas inteiramente de portas. Eram oito delas. Estava mesmo na antiga casa de seus avós? O que estava vivendo?

Abriu a primeira porta. Vento, tanto, que quase a fez rodopiar pelos ares. Tropeçou, mas se ergueu rapidamente e abriu a segunda porta. Para além dela, apenas outro quarto, e uma estátua grega, sem braços, que começou a gritar como se estivessem no Inferno.

Isabela fechou a porta com um tranco e girou outra maçaneta. Mais um cômodo. E outro. Em que diversos animais rastejavam. Patos, gatos, cobras, insetos.

Estava em um labirinto. A casa já não era a casa. Tinha outras formas, lugares e segredos. Paredes mudavam de lugar, mentiam, debochavam. Desesperada, ela subiu em uma escadaria. Parou a tempo de ver o que a aguardava no fim dela, uma gigantesca queda. Sem saber o porquê, ela pulou. Foi caindo no que lhe pareceram tecidos, seu corpo colidindo com outros corpos e objetos enquanto risadas ecoavam e o chão ficava cada vez mais longe. Estava delirando? Morta?

Como pôde, ela desviou de uma fonte que jorrava sangue. Acabou em uma biblioteca, um mar de páginas flageladas, uma infinidade de livros revirados, jogados sob as estrelas. Já não havia teto sobre sua cabeça. Apenas o céu, escuro e ameaçador. A visão de Isabela escurecia, e voltava, e escurecia. Outra porta: uma festa de palhaços profanos, princesas deformadas, crianças sem olhos, pessoas de quatro metros exibindo dentes pontudos. Todos dançavam com alegria uma ópera triste.

Ela correu e atravessou a última porta.

Um quarto em que mal cabia Isabela, sem nenhuma saída.

Assim que entrou nele, ela apagou. Um segundo antes, porém, sorriu, certa que encontraria na morte, a saída daquele pesadelo, seu fim.

Isabela abriu os olhos.

O que pareceu ser uma lâmpada ligada a meio metro de distância a cegou instantaneamente. Ela tentou se mexer. Não conseguiu. Estava deitada... em uma maca. Ante seus olhos, alguém. De branco, com máscara cirúrgica no rosto. Olhos cinzentos não humanos. Ela tentou gritar. Uma agulha imensa foi fincada em sua bochecha, fazendo seu rosto congelar. Os olhos daquele ser não piscavam, os de Isabela queimavam com tanta luz. Com a boca aberta, com uma careta de horror congelada em seu rosto, sem emitir palavra, ela sentiu o bisturi rasgando pele, gordura, veias de seu peito. Sentiu o sangue jorrar, a dor animalesca.

Até que o médico maldito resolveu que ainda não era o bastante e começou a arrancar as vísceras de Isabela com os próprios dedos, uma besta que gemia e ria com sua selvageria.

Antes de desmaiar, Isabel viu um pedaço de carne seu naquelas mãos enluvadas e malditas.



Isabela abriu os olhos.

A mansão ainda era a mesma. Seca, diáfana, silenciosa.

Antes que um terror novo começasse, ela correu. Percorreu o caminho de pedras e atravessou as árvores. Ofegando, entrou no carro e acelerou. Instantes depois, estava na estrada, em velocidade máxima. Dirigiu por minutos de suspense e medo. No sexto minuto, suspirou.

Talvez? Talvez o inferno tivesse ficado para trás.

Não. Para o que ela fizera, aparentemente, não havia perdão.

O mundo apagou. Quando acendeu, uma mulher flutuava a metros do carro, com pés descalços, de branco. Olhava nos olhos de Isabela, falava mecanicamente numa língua estranha.

Isabela começou a chorar.

Não podia ser.

Era ela.

Ela!

Isabela acelerou mais, apertou as mãos no volante.

A mulher continuava igual, uma aparição flutuante, entoando sua reza profana.

O mundo apagou. Quando acendeu, ela estava sentada ao lado de Isabela.

— Você não pode escapar, Isabela.

E então um trem desgovernado.

Isabela nada sentiu. O trem veio, e, meio segundo depois, ela já não existia mais.



Natal, Rio Grande do Norte, 1890

Naquela noite, cairia sobre Natal uma chuva que jamais abandonaria a lembrança daqueles que sobreviveram a ela. Irmã Eulália, porém, lembraria dela por outro motivo. Ela caminhava aflita pelos corredores da Casa de Misericórdia de São João, pelo leprosário. Vez ou outra, parava, e então observava as nuvens vermelhas pelas janelas. Odiava tempestades, mas não havia tempo de lamentá-las. Os doentes precisavam dela. Vinte e quatro horas por dia, os leprosos atendidos pela Casa de Misericórdia dependiam de Irmã Eulália para comer, tomar remédios e não morrer de tristeza e abandono. Havia a Madre Gregória, sim, mas esta já estava com noventa anos, cega, surda e entregue a delírios, trancada em sua cela do nascer do sol ao anoitecer. Restava a Irmã Eulália as únicas mãos que se estendiam para ajudar aqueles infelizes.

Por um milagre, naquela noite, ela conseguiu finalizar cedo o trabalho e pôde se recolher em sua cela. Aproveitou o descanso para rezar pela tempestade.

Ave Maria, cheia de graça, senhor é convosco, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus. Santa Maria...

Batidas na porta. Alguém chamava.

Irmã Eulália abriu a porta e encontrou uma menina. Olhos assustados, pernas finas, corpinho infantil dançando dentro de um vestido velho. Fazia um esforço extremo para parecer calma e gentil, para não tremer.

— Olá, senhora madre. Sou Matilde. Estou procurando emprego. Sei lavar, cozinhar, passar...

Irmã Eulália demorou para processar a cena: uma menina de não mais que doze anos pedindo emprego à meia-noite, visivelmente transtornada.

— Lamento, mas, aqui, somente religiosas podem trabalhar...

A menina deu alguns passos, apertou o braço da freira com seus dedos finos, arregalou os olhos e suplicou, e só então Irmã Eulália notou o corte fundo no rosto da menina, rasgos no vestido, feridas nos braços da juvenzinha.

— Madre, por favor, eu preciso, por favor, faço tudo, tudo...

Sem dizer mais nada, Irmã Eulália colocou a menina para dentro. Ao chegarem à sala, pediu que se acomodasse no sofá.

Matilde tentou se sentar, mas só conseguiu desmaiar e cair aos pés de Surya.

Ela, que, há vinte e cinco anos, a mando do Pai, acompanhava Eulália.

O anjo da guarda olhou a criança com frieza. Enquanto isso, Irmã Eulália se desesperava mais. Um rastro de sangue anormal escorria das pernas feridas da menina. Irmã Eulália engoliu a seco. Se bem conhecia a dureza da vida, a maldade daqueles nascidos homens, aquele sangue só podia significar uma única coisa.



Depois de desperta, Matilde tomou banho, lavando o rosto também com as lágrimas. Irmã Eulália deu-lhe um abraço e Matilde chorou mais. Elas nunca falariam sobre aquela noite, sobre a violência que Matilde sofrera. Ao invés disso, a freira deu-lhe roupas, disse que ela poderia viver ali, se colaborasse com os doentes. O leprosário era tão abandonado quanto os infelizes que ali esperavam a morte. Ninguém saberia dela. Matilde a tudo obedeceu. Aprendeu a como lidar com os doentes. Jamais reclamou, jamais descansou. Era bondosa, mas, apesar disso, apenas repetia mecanicamente as orações. Não tinha fé. Eulália notava sua tristeza, seus traumas sufocados, e resolveu que, na hora certa, Deus tocaria o coração da pequena.

Matilde tinha pesadelos horríveis. Gritava no sono e se debatia, para desespero de Eulália. Partilhavam o quarto, e, certa vez, sem perceber, Eulália pegou um livro e leu para Matilde. Abraçada à freira, a menina se acalmou. Matilde não sabia ler. Achou lindo o gesto. Ninguém nunca lera para ela antes.

Não havia outros livros no leprosário. Por isso, Irmã Eulália encomendou alguns com um cacheiro-viajante, e, ao abrir o primeiro, não sabia, mas estava ante uma grande descoberta: A Origem das Espécies.

Noite após noite, Eulália lia para Matilde. Logo souberam que não se tratava de uma história, e, sim, uma teoria, tão profana quanto hipnotizadora. Sem perceber, encantaram-se com Darwin, evolução, biologia, a gênese científica. Irmã Eulália fazia penitências pelo pecado de ler aquilo, mas não conseguia parar, da mesma forma que era inevitável amar Matilde como a criança que um dia fora arrancada de seu seio no sertão. Ela se lembrava da mãe, furiosa, olhando para a netinha, dizendo que era filha do Diabo, que Eulália era uma meretriz por ter engravidado solteira.

Eulália gostava de pensar que Maria Augustina retornara para ela. Aquele livro era mais um elo entre elas.

Só que, um dia, o pecado pesou demais.

Irmã Eulália viu uma sombra dentro do confessionário e pensou ser Padre Onofre. Resolveu confessar. Ajoelhou-se e começou a falar e suar frio.

— Padre...

— Fale, minha filha — disse Surya, tentando disfarçar a voz.

— Eu pequei, padre, pequei.

— Conte-me, filha.

— Pequei, tanto, tanto. Eu...

Surya sorria.

— Não sei mais se acredito em um mundo que separa bebês de suas mães, que fere crianças de tantas formas... muito menos em um Deus que permite tudo isso.

Silêncio. Culpa e vergonha ferviam em Eulália. Ela sentia o peito disparado, um aperto, desespero...

Surya pensou: “Por que não?”. O pecado era mais do que Eulália podia suportar. Eulália era seu próprio pecado. Merecia. Toda a amargura carregada, aquele livro pecaminoso. Por que não deixar o certo agir?

Foi quando Surya, enfim, entendeu, depois de milênios, naquele momento em que deveria salvar a freira e nada fez para isso.

Irmã Eulália caiu. Matilde apareceu e correu até a freira, socorrendo-a do ataque do coração.

Surya não ficou para saber se Eulália sobreviveu. Descobriria seu destino, e, agora, nada mais importava. Não guardaria mais homem algum. Nunca mais.



Santa Maria da Cruz, Minas Gerais, 1899

Todos os dias eram iguais. Dasdor acordava com o dia ainda escuro e fervia o feijão. Depois despertava a família. Com dedos calejados, mimava sua pequena Lurdes, trançava o cabelo da menina com paciência e amor. Então os cinco filhos crescidos, o marido e ela iam para a roça de café torrar debaixo do sol. Tentava sobreviver, deixando a menina sozinha com suas espigas, suas únicas bonecas.

Tanta pobreza, tanta penúria na vida de Lurdes, causava dores na mãe. Pelo menos, Dasdor repetia sempre, sorrindo sem dentes, sua caçula nascera longe da chaga da escravidão. Nascera livre. Mas a liberdade era pouco. Lurdes merecia mais. A mãe jurava que, com ela, seria diferente. Pelo menos um deles seria alguém: Lurdes.

O sexto aniversário da menina se aproximava. Lurdes passou a dizer que sonhava diariamente um sonho bonito demais: logo ali, nas margens do Rio Paromborá, tinha um balanço, o balanço dela, onde ela e o anjo da guarda mais lindo do Senhor balançavam. Dasdor e Raimundo acharam aquilo de anjo sinal divino: deviam dar um balanço pra menina. E tinha que ser como ela falava, quase dentro do rio.

Assim fizeram.

Perto da casinha, eles arrumaram e construíram o balanço. O custo foi alto. No dia do aniversário de Lurdes, precisaram trabalhar ainda mais pra pagar as madeiras e a corda, mas, pelo menos, deixaram-na feliz em seu balanço.

As horas passavam. Lurdes não cansava de seu brinquedo. Cantava e balançava, mal aguentando tanta felicidade. Era tão engraçado. O rio ficava longe e perto, longe e perto.

Ela queria ficar mais perto, mais perto! A mãe bem disse que não era para balançar demais, era perigoso, mas a mãe devia estar errada!

Forçou o corpo com força, e, instantes depois, caiu direto na água, como uma pedra que deseja o fundo do Paromborá.

Lurdes pouco lutou, pouco gritou. Não sabia nadar, e o rio não sabia poupar vidas.

Sentada no balanço, Surya assistiu, imóvel, à luzinha de Dona Dasdor se apagar, uma menina de seis anos, afogada para sempre no Paromborá, a última esperança de uma família inteira, sepultada eternamente na crueldade das águas.



Floresta Amazônica, 1920

O homem branco chegou à Amazônia, e os guaranis viram em sua face pálida o rosto da profecia da mulher com cabelo de fogo e coração de apodrecido. Uma tragédia da qual tentavam fugir há duzentos anos.

Temeram que a maldita fosse um deles. Mas ela viria somente séculos depois. E, mesmo assim, muitos não a reconheceriam. À sua frente, estava ele, Rurik Malek, o teatral homem de neve. O homem que construía uma mansão parisiense em plena floresta amazônica para que fosse o templo de sua ilusão.

O espetáculo começava quando se acreditava que Rurik, o ilusionista dos ilusionistas, de fato existia. Os guaranis jamais o encontraram, nem as autoridades manauaras, muito menos o Exército Brasileiro. Seria uma metáfora, um delírio, uma história inventada, aquele homem amaldiçoado pelo sol, fadado pelo albinismo a se esgueirar pelo dia e desabrochar à noite, sob luzes. Luxo e magia? Sua casa era um teatro de vidro. Seu público era formado por loucos do mundo todo, que largavam tudo e se aventuravam na selvageria amazônica, apenas para ver o mago uma única vez, não se importando de morrer no caminho até lá. Patologia, vocação, religião — para Rurik, todas as palavras eram bem-vindas para denominar a fissura que acometia sua legião de fãs. Era por eles que, todos os dias, às três das manhã, ele subia no palco, abria cortinas vermelhas e, gritando em um sotaque jamais identificado, fazia o impossível acontecer: flores desabrochavam em segundos, chuva caía do teto, borboletas de fumaça batiam asas, corpos sem cabeças caminhavam, cobras falavam, sereias nadavam no ar, o próprio ilusionista se transformava em areia. No alto, em poltronas, ficavam seus seguidores, que, após vê-lo, jamais iam embora dali. Embaixo, ficava sua casa, de cômodos sem teto, outro palco que todos podiam ver, e não mais que um labirinto, se vista de cima.

Durante os espetáculos, ninguém a via, mas ela estava ali na casa labiríntica, imóvel, lendo ou adormecida em meio à loucura estridente do marido. Uma prisioneira, distante e melancólica, dissolvida pelo absurdo do esposo.

Yellena.

Ela velava por Rurik estoicamente, quando uma moléstia não identificada

roeu a saúde do homem em meses. Trinta pares de olhos viram quando Yellena dera um cálice com xarope para Rurik, e então beijou a testa branca do marido. Segundos depois, ele fechou os olhos para a vida, e seus fãs o imitaram prontamente. Um a um, arranjaram meios de dar cabo a suas vidas naquela noite de horrores.

Restou Yellena, a mulher com cabelos avermelhados e dama de palavras diminutas, que trazia em si algo de mártir, de mãe, de musa jamais transformada em poesia, pintura ou sonata. Rurik Malek sumiu da lembrança humana, fragmentou-se com seus discípulos. As flores e plantas tomaram o teatro, borboletas e pássaros vieram morar com Yellena, e ela passou a tocar sua harpa diariamente, para eles, para seus próprios abismos.

Um dia, durante o jantar, entre o tilintar de seus solitários talheres, Yellena ergueu a face e a viu na outra ponta da mesa. Rosto moreno, olhos puxados, vestida com calças e botas, uma índia que a tragava com sua presença, com mil enigmas mudos. Fora conhecer sua magia, suas entranhas, ela logo contou. Yellena não mandou que saísse. Ofereceu-lhe batatas. Tomaram vinho, dançaram de mãos dadas ao redor da vitrola, leram poesia em russo, chinês, turco e armênio, nadaram nuas no lago que existia dentro do teatro.

Quanto durou o idílio? Milésimos de segundo, dias, meses, talvez milênios? O repúdio e a atração inevitável entre elas, o excesso e a falta de sanidade, os movimentos, os olhos, as estrelas que nomearam juntas, a magia escorrendo entre elas?



Yellena despertou. Estava jogada no chão com o cabelo incandescente liberto da trança de sempre. Deitada, viu-a no alto, numa poltrona, com um sorriso de criança nos lábios.

Yellena a esperou, e Moira veio. Yellena ergueu o corpo. Moira se sentou diante dela. Derramou a verdade, verteu os fatos que a matavam lentamente.

— Eu sei o que você fez.

Moira lembrou-a. Naquela noite de suicídios, Yellena matara Rurik com o xarope envenenado. Ela, que estava por trás do espetáculo profano do ilusionista, a esposa tão comum e doce, era a maldição lançada sobre os Guaranis, que, com sua harpa, atraía pobres almas até a floresta para prendê-las no labirinto. Seu espetáculo era o labirinto, as portas que revelavam neve, desertos, formigas gigantes, rios feitos de estrelas, a sina que tinha na morte o seu ápice. No alto, durante o show, Yellena sorria, vendo suas vítimas

correrem do inevitável, assim que o encanto findava e as flores loucas murchavam. Jamais encontravam a saída, jamais sobreviviam. Caíam em delírio, na desgraça da fome, da sede e da magia, sem saber o que era real e o que era morte. Vítimas que ninguém procurava, apenas Moira. Há anos, Yellena era a obsessão da Índia. Ela a investigava, ela a procurava, ela a eliminaria, a assassina que matara, silenciosamente, com loucura e crueldade, dentre outros, sua mãe.

— Eu a amo e a odeio, eternamente, bruxa. No Céu, no Inferno, nesta terra tropical regada pelo sangue de suas vítimas. Seremos nós as últimas delas.

Moira dera um beijo amargo, terno e repugnante em Yellena. Nos lábios, o veneno. Sentada ao lado delas, invisível e impassível, Surya.

Moira caiu no chão, morta imediatamente.

Com pupilas dilatadas, Yellena se levantou, cambaleou e começou a correr. Abria portas, enfiava-se entre nuvens, vagava entre penas multicoloridas, descobria sóis e luas em cada novo cômodo de sua sentença. E então chorou, resignada, pois jamais encontraria a saída de sua própria armadilha. A brincadeira estava acabando. O amargor do beijo dilacerava os órgãos e a fantasia de sua carne.

Foi ao chão. Encontrou o fim de olhos abertos, numa posição exotérica, como se fosse ela uma pintura renascentista funesta.

Surya apenas esperou enquanto Yellena encontrava a agonia de seu fim no labirinto. Também no chão, em sua calma celestial, com a cabeça arroxeadada de Moira em seu colo, acariciava os cabelos perfumados da Índia, rezando por ela a oração dos anjos.



São Paulo, 1946

Trabalhar, nunca casar, fazer o que bem entender. Celeste repetia seu lema desde os doze orgulhosamente, para o pavor de Nonna Giulietta. *Não é uma Tomazini, essa menina*, lamentava a avó, uma vez por dia. Não queria filhos recheando a barriga, o santo macarrão dignificando o estômago, o lar, marido, a cantina da família. Seria mesmo italiana? Culpa de Fredo, que não deixara Gigliola beber vinho na gravidez. Dera em Celeste, descabida daquele modo.

Nos dias bons, Celeste apenas ria da avó e dos outros que reprovavam suas

atitudes. Nos dias ruins, sumia de casa xingando em italiano. Eles que aceitassem, ela não mudaria. Com peito estufado, no almoço de domingo, anunciou que arranjava um emprego em uma fábrica de sapatos na Barra Funda, e pronto, Nonna agiu como se alguém houvesse morrido pelo resto do dia. Celeste renegava seu posto de garçonne na tradicional cantina da família, no Bixiga, e aquilo era demais para a velha. Nonna passaria mal se soubesse como Celeste resolveu gastar o primeiro salário: com caramelos e cinema. Para os Tomazini, a vida era igreja, família e massas, e só. Talvez por isso Celeste sentira uma piada assim que se sentou numa das poltronas da sala de exibição. Por fim, acomodou-se e assistiu à película em paz. Até que surgiu um avião na tela, uma besta que veio em direção da tela, em plena velocidade. Celeste deu um pulo com o susto, e deixou seus caramelos caírem no chão. Ao lado, um rapaz ria dela. Pensou em xingá-lo, afinal, ninguém debochava de Celeste Chiara Chiarelli Tomanizi, mas, antes que sua famosa ira tomasse conta da situação, ela enxergou os olhos dele, de um azul dócil, e percebeu a pureza estranha daquela risada. Acabou sorrindo também.

No dia seguinte, voltou ao Odeon em busca do rapaz. Lá estava ele, todos os dias da semana. Ainda que o ingresso fosse barato, seu salário não lhe permitia a extravagância de cinema diariamente. Mas, quando podia, Celeste ia e o encontrava. Tanto riram e eliminaram poltronas entre eles a cada vez, que, um dia, finalmente estavam lado a lado, com mãos dadas e corações apaixonados.

Tudo sobre Ítalo comovia Celeste. A gentileza, a mania de erguer o nariz ao sorrir, o amor pela sétima arte, a melancolia que envolvia aquele menino cheio de sorrisos, a surdez.

Ela sabia que a vida de Ítalo não era fácil. Ernesto Gonçalves tinha um tradicional armazém na Rua Augusta e proibia o filho de visitar o lugar. Depois de passar a adolescência se rebelando contra o pai, Ítalo desistiu de odiar e amar o homem que tanto tinha vergonha dele. Agora, refugiava-se no cinema. Ali, ele era apenas alguém assistindo filme, com olhos na tela. Ali, podia sonhar que era diretor de cinema. Ali, eles namoravam sem pensar em casamento, no amanhã ou no ontem. Celeste só pensava em agradar Ítalo, em tornar seu Ítalo um pouco menos triste.

Mas como? Com cinema!

Correu pela capital paulista a notícia: um ambicioso filme seria gravado na cidade. Buscavam atores. Celeste se candidatou, e foi contratada para ser figurante. Não era um papel grande, mas melhor que nada. Tudo que devia fazer era atravessar uma linha de ferro no momento exato em que um trem passaria por ali. Faria uma careta de desespero, e então um herói galante a salvaria do terrível trem.

O dia da gravação chegou. Celeste se sentia, ao mesmo tempo, estúpida e importante por estar em meio a tantas câmeras, maquiadores, atores e gente chique.

Colocou-se no trilho, e, quando avisaram que a cena começaria em segundos, respirou fundo e esperou.

Por Ítalo, por ele. Ficaria tão feliz de vê-la no cinema!

E jamais esqueceria a visão de Celeste dentro do caixão.

O trem veio, mas a manivela que o pararia falhou. A equipe observou, incrédula, ao lado de Surya, a tragédia acontecer.

Sobre os trilhos, restou um cadáver, um pé de sapato avulso, dois caramelos e um bilhete de cinema.



Brasília, 1978

Primeiro, era preciso higienizar bem as mãos.

Os funcionários do abrigo ficaram chocados com aquela aparição em plena segunda-feira, após um feriado prolongado. Era Bárbara Villa quem sorria diante deles, dizendo que gostaria de prestar trabalho voluntário em um dos abrigos de moradores de rua mais decadentes de Brasília. A conhecida cardiologista, filha de um famoso diplomata, ali, sujando seus sapatos franceses no chão do abrigo.

Por fim, assentiram, atordoados. Toda ajuda era válida para tentar dar um pouco mais de dignidade àquelas pessoas abandonadas pelo mundo. Santa Dona Bárbara, que o Senhor a abençoasse. Tão fina, não precisava daquilo, e ainda assim queria ajudar os necessitados, repetiam as faxineiras. Santa Dona Bárbara.

Depois, ela checava seus bisturis.

Bárbara aparecia todas as terças. Atendia das sete às dez da manhã. Mesmo as pessoas mais arredias a adoravam. Ela tinha algo especial para cada um. Uma palavra amiga, um conselho de doutora, a medicina tão necessária àqueles corpos chagados pelas drogas, pelas circunstâncias da vida. É um anjo de Deus, repetia dona Gertrude. *Um anjo puro e médico.*

Então era hora de iniciar o procedimento.

Às vezes, demorava algumas semanas para que encontrasse o paciente perfeito. Localizado o dito cujo, Bárbara então redobrava a gentileza em suas palavras, os sorrisos, a atenção. Naquela ocasião, repetiu o ritual. Atendeu Dona Neusa por último, para que a consulta se estendesse e ela executasse seu plano.

Grave, grave, Dona Neusa. Ela podia notar o que tantos anos de rua, luta, apanhando do marido, fizeram para o coração da idosa. Precisava de cirurgia urgentemente, a vida dela estava em risco! E Dona Neusa, podia acreditar, ainda tinha muito para viver e ser feliz!

Começava escolhendo a maior agulha para a anestesia.

Se dependesse do SUS, Dona Neusa morreria na fila da cirurgia. Mas ela tinha a solução, Dona Neusa não precisava se preocupar. Fora o próprio Senhor quem dissera que era preciso amar ao próximo, e era isso o que a médica iria fazer. Mas deveriam tomar alguns cuidados. A paciente não podia comentar com ninguém o que Bárbara propunha: operá-la em uma de suas casas, discretamente.

O medicamento deveria ser aplicado com cuidado, bem no centro da bochecha direita.

Dona Neusa chegou no horário combinado. Desde então, não parou de agradecer à doutora. Bárbara sorria e tranquilizava a paciente. Que isso! Não precisava daquilo, devia era vestir a roupa hospitalar e deitar na maca.

Assim a senhora fez.

O próximo passo era limpar o peitoral do paciente com algodão.

Dona Neusa.

Enfim entregue à Barbara. Naquela casa distante, longe de tudo, todos e qualquer salvação.

Diminuta, deitada, outra vítima pronta para o abate.

Bárbara tentava esconder sua diabólica alegria. Suava excitação. Estava prestes a começar, a cravar aquela agulha gigante no rosto maltratado da velha, a rasgar aquela carne sofrida da maneira mais brutal e dolorosa que conseguia. Mal podia esperar para fazer enormes buracos, para ter os dedos nas vísceras, para ver o horror e a dor indescritíveis no corpo paralisado de Neusa. Santa anestesia, santa dose.

A seguir, a incisão. Profunda, firme, fatal.

Ah, como esperava por aquele exato momento. Em seu consultório luxuoso, ela fazia um tremendo esforço para se comportar, para, de fato salvar

vidas. Uma tortura. Apenas vez ou outra cometia algum maravilhoso erro, divertia-se, para depois forçar as lágrimas e contar a notícia para a família do paciente, com voz embargada.

Mas ali era diferente. Ela era livre. Ela fazia o que amava.

Matava.

Bárbara ergueu a seringa, mirou os olhos frágeis de Neusa. E, então, o inimaginável aconteceu.

Como um bicho rápido e traiçoeiro, a mendiga se levantou da maca, agarrou a seringa e cravou-a na garganta da médica.

— Cria da rua nunca dorme, doutora, nunca é enganado, porra!

Uma.

Duas.

Três.

Quatro.

Cinco vezes, um bisturi pontudo, dotado de uma lâmina grossa e brilhante, foi fincado no peito de Bárbara. Foi e voltou, foi e vingou, foi e ensinou a lição, foi e dilacerou a psicopatia.

Bárbara desabou nos braços de Surya. O sangue jorrou. Era quente e vermelho como a morte, concluiu Surya.

Bárbara batizou o anjo com seu próprio sangue moribundo.



Assim ocorria. Vida após vida. Morte após morte.

Surya nada fazia para evitar que seres humanos seguissem o curso natural de suas existências: a destruição, a derrota, a humilhação.

E era feliz assim. Louvado fosse o Senhor! Que estivesse contente com a decisão dela.

Cada cadáver, um troféu, uma vitória.

Surya arrancava uma pena das asas que trazia encolhida nas costas, camufladas na pele, e a guardava, representando um defunto novo. Numa casa argentina remota, no antigo quarto de uma pobre artista que se enforcara no lustre, Surya guardava suas valiosas penas, que desgarravam de seu ser,

sempre tingidas por um fio de sangue.

Guardada outra pena, era hora de recomeçar. Vagava pelo mundo, em paz, sentindo-se pequena e gigante, repetindo o nome que escolhera para si com deleite.

Surya.

Em hindi, uma divindade solar. O sol, tão belo e necessário. Majestoso e cruel. Astro que iluminava, e também queimava.



Isabela abriu os olhos.

Estava sentada em uma cadeira dentro da mansão de seus avós. Ao redor, uma roda composta por seis pessoas.

Ela teve que forçar a visão no escuro para reconhecê-las.

Os mesmos olhos furiosos estavam em todas. Na menininha com fitinha no cabelo, na pele morena e puxada da índia, no rosto angelical emoldurados por cabelos ruivos, na italiana da fábrica de sapatos, na face coberta pela máscara hospitalar, no ser vestido de branco que caminhou até ela.

— Maldita és tu, Isabela.

Isabela riu, em desespero. Tentou se levantar e não conseguiu. Era como se estivesse amarrada à cadeira por uma corda invisível.

Quando aquilo acabaria?

— Maldita seja a hora que decidiu desgraçar a todas nós.

Isabela negava com a cabeça. Por quê? Por que insistira naquela loucura? Naquela viagem, na ideia estúpida de seguir os passos do avô? Tudo culpa daquele sonho infernal que a perseguia desde a infância, daquela história que não conseguia finalizar.

Após meses de bloqueio criativo, Isabel decidiu que uma casa estranha e mística traria sua inspiração de volta. A residência onde seu avô escrevera algumas de suas histórias mais famosas salvaria a história de Surya, Lurdes, Yellena, Moirara, Bárbara e Celeste; faria sua magia, mostraria o caminho que a aspirante a escritora deveria seguir para concluir a trama.

E, agora, provavelmente nem ela mesma, Isabela, salvaria.

— Sou um anjo da guarda, Isabela. Não quero deixar as pessoas à própria

sorte, não quero que elas morram diante de mim.

— Meu balanço! Eu só queria balançar! — gritou a menininha.

— Por que, menina, uma mulher tem de ser sempre uma maldição, a verdadeira bruxa da história, no Inferno, no Céu, na Terra, na floresta? — perguntou Yellena com suavidade e rancor.

— Por que salvou apenas a freira? Responda! — disparou Moiara.

— Desgraçada. Um trem desgovernado me assassinando durante uma filmagem idiota! — Os olhos de Celeste faiscavam.

— Não esqueça de mim morrendo daquela forma patética. Ninguém mata Bárbara Villas, não inverta os papeis. — Foi a vez da velha Bárbara.

Celeste se levantou e agarrou a máquina de escrever de Isabela.

— Não! — Surya gritou, e a italiana paralisou.

— Destruir essa máquina é pouco. Matá-la cinco vezes ainda foi pouco. Lembram-se de nosso trato?

Surya sorriu e olhou bem nos olhos de Isabel.

— Reescreva a história. Dessa vez, não seremos vítimas, não seremos meras personagens à mercê de sua maldade. Reescreva, ou te mataremos de novo. E não haverá volta. A única vilã dessa história será você, Isabela.

Liberta da cadeira, Isabela se levantou, e, como uma mártir, agarrou a história num grosso maço de folhas.

Deu alguns passos tristonhos. Virou-se para uma lareira acesa.

E jogou centenas de folhas no fogo.

Virou-se novamente, rindo, e presenciou o mais belo espetáculo. Luzes piscavam, vento golpeava a casa, Celeste, Lurdes e Bárbara gritavam, Yellena e Moiara caíram abraçadas, Surya se debatia no teto, voando descontrolada.

Isabela gargalhava.

Em poucos segundos, o que restou de todas elas foram as cinzas, cinco penas feitas de folhas da agora inexistente história. Penas feridas com um fio de chamas vermelhas.

Surya estava certa.

Existia apenas uma vilã ali, e ela já não precisava daquela história. Outra, de fato extraordinária, havia acontecido dentro das paredes anciãs daquela mansão, e precisava ser contada ao mundo, precisava elevar sua criadora ao topo, tornando Isabela a maior, um verdadeiro sol na literatura, uma força da

qual dependia a vida, e que também queimava até matar.



Mal de Ojo

Soraya Coelho

— Tu sabe o que fazer — disse a velha enquanto limpava com um pano encardido as manchas escuras no rosto da menina. Depois que ela assentiu, a velha continuou. — Quando terminar teu trabalho, volte aqui. Não demore mais que um dia para fazer o que precisa. Não posso te proteger por mais tempo que isso.

Era verdade, e os olhos da velha não lhe deixariam duvidar. A garotinha havia crescido ouvindo as histórias sobre a mulher que vivia além da ponte, última sobrevivente de uma raça que engolia Universos. Naqueles dias, ela era só mais uma crédula, e seus pés jamais atravessaram a ponte. Isso foi antes de a menina entender que o povo da cidade era mentiroso e mau.

— Eu entendi, sim, senhora — respondeu, por fim, afastando o pano. A pele ardia, de tão limpa.

— Então tu trata de não perder tempo. Vai!

Caminharam lado a lado para fora da pequena cabana feita de doces que fizeram o estômago da menina embrulhar de fome. “Não são coisa pro seu bico”, dissera a velha. *Armadilha para passarinho* era como chamava toda aquela profusão de doces — chocolates, açúcar cristalizado, caramelo e biscoitos. “Mas tu não é passarinho coisa nenhuma, nem me interessa”.

E a alimentara com pão e sementes. E sopa.

A velha observou a menina se afastar, tomando o caminho da cidade. Não era o primeiro inocente que chegava até ela pedindo ajuda, tampouco seria o último. Porque, quando os pezinhos espertos da criança achassem o caminho de volta à cabana, seria ela — a criança — quem assumiria aquele papel.

Mas, por ora, a vingança era o suficiente.



A Justiça

O Palácio da Justiça, com suas paredes de adobe caiado, eram velhas conhecidas de Magíster Braga. Quando criança, ele sempre torcia para que as

amas se encontrassem nos corredores — elas furtavam dos patrões aqueles pequenos instantes, aproveitando para se colocarem a par das novidades da cidade, das malcriações dos pequenos e para *dar calabazas*^[2] a alguém: a vítima, em geral, era Antonio, dono da mercearia da cidade, corcunda e filho de mouros. Braga, que naquele tempo era apenas Nino — ou *Oye, Nino, desça daí!*, como diziam as amas —, aproveitava esses momentos para subir em um dos banquinhos estofados de sua mãe e espiar pelas frestas da janela o movimento das ruas. Como toda criança dourada, ele não poderia se misturar ao povo comum, mas adorava observar seus movimentos: a gritaria dos homens *en las tiendas*^[3] vendendo ervas, bacalhau seco e produtos do *pueblo del sol*^[4] — aqueles de olhos engraçados. As mulheres usavam saiotes espalhafatosos e chapeuzinhos de algodão que protegiam suas cabeças carecas — porque o povo comum não podia deixar crescer os cabelos.

Eram aquelas as memórias que ele bebia junto com o chá de erva amarga que Anita lhe trouxera mais cedo. Havia acordado tarde, cada músculo gritando em protesto pelos esforços da noite anterior. *Estou mais velho do que quero admitir*, pensou enquanto calafrios desagradáveis percorriam seu corpo. Enjoado e confuso, tentou sair da cama apenas para descobrir que era algo que não queria e nem podia fazer.

Um punhado de ouro e duas horas de prazer: eis pelo que ele havia condenado uma jovem inocente no entardecer do dia anterior. Sua avó, que crescera entre o povo comum antes do casamento, costumava lhe falar que “o homem comum cobiça duas coisas: sexo ou poder”. Geralmente, emendava a frase com uma lenda de seu povo, aquela sobre o *milagrero*^[5] entregue aos capatazes por seu próprio discípulo em troca de algumas moedas de ouro. O povo comum era fraco e crédulo — o tempo ensinara isso a Braga —, mas, agora, as memórias de sua avó lhe contando aquelas coisas em tom de profecia só servia para deixar seu estômago mais embrulhado.

Embora o sol matinal alcançasse a cama, Braga se viu puxando o roupão contra o corpo que tremia de frio. Sentiu a chegada de uma enxaqueca através de uma forte pontada na têmpora. Fechou os olhos por alguns minutos, na intenção de aliviar a pressão que a luz do sol começava a fazer em sua cabeça, e, quando tornou a abri-los, percebeu que algo estava terrivelmente errado. Uma suave névoa branca cobria todo o quarto, concentrando-se em espirais que pareciam ser sopradas na direção de Braga, rodopiando diante de seus olhos para sumir logo em seguida. O odor de canela — ó Grande Pai, tenha piedade, canela! — preenchia todos os cantos do cômodo. Braga percebeu que sobre o criadomudo ao lado da cama estava uma segunda xícara de porcelana azul com chá ainda fumegante.

— Chá? — perguntou alguém à sua esquerda, e ele moveu a cabeça tão

subitamente, que se sentiu tonto. Parada ao seu lado, estava uma menina, a mesma da noite anterior, a coisinha miúda e escura feito duende que havia ficado ajoelhada diante da fogueira até que a última brasa desaparecesse. O que Braga viu ali foi o suficiente para congelar seu coração e suas esperanças: também havia fogo naqueles olhos.

A menina deu alguns passos na direção dele, segurou a xícara nas mãos pequenas e sujas de terra, e, em seguida, olhou para o homem diante de si.

— Eu sinto muito — Braga murmurou com lágrimas involuntárias em seu rosto cansado.

— Eu sinto ainda mais — a menina respondeu, e Braga soube que não era por ele que lamentava.

Apoiando um dos joelhos na perna do homem, ela se içou para o colo dele, equilibrando cuidadosamente a xícara de chá. Ergueu-se nas coxas de Braga, os joelhos ossudos fazendo-o esboçar uma careta de dor. Com ela ali, o homem percebeu que o corpo havia se transformado em chumbo. Mesmo piscar era difícil.

— O *señor* poderia ter livrado minha irmã das acusações porque sabia que não eram verdadeiras, mas não fez isso. ¿*A santo de qué* ^[6]?

Braga era Magíster há duas décadas e sabia reconhecer uma pergunta feita apenas para incriminar. Agora, uma lhe estapeava o rosto flácido, e, como tantos que havia condenado, ele bufou e gemeu feito um animal em agonia.

— Beba — ela murmurou, e não se pode dizer que Braga não lutou tanto quanto era possível. Travou os lábios e moveu o rosto de um lado para o outro, evitando as mãos pequenas e aquele maldito chá com cheiro de canela. No entanto, a menina era movida por uma energia e concentração intensas que dotavam de força bruta seus braços finos.

Por fim, ela lhe acertou um soco firme na têmpora, que fez rosas negras explodirem atrás de seus olhos. Aproveitando o momento de fraqueza, a criança o segurou pelo queixo, empurrando a xícara contra os lábios entreabertos. Chá quente lhe escorreu pelos cantos da boca, queimando a pele tão intensamente, que bolhas brotaram quase no mesmo momento.

O líquido desceu queimando a garganta. Braga sentiu a língua derreter, as paredes da garganta transformando-se numa massa de carne e sangue que o fez sufocar. Incapaz de se mover, ele tossiu, acrescentando sardas vermelhas ao rosto da menina. *Bem feito, maldita seja! Maldita putinha!*, Braga pensou enquanto tossia sonoramente, mais sangue escapando por seus lábios.

A criança observou em silêncio até que o homem parasse de lutar e cedesse

ao sufocamento. O rosto de Braga passou de um púrpura furioso para a total palidez, e então seus lábios se afrouxaram em uma última expiração. O fio de saliva e sangue pendurado no canto da boca do homem distraiu a menina por longos minutos.

Do maço de tarô que a velha tinha lhe dado, ela tirou a carta d'A Justiça e colocou sobre o colo dele.



A Imperatriz

Deitada na cama de seu amante, com a mão entre as coxas, Antonina gemia. Affonso ainda não havia voltado: algo relacionado às suas pinturas recentes, a possibilidade de um mecenas, talvez. Coisas que o obrigavam a passar as horas trancado no velho casebre quase fora dos limites da cidade. Ele gostava de pintar apenas durante o dia. “Há muitos fantasmas na noite dessa cidade”, costumava dizer.

Enquanto a noite não chegava, Antonina aproveitava as horas entre cochilos e orgasmos. Seu marido a tinha proibido de voltar para casa, de qualquer forma, pelo menos até que o hematoma no rosto dela ficasse um tanto mais suave. Não era de bom-tom, afinal, que a primeira-dama da cidade aparecesse diante do povo comum daquela maneira.

A culpa era de Affonso, claro. Ela havia se enfurecido ao saber do descuido do amante: deixar que a puta, filha do falecido Mestre Artesão, soubesse de seu segredo...! Atirou contra ele uma das garrafas de vinho que havia trazido, abrindo naquele belo rosto um corte feio. Ele reagira com igual fúria, estapeando-a até que ela estivesse imóvel e encolhida no chão, com os lábios sangrando e o rosto vermelho e dolorido. Então treparam com a fúria de dois animais, e ele beijara seu rosto, murmurando chorosas desculpas.

“Eu cuido disso, meu amor...”, Antonina havia respondido. Não era difícil, afinal, chutar um velho cão de rua como aquela menina. Bastaria oferecer ao Magíster uma boa defesa e uma boa recompensa para que ele pudesse *hacer de la vista gorda*^[7].

“Carne e sangue para purificar a terra. Carne e sangue para afastar os maus espíritos.” A lembrança da ovação do povo, do cheiro de carne queimada e do choro furioso da maldita moça fizeram Antonina intensificar os movimentos da mão, gozando com um grito, os seios subindo e descendo no ritmo intenso

da respiração. Uma risada animalesca escapou de seus lábios, preenchendo a pequena cabana, mas o que retornou como eco foi um grito estridente de raiva, fúria e dor.

Antonina se encolheu, apavorada, o êxtase transformado em pavor. Dedos frios deslizaram por suas costas nuas, queimando a pele, e ela saltou da cama, cobrindo-se parcialmente com o lençol.

— *Mal de ojo*^[8]... — murmurou, fazendo com a mão direita o gesto da boa ventura, o polegar e o indicador formando um círculo e os demais dedos erguidos.

O silêncio se assentou sobre ela, fazendo com que buscasse o batente da janela e a brisa fresca que entrava por ali. Na estrada mais adiante, que ela antevia por trás das mamufieras, uma velha carroça, puxada por um cavalo ainda mais velho, passou devagar, deixando para trás uma cortina de poeira vermelha. A imagem pareceu colar em sua retina por várias eternidades, feito a memória de um sonho de infância.

— *¿Está pensando en las musarañas*^[9]?

De pé, analisando os pequenos quadros que Affonso havia pintado para a cabana, a menina não passava de um espectro pálido.

— Como você entrou? — Antonina perguntou, encolhendo-se contra a parede, sem razão aparente.

— *Brujería*^[10]... — A menina abriu um sorriso doce. — Foi disso que minha irmã foi acusada ontem, não foi, senhora primeira-dama? *Una bruja*...

Antonina voltou a fazer o gesto de proteção com a mão quando a menina avançou em sua direção, mas aquilo só serviu para que ela risse com sua gargalhada de criança.

— *Mamarracho*^[11]! — A menina cuspiu, batendo contra a mão de Antonina.

Só então a mulher pareceu perceber que era maior e mais forte que aquela coisinha desnutrida na sua frente. Pulou para frente, empurrando a criança, que tropeçou, surpresa com a reação, e caiu contra a grande cômoda de madeira, batendo a cabeça na quina. A dor conseguiu cegá-la por alguns momentos. Antonina sacou do canto do quarto o velho chicote que enfeitava a parede, ao lado de selas antigas e cabeças empalhadas. Voltou a se lançar contra a criança, açoitando seus braços, pernas e as mãos pequenas que a menina usava para proteger o rosto.

— Bruxa! Cria do diabo! — Antonina vociferou, sentindo prazer em arrancar sangue da menina. — Vai morrer em martírio, que nem a puta da tua

irmã, e eu vou te queimar só pelo prazer de sentir o cheiro da tua carne.

Mas, quando o chicote desceu novamente, a menina estava preparada para segurá-lo com firmeza. As duas brigaram num silencioso cabo de guerra por longos segundos, medindo forças, até que Antonina se viu puxada para baixo por aquela pequena tirana. O nariz afundou contra o chão frio de cimento queimado, espirrando sangue. A menina grunhiu, montando nas costas de Antonina. Passou o chicote por seu pescoço, puxando para trás numa fúria incontida. Antonina arranhava seus bracinhos, as unhas afundando na carne. Os movimentos da mulher foram ficando mais lentos e mais lentos... A menina afrouxou o aperto, fazendo o rosto dela bater uma segunda vez contra o chão. Estava desacordada, não morta, porque aquela seria uma morte muito piedosa.

E ela não queria ter piedade.

Trêmula, a menina se levantou. Usou o chicote para prender as pernas de Antonina e depois revirou a cabana até encontrar uma corda fina, que passou em torno dos pulsos dela, prendendo-os num laço firme que aprendera com sua mãe, pescadora veterana.

— Carne e sangue para purificar a terra. Carne e sangue para afastar os maus espíritos — ela cantarolava baixinho, feliz.

O fogo começou assim que ela atravessou a soleira da porta em direção ao ar fresco do fim de tarde. Sentou-se diante do pequeno jardim, observando, tranquila, enquanto a cabana incendiava aos poucos: primeiro, no quarto, depois para os demais cômodos, e dali a pouco podia ouvir os gritos de Antonina pedindo socorro. A menina fechou os olhos, deixando que os berros da maldita mulher substituíssem a lembrança dos de sua irmã. A tarde se encheu com o cheiro de madeira e carne queimadas, pontuadas por um breve odor de canela.

Deixando a carta d'A Imperatriz no jardim, ela foi em busca da última peça daquele elo.



O Mago

Affonso chegara à cidade seis meses antes, durante os atos religiosos de novembro, e logo tratou de se instalar na hospedaria de *Abuela*^[12] Rosa. A princípio, a matrona ficara temerosa em receber um estrangeiro de ar

bonachão — muito falador, muito cheio de bons modos e firulas, o típico malandro. Mas Affonso lhe adiantou três meses de pagamento, e, nos meses seguintes, pagou cada conta em dia. Os receios de *Abuela Rosa* evaporaram feito água no deserto.

A alta sociedade recebeu Affonso em seu círculo com honras — além de pintor, era poeta, e, às vezes, fazia-se de diplomata, separando usuais brigas entre compadres bêbados que decidiam discutir política durante os bailes e saraus. Ele próprio nunca bebia nada que não fosse a beberagem que sempre carregava no cantil cor de bronze, pequeno o bastante para caber nos bolsos internos de seus elegantes coletes de alfaiataria.

— Tem *mal de ojo*, esse aí — Maria sussurrara para a irmã, certo dia, após negar educadamente a ajuda de Affonso para carregar as pesadas sacolas que as duas levavam. — Fique longe dele, *cariño* — alertou, e não descansou naquele dia até que a menina tivesse repetido mil vezes que não, não se aproximaria de Affonso, pelos Anjos e pela Senhora, não se aproximaria. — É só que me preocupo com você, *cariño*. Ele me enche do mesmo tipo de arrepio que senti quando nossos pais morreram.

“A tua irmã tinha muita era razão”, a velha havia dito para a menina quando ela alcançara aquela parte de seu relato. “O coiso é cheio de mal mesmo. Coiso ruim! Mas a gente vai dar um jeito nele, não vai? Ah, a gente vai, sim!”.

A velha explicou o que a menina precisava saber: o homem viera a pé das ruínas de Salamanca até lá, passando por desertos e colinas, mares e pedreiras íngremes. Não achara viv’alma, contudo, e tinha fome. “Deve ter comido umas bichinhas pelo caminho, principalmente se carregavam filhotes. Mas alma de bicho não sustenta um coiso como ele. Ele precisa da carne e das vísceras de fêmea humana.”

Desde que Affonso pusera os pés na cidade, coisas ruins aconteceram a jovens mulheres. A esposa do rancheiro Manuel perdera os gêmeos que carregava na barriga há quase seis meses. Foi horrível, e a mulher partiu três dias depois, sangrando feito porco abatido. Na noite anterior ao aborto, Affonso estivera na festa de *cumpleaños*^[13] da senhora de Manuel.

Depois viera Martina, a atriz do circo que ficava nos limites da cidade. Dolores, Constanza, Melina. Uma após a outra. Assassinato. Suicídio. Acidente. A sombra de Affonso sempre à espreita. É claro, ninguém jamais o associou a esses casos. Uma onda de má sorte, talvez. Talvez algum problema com o leite ou a água, mas jamais com Affonso. E se a menina não tivesse chegado à velha depois, também jamais o culparia pela morte de Maria.

“Viu demais, a pobre”, a velha mexia nas vísceras de um velho falcão com

a ponta do dedo. “Viu e correu, moça esperta! Mas o mundo é cheio de gente querendo fazer pacto com coisa ruim, e não é diferente do teu lado da ponte, coisinha. O coisa ruim teve cobertura: da esposa do prefeito, aquele corno manso... E daquele velho idiota que dizem que faz justiça pro teu povo. Pelo menos, pro Povo Dourado, né? Que pra um bicho comum e careca feito tu e tua irmã, ele não vai fazer justiça é nunca”.

Naquele momento, a velha apontou um dedo ensanguentado para a menina, exigindo sua atenção. “Tu vai lá e corta o mal pela raiz, coisinha. E aproveita pra cortar uns galhos podres pelo caminho”.

Ela soube onde achá-lo. Como dissera a velha, tinha pés inteligentes que sabiam para onde deveriam ir. O Magíster tinha muitas terras a norte da cidade, pequenos ranchos que serviam como pousos de veraneio para que parentes ou amigos doentes pudessem descansar. Cederia de bom grado a Affonso um pequeno chalé às margens do Panamá, o principal rio da região. O homem usava o local apenas para se concentrar em suas principais obras. Chegava lá nas primeiras horas do dia e voltava para a hospedaria antes do pôr do sol.

Não foi difícil para a menina se empoleirar na janela da cozinha e pular para dentro do chalé, suave feito gato de rua. Sobre o forno, uma bandeja com biscoitos de gengibre adoçava o ar morno, trazendo lembranças de infância. Ela se lembrou da mãe e da inscrição no casco do barco de pesca, a tinta vermelha já meio descascada: *A río revuelto, ganancia de pescadores*^[14]. E seria isso que sua mãe lhe diria, meio séria e bastante corcunda. Há sempre quem se beneficie da confusão, não importam as circunstâncias, e agora era sua vez de encontrar algum benefício na própria raiva, na lembrança do corpo carbonizado de sua irmã, no prazer de trazer sofrimento a cada uma daquelas pessoas.

“Eu só quero que tu não se esqueça, coisinha”, a lembrança da velha sussurrou em seu ouvido, “que é assim que nascem as bruxas”.

Affonso estava sentado no divã da sala, olhos fechados. A seu redor, dúzias de quadros em cavaletes, todos cobertos com pesados mantos de algodão escuro.

— Deu para te sentir chegar, menina — ele disse sem abrir os olhos, movendo os dedos devagar sobre o piso de madeira, de um lado para o outro. — É esse cheiro de canela, de coisa antiga.

— Minha irmã morreu por sua causa. — Ela se odiou por sentir a voz falhar naquele instante, por se perceber apenas uma criança logo agora.

— Minha causa? — Affonso moveu o rosto devagar, fixando nela aqueles

olhos estrangeiros, verdes. — Eu não trouxe sua irmã até aqui, mas confesso que teria sido maravilhoso. Havia tanta energia nela, a mesma que vejo em você agora.

Affonso se levantou do divã esticando os braços e pernas. Houve um breve instante em que os dois se encararam, menina e homem, medindo forças. Logo em seguida, sombras frias se destacaram da parede. Tinham dedos compridos que apertaram a garganta da menina, seus braços e pernas, erguendo-a no alto sem permitir que ela se debatesse ou lutasse.

— Que belo quadro você daria... — Affonso sussurrou, realmente encantado. — Quanto tempo eu poderia durar apenas com toda essa sua energia, criança? Um ano, talvez...? Dois, se eu fosse prudente.

Quanto mais Affonso falava, mais as sombras envolviam o corpo da criança, fazendo os ossos dela estalarem igual madeira nova jogada numa fogueira de julgamento. O som encheu os ouvidos da menina da mesma forma que a ovação do fim da tarde anterior havia feito: uma multidão — uma multidão que conhecia sua irmã, que comprava seus artesanatos delicados, que compareceria ao casamento dela dentro de uma semana — unida para acusá-la de bruxaria.

A menina se apegou à raiva, e a raiva era uma coisa porosa em que suas unhas afundaram. Quando a raiva não pareceu suficiente, ela procurou o ódio. Explodiu num grito bestial que fez estremecer os alicerces da casa. Despencou subitamente, perdendo o ar com a queda e a dor infernal nas costelas, amaldiçoando-se por ser pequena demais, frágil demais.

— Não, não... — Ouviu Affonso gemer. Mesmo tonta e sem fôlego, ergueu a cabeça, que agora era uma ruína de sangue. Alguns quadros estavam descobertos, e espectros pareciam sair de dentro deles, arrastando-se penosamente para fora das molduras.

Ela se forçou a ficar de pé e caminhou mancando na direção dos demais quadros, agindo por instinto enquanto puxava os mantos para libertar mais daqueles espectros, almas presas e tão famintas por vingança quanto a menina — todas as mulheres desenhadas e mortas, novas e velhas, irmãs da sua própria maldição.

Sentou-se em um canto da sala, observando em silêncio enquanto as mulheres-pintura se amontoavam sobre Affonso, até que ele sumisse debaixo naquela massa de corpos disformes. Os gritos ecoaram por mais tempo que os dos outros dois: roucos e irritados, uma fera que não se conformava com a derrota. O manto da noite já havia coberto a cidade quando os gritos pararam por completo.

A carta d'O Mago ainda estava na mão dela quando a menina retornou para a casa da velha.

— Cortou o mal pela raiz, coisinha? — a velha perguntou, pitando seu cachimbo.

— E, depois que cortei em mil pedaços, dei de comer aos porcos — a menina respondeu.

A velha encarou as mãos sujas de sangue da menina, fez um barulho com a garganta que poderia ser uma tosse ou uma risada, depois chamou a criança para perto.

— Tu nasceu pronta, coisinha. Sempre soube.

— Pronta pra quê?

— Pra ficar aqui no meu lugar, porque é o que vai acontecer agora. *Colorín colorado, este cuento se ha acabado*^[15]. — Puxou a menina para o colo, limpando suas mãos sujas de sangue antes de enxotá-la para dentro e servir uma sopa reforçada, feita com o próprio coração da velha.

E a menina veria a história acontecer novamente quando um casal de irmãos, tão pequenos quanto ela própria era naquela idade, bateu em sua porta — famintos e assustados a ponto de lamberem as janelas açucaradas de sua casa. Contaram como haviam sido expulsos de casa pela madrasta, enxotados para o coração da floresta, para além da ponte.

Mas ela não devolveu as crianças aos pais. Tampouco lhes deu as armas para vingança, porque não era de vingança que precisavam...

Colorín colorado, este cuento se ha acabado.



Marcada

Nara Odelle

Era noite quando a mãe a acordou, dizendo para pegar o essencial e colocar na pequena mochila rosa da escola. Só podia levar um brinquedo, aquele que mais gostasse, e que não esquecesse o casaco, pois talvez fizesse frio.

— Nós vamos ao circo — contou a mãe num sussurro baixo. — Mas não faça barulho. — Como uma boa menina, obedeceu sem questionar. Além do mais, a ideia de ir ao circo a fascinava tanto, que não queria que nada desse errado. Naquela época, apesar de ainda pequena, eram poucas as suas alegrias, e procurava se agarrar a qualquer fio de esperança. Sabia que não duraria.

Saíram pela janela, pois o tio carregava a chave da porta no pescoço o tempo todo.

Apesar de estar animada com o passeio, algo em seu inocente coração lhe dizia que as coisas mudariam para sempre. Nunca mais veria aquela casa. Não que isso a chateasse. Odiava aquele lugar, odiava o tio.

Ele não era o seu tio de verdade, mas era assim que tinha de chamá-lo. Ele também não era seu pai, e vivia gritando, fazendo sua mãe chorar. Chamava-o de tio porque ainda lhe faltavam palavras para descrevê-lo. Na vez em que o chamou de monstro, levou um tapa na boca.

Passaram quase o dia inteiro dentro do ônibus, mas ela não se importava. Gostava de andar de ônibus e de ver a paisagem pela janela. Na hora do almoço, comeram biscoito. Gostava de biscoito. Naquela época, ela gostava de tudo.

Quão longe devia ser o circo? Já era noite novamente quando finalmente desceram do ônibus.

Puseram-se a caminhar num chão de pedra, estava frio naquela noite. Bem que sua mãe havia dito para que vestisse um casaco. Mal sabia que o frio daquela noite nem se comparava ao das noites que viriam.

— Falta pouco — dizia a mãe vez ou outra. A ansiedade crescia no seu peito, só havia visto o circo na televisão e adorava ver os palhaços e equilibristas. Era tudo tão mágico.

Ainda longe, viram as bandeirolas da lona e as luzes, mas o que antes era um sentimento de alegria e antecipação, aos poucos foi se tornando medo. Conforme se aproximavam, sua mãe apertava sua mãozinha com força, mas

seguiu em frente com um olhar assustado e passos decididos.

Assim que passaram pelo arco de entrada, um homem surgiu na porta de um dos *trailers* e as encarou. Aos poucos, mais e mais pessoas surgiram pelo terreno e as esperaram como uma pequena comitiva. Em seus rostos, não havia nenhum tom de amistosidade ou alegria em vê-las.

O homem as encontrou no meio do caminho. Ele era alto e de longos cabelos negros presos em um rabo de cavalo. Usava roupas de couro negro e, nos dedos, muitos anéis. Os olhos castanhos eram bem delineados, dando a impressão de ser como um dos piratas que via na televisão. Para uma criança, Afonso era uma imagem difícil de esquecer.

— De quem é a menina? — perguntou antes mesmo de estar perto o suficiente.

— Sabe de quem é — disse sua mãe. — O nome dela é Amélia. — Ele pregou seus olhos nela, que devolveu-lhe o olhar. Ainda que pequena, não era de se deixar intimidar e já possuía a coragem e determinação a que se agarraria nos anos seguintes. Deus sabe que precisaria.

Mas ela seria domada, ah... se seria. Pelo mesmo homem que a encarava como se fosse uma aberração. Seria podada durante os intermináveis treinos de acrobacia, alongada, torturada à exaustão. Se quisesse ficar naquele circo, teria que ser como os outros.

— Tem comida lá dentro. Mas sabe quem decide se há um lugar para vocês duas.

— Obrigada — disse sua mãe em um sussurro. O homem as acompanhou em silêncio até o circo. Lá, ele sumiu pela tenda enquanto os outros membros da trupe as encaravam, inquisidores, antes de voltarem aos seus afazeres. Uma criança não deveria ver o circo antes que estivesse pronto, estragava a magia. Mas Amélia não era uma criança comum, era uma deles. A magia estava em seu sangue, de qualquer jeito.

— Você quer ver o show? — perguntou a mãe, tentando disfarçar as lágrimas. Amélia assentiu sem muita certeza. Estavam ali, afinal, não lhe restava outra escolha.

— Sente-se aqui e espere por mim — disse a mãe enquanto desciam as arquibancadas. Colocou-a bem na primeira fileira e sumiu pela lona. E ela esperou, porque, naquela época, era uma boa menina. E continuou esperando por muito tempo.

Chorou todas as noites até o dia em que precisou enfrentar a lona. Não como uma espectadora, nunca em sua vida de fato assistiu ao show.

O Cirque Spirale iniciava o treino de seus artistas cedo. Aos nascidos ali, tão logo começavam a andar. Aos forasteiros, tão logo eram aceitos. Amélia foi deixada ali, vagando pelos trailers ou brincando sozinha com qualquer coisa que achasse. Ficou no trailer da costureira. Uma senhora bem velhinha e de mãos fortes cuidava do figurino. Seus cabelos totalmente brancos e crespos contrastavam com a pele escura.

Afonso disse que Amélia deveria chamá-la de bisa, apesar de que, para todos os outros, era Dona Berta. Achava que era por que eram parecidas.

— Não é só por isso, Amélia. É porque ela é a sua bisa. Avó da sua mãe. — Dona Berta foi a sua família por cinco anos, até o dia em que ela também se foi. Quase na mesma época, decidiram que Amélia já estava grande demais para continuar sem fazer parte do show. Precisava ajudar.

Afonso então começou a treiná-la. Foram os piores dias da sua infância. Às vezes, desaparecia pela cidade em que estavam estacionados só para não precisar treinar.

Geralmente, procurava um parquinho para brincar ou algo para fazer, e, quando dava fome, pedia dinheiro, comida — o que tivessem —, às pessoas.

— Aonde estava? — perguntou Afonso, determinado dia quando chegou bem depois que o show já havia começado. Não esperava encontrá-lo por ali. Como chefe da trupe, o atirador de facas estava sempre ocupado demais para notar seus sumiços, e, pela hora, teria que estar acompanhando o espetáculo.

— Eu fui à cidade — confessou. Seu olhar a atravessava, e, por mais que ela não sentisse medo, e ela nunca sentia, um mau agouro a deixou arrepiada. Deu um passo para trás, encarou o chão. Não adiantava mentir, ele já sabia.

E também só havia uma única pessoa que poderia tê-la delatado: Aline.

Durante muito tempo, Amélia achou que Afonso fosse seu pai. Não eram parecidos em nada, mas depois, que Dona Berta morrera, ele a criou em seu trailer, junto com Aline, que, na época, era a sua noiva.

Aline era dançarina de dança do ventre. Seu número era com espadas, fogo e com a jiboia Nefertiti, que adorava como a uma filha. Vivia andando com a cobra enrolada no pescoço, para cima e para baixo.

— Você tem comida em casa. — Afonso a estapeou com tanta violência, que a fez morder a língua. O sangue lhe invadiu a boca. — Você não pode deixar o circo sem que eu saiba. E você não pode mais mentir pra mim. Prometa — ele exigiu. Mas Amélia nada prometeu. — Fique no trailer — ele disse, por fim.

Passou semanas amuada. Os treinos de Afonso se tornaram cada vez mais

severos, e isso a entristecia tanto, que comida se tornou o menor de seus problemas. Mal se alimentava, e, quando não estava no treino, estava sentada dentro da lona tentando os pontos de tricô que Berta havia lhe ensinado. Era uma forma de matar a saudade da bisa.

Não havia esquecido o que Aline fizera. Desde quando Afonso a estapeou, em seu íntimo, Amélia desejou se vingar. O desejo se intensificou a cada vez que a mulher a penteava. Ela não sabia lidar com o seu cabelo, passava o pente com força da raiz até a ponta e prendia numa trança repuxada e dolorosa.

Seus cabelos muito crespos viviam soltos e livres, mas domingo era dia de ir à igreja. Muito católicos, todos do circo, acordavam bem cedo para ir à missa. Era o dia em que Aline a penteava a pedido de Afonso, e o pior dia da semana para Amélia.

Num desses dias, distraiu-se de dor ao imaginar a mulher sendo estrangulada por sua amada Nefertiti. Sua visão chegou a ficar turva e a mente rodou enquanto imaginava a cena. A cobra enroscando-se no pescoço de Aline enquanto ela dançava, matando-a na frente de uma plateia assombrada.

Como ainda não se apresentava em público, ela ajudava na barraca de cachorro-quente de Marli e Carlinhos. Limpava as mesas, colocava o refrigerante para gelar e ainda ganhava uns trocados, que escondia numa lata no fundo do armário.

Estava atendendo um cliente, quando um grito coletivo ecoou por todo o terreno.

Quem estava do lado de fora se esticou pra ver através da tenda.

— Será que alguém caiu? — O cliente perguntou, mas Amélia sabia que não. Àquela altura, já conhecia o show de cor e salteado, e, pela música, sabia que quem estava se apresentando era Aline. Não demorou muito, Afonso saiu de dentro da tenda com Nefertiti nas mãos. Na cabeça da cobra, estava cravado um punhal de cabo negro. Mesmo à distância, seus olhares se cruzaram, e a lembrança do que havia a desejado a assustou.

— Eu não quero essa menina aqui! — berrou Aline, histérica, quando voltou para o trailer naquela noite. Sentada do lado de fora, Amélia estava aterrorizada. Não conseguia entender o que estava acontecendo. Era verdade que desejou mal a Aline, mas não passavam de pensamentos, certo?

Ouviu a porta do trailer bater às suas costas e sobressaltou-se. Encarou Afonso e, em seguida, abaixou os seus olhos. Esperava que ele brigasse com ela, porém tudo o que ele fez foi pedir para que o seguisse.

Caminharam até o antigo trailer da bisa, o que a surpreendeu, pois nunca teve permissão para entrar ali desde que haviam transformado o mesmo no trailer da manutenção.

O lugar era bagunçado, cheio de máquinas velhas, ferramentas, pedaços de cano e lona cobertos por uma fina camada de pó e graxa. Um monte de cacarecos.

Afonso se sentou numa cadeira e apontou para ela a cadeira vazia à sua frente. Foi quando ela ganhou a sua primeira tatuagem, e a primeira vez em que chorou em muito tempo.

— Estou fazendo isso para te proteger. — Afonso afastou-lhe as lágrimas logo assim que desligou a máquina. Quando olhou para baixo, ela viu o desenho que ele havia feito. Uma serpente circundando o seu antebraço como um bracelete. A língua da serpente esticada em direção a uma estrela em seu dedo médio. Parecia que estava viva de verdade, de tão realista que era. — Para que controle os seus pensamentos e que nunca mais se esqueça do que fez. Seus pensamentos tiraram a vida de uma criatura, nada mais justo que agora dê um lar a uma. — Quando ele disse isso, sua pele comichou furiosamente. A cobra escorregou de seu braço até o chão, viva e perigosa.

Não era como a jiboia de Aline, aquela era uma criatura mortal e sobrenatural. Esticou os seus dedos em direção ao animal, e, obedientemente, ela subiu em sua palma e enroscou-se em seu antebraço, voltando a ser nada além do que tinta na pele.

Aquela havia sido a primeira, mas não a última. Todas as vezes em que cometia um erro, Afonso lhe dava uma nova tatuagem, e, aos dezesseis anos, tinha tantas escondidas pelo corpo, que precisava ir à escola de blusa de manga comprida, mesmo que fizesse um calor de quarenta graus lá fora.

E motivos não faltavam para isso.

Entrou no show substituindo uma acrobata que, misteriosamente, havia caído durante uma performance com tecidos. Logo após o incidente, apareceu com uma borboleta desenhada em seu ombro. Com o tempo, o picadeiro se tornou um lar, amava performar, amava os aplausos. Sua foto ganhou um lugar de destaque no pôster, e, todas as noites, assinava meia dúzia de cadernos e camisetas do público que a procurava.

Passavam a maior parte do ano na mesma cidade por causa da escola. Naquela época, havia muitas crianças no circo, e as que já estavam crescidas, como Amélia, estavam no Ensino Médio.

Você precisa estudar se não quiser ser enganada por alguém mais idiota do que você, dizia Afonso. Mesmo amando o picadeiro, Amélia decidiu que se

tornaria professora, queria cursar Artes. Não poderia ir muito longe da essência do circo, e seus talentos já estavam começando a se expandir. Mesmo não sendo quista por muitos, aprendera coisas com uma pessoa ou outra, mas foi Afonso quem havia lhe ensinado quase tudo sobre o circo.

Ensinou-lhe como atirar facas — ganhou até uma tatuagem de punhal com uma rosa por isso. Quando o filho do palhaço roubou o seu diário e saiu contando a todos que estava apaixonada pelo filho do trapezista, arrancou a língua dele com o punhal e deu para Eveline, sua cobra, comer —, e como desenhar. *Vai precisar das tatuagens quando eu não estiver aqui*, dissera-lhe. Ensinou as acrobacias e até alguns truques de mágica, pela qual ganhou uma tatuagem de um Ás de espadas no quadril para se lembrar de que a magia tinha um preço.

A cada nova tatuagem, mais doloroso se tornava o processo. Como tudo naquele circo, as tatuagens também não eram normais. Eles chamavam de estigma. Sua origem foi com os Citas, passando pelo Egito e Grécia Antiga, para fins ritualísticos e punitivos.

— Quão antigo o circo é? — perguntou Amélia a Afonso, certa vez. Tudo o que recebeu como resposta foi uma risada pelo nariz e um menear de cabeça.

Essa era uma das coisas que Afonso não respondia. As outras eram “Quem é meu pai?” e “O que aconteceu com a minha mãe?”.

— Nunca mais pergunte sobre isso. — Essa fora a sua resposta definitiva. Tudo bem, não perguntaria mais a ele. Então perguntou, como não queria nada, para os membros mais antigos do circo.

Sabia que Adamastor, o mágico, estava no circo há muito tempo. Suas mãos trêmulas já tinham dificuldade em movimentar as cartas ou esconder os espelhos. Quase tudo era feito por suas filhas que trabalhavam como assistentes. Quando perguntou a ele, o homem a olhou feio e se afastou, resmungando coisas inaudíveis.

Depois procurou por Mercedes, a cigana. Ela não era muito velha, mas sabia sobre tudo e sobre todos, e não por causa de nenhum dom mediúnico, mas porque estava sempre fofocando e espreitando por detrás da cortina de seu trailer.

Quando a perguntou, a mulher disse que nem mesmo sabia que ela tinha mãe. Depois de um tempo, Amélia desistiu de perguntar. Por si só, não queria mais saber. Se ninguém no circo queria falar, sinal que boa coisa não era. Além do mais, estava começando a ficar ocupada demais com o futuro. Um futuro longe do circo, onde pudesse cursar faculdade e ter sua própria residência.

Em partes porque nunca havia sentido que o circo era o seu lar e também porque ela havia se apaixonado. Não como havia sido pelo filho do trapezista, Heitor, uma coisa de criança. Dessa vez, era para valer, de verdade.

Bernardo foi de verdade.

O Spirale não era do tipo itinerante, mas pessoas estavam sempre indo e vindo, e, um dia, Bernardo apareceu na sua vida. Ele chegou com o pai uma noite para observar o show, pois o homem queria oferecer um número: o globo da morte. Estava precisando de dinheiro, e seus três filhos eram pilotos profissionais e tinham todo o equipamento. Costumavam se apresentar em rodeios pelo interior.

Logo os Irmãos Brito se tornaram a sensação do circo. Graças a ela, a plateia passou a ficar lotada por muito tempo, em sua maioria, por garotas. Amélia sempre havia sido muito tímida, e Afonso não permitia que namorasse, e, para isso, ocupava-a por muito tempo nos treinos e no estudo. Estava gastando um bom dinheiro com cursos pré-vestibulares e exigia notas excelentes. Então, para lidar com o sentimento, procurou se concentrar no que tinha que fazer.

Às vezes, saía de manhã cedo, com o dia ainda por amanhecer, e, quando voltava, já era noite. Precisava treinar de madrugada, o que era bom, pois assim fugia dos olhares do circo, e era nesse momento em que podia soltar Eveline, a cobra de seu braço.

A criatura rastejava pelo chão e desaparecia no matagal atrás do circo, tão ansiosa por um pouco de espaço quanto a dona.

Também se livrava do punhal e da borboleta, que voava pela tenda enquanto treinava.

Não o viu se aproximar, estava concentrada em decorar uma nova coreografia que estava planejando mostrar a Afonso. De repente, notou-o sentando na arquibancada. Desceu do tecido e aterrissou no chão com destreza, sem encará-lo, indo direto para onde deixara seu casaco.

— Por que tem tantas tatuagens? — ele perguntou quando Amélia desligou a música. Nervosa, ela não respondeu. — Desculpe se fui indiscreto. — Ele sorriu, passando a mão pelos cabelos castanhos e ondulados. Amélia procurou se concentrar em arrumar as suas coisas. Podia ser muito extrovertida na frente do público ou dos outros membros do circo, mas simplesmente não conseguia se comportar normalmente na frente dele. Suas mãos estavam trêmulas quando fechou o zíper da bolsa esportiva. Por acaso tinha perdido a cabeça? — Você não tem que ir.

— Preciso estudar.

— Ah, conversa comigo um pouco. Apenas alguns minutos — ele pediu. Eles então conversaram a noite toda e a noite seguinte, e a outra. Até que as palavras se tonaram beijos e toques. Bernardo foi o primeiro a tocá-la de todas as formas. O namoro permaneceu em segredo por um tempo. Esforçava-se para disfarçar os olhares e suspiros toda vez que o via. Às vezes, matava aula para se encontrarem na cidade. Mas, como sempre, nada ficava em segredo por muito tempo no circo.

— Mostre a ele — exigiu Afonso quando os pegou aos beijos atrás da arquibancada. Amélia tentou implorar, mas ele agarrou seu pulso e o mostrou para Bernardo. Eveline escorregou por entre seus dedos para o chão. — Veja isso, ele está sentindo nojo de você.

Ela não queria olhar para Bernardo, não queria ter certeza de que Afonso estava certo. Fugiu pra o trailer, e, nos dias seguintes, evitou Bernardo, que também não parecia animado em vê-la.

Quando voltou naquela noite, os Brito já tinham partido, e ela decidiu que nunca mais se apaixonaria por alguém.

— Eles são humanos. Não nos entendem — disse Afonso ao ver a caminhonete dos Brito desaparecendo na estrada. Ela não lhe respondeu. Naquela noite Afonso lhe tatuou um diminuto coração partido invertido bem debaixo do olho esquerdo para lembrar que não deveria entregar o seu coração a qualquer um.

— Como a minha mãe? — respondeu ela em tom de desafio, enquanto ele descartava as agulhas.

— Exatamente como a sua mãe.

Quando ela completou dezoito anos, Aline e Afonso tiveram o seu primeiro filho, um menininho que carregava todos os traços dos dois. Os olhos espertos e castanhos de Afonso e o amor por animais de Aline. Achava que, com a recente paternidade e com a sua maioridade, Afonso a deixaria em paz. E também com a sua ida para a faculdade, a distância daria conta do resto.

Havia passado para todas as federais que tentou, conseguiu até mesmo uma vaga em um alojamento. Estava contando os dias para a sua partida, quando a falência atingiu o circo.

Com a ausência do globo da morte, o circo voltou a ficar sem público. Então, pela primeira vez em muitos anos, o Spirale caiu na estrada. Nem todos concordaram com a ideia, e, dessa forma, muitos decidiram ficar. Com isso, Amélia não perdeu só a sua estabilidade e seu sonho, mas também a sua melhor amiga. Lurdes era a sua parceira no tecido, elas treinavam juntas desde pequenas. Iria estudar no Rio de Janeiro, onde ela e os pais iriam voltar

para a casa da família.

Era para saber lidar com as perdas melhor do que ninguém àquela altura, só que algumas perdas são mais difíceis de suportar.

Foi a primeira vez que fez uma tatuagem em si própria. Uma chave. Queria guardar todas as lembranças dentro de si e fechar o seu coração para sempre.

Com a metade da trupe na estrada, um novo show precisou ser feito. Amélia largou os tecidos e ganhou o trapézio, um novo parceiro e um trailer só para si. Seu passado com Heitor havia sido, no mínimo, constrangedor, e evitavam tocar no assunto, visto que eram tão bons juntos.

Não era segredo para ninguém que Heitor passava noites e noites em sua cama, nem mesmo para Afonso. O trapezista a procurava sempre que estava bêbado demais — e quando não havia encontrado consolo com alguma pobre coitada na cidade em que estavam passando. Aquilo era o que chamavam de relacionamento.

No momento em que ela chegou, soube que as coisas mudariam novamente. Heitor nunca tinha olhado daquele jeito para mulher nenhuma, e, por Deus, Amélia precisava admitir, Christina era linda. Cabelos negros e ondulados até a cintura e os olhos mais azuis que tinha visto. Chamava a atenção de todos, conseguia tudo com um simples sorriso.

Chegou ao circo contando a história de que não tinha ninguém no mundo e estava cansada dos maus tratos de sua madrasta. Desde então, Heitor não a procurou mais durante a madrugada, sequer durante os treinos, e parecia frio e distante.

Aquilo começou a irritá-la. Por diversas vezes, flagrou Heitor ensinando a rotina deles para Christina. Ignorou, achou que só fosse um flerte barato, porém, cada vez menos, ensaiavam juntos.

De todos os momentos que Heitor poderia escolher para se tornar uma pessoa decente, precisava ser justo naquele? Logo quando o vídeo de uma apresentação dos dois tinha ido parar na internet, e propostas para se apresentarem na televisão, circos maiores e casas de espetáculos começaram a surgir?

Mas ele não queria, dizia que nunca largaria o circo e sua família.

Tudo bem, ele sempre fora um idiota sem ambição mesmo. Porém, Amélia viu que aquela era a chance de deixar aquela pocilga mambembe para trás.

Existia um momento, um pequeno momento, em que a vida parecia um carrossel desgovernado. E ela descobriu isso da pior maneira.

Tinha ido até a cidade ver algumas roupas, e, quando voltou, tudo parecia

um pandemônio. A trupe estava dentro da lona no meio da tarde, devidamente caracterizados. Havia câmeras, a televisão local estava fazendo uma reportagem sobre o circo.

Christina e Heitor executavam uma performance no trapézio quando ela chegou. Amélia procurou um lugar ao fundo da arquibancada e prestou a atenção. Assim que aterrissaram, a repórter perguntou aos dois sobre os vídeos que circulavam a internet, e ele agiu como se estivesse muito animado com tudo aquilo. De onde estava, notou o olhar dele em sua direção.

— Você não estava aqui — ele justificou quando entrou no camarim naquela noite.

— Poderia ter me ligado — respondeu ela, evitando olhá-lo através do espelho. — Eu teria vindo correndo.

— Aline tentou ligar para você.

— Aline? — perguntou Amélia, recostando-se na cadeira e finalmente o encarando. Um de seus olhos estava fortemente delineado, fazendo com que o outro, sem maquiagem, parecesse apático. Não havia nenhuma chamada perdida em seu telefone. Nenhuma mensagem. E, do que conhecia de Aline, a mulher nem mesmo havia tentado.

— Eu sei porque está assim, não tem nada a ver com a reportagem. O problema é que eu não quero mais nada com você — explodiu Heitor. — Eu amo Christina.

— Por mim... — Amélia deu de ombros. — Eu só preciso de você naquele bendito trapézio até eu conseguir uma passagem para fora daqui — respondeu. Quando a expressão dele mudou, notou que havia alguma coisa errada. Amélia arremessou o delineador no estojo e virou-se para encarar Heitor. — O que foi dessa vez?

— Afonso quer que Christina se apresente essa noite. Sinto muito.

Amélia saiu do trailer, furiosa, atravessando todo o terreno até o trailer de Afonso. Eveline agitou-se em seu pulso quando golpeou a porta.

— Que palhaçada é essa? — perguntou assim que ele atendeu.

— O circo é meu, eu faço o que bem entender. — O homem desceu os degraus até ficar cara a cara com ela.

— Não é justo — Amélia falou com dificuldade. A raiva formou um nó na garganta.

— A garota é melhor. Só isso.

— Ela acabou de chegar.

— Se quisesse a chance, estaria aqui. Aline te ligou a tarde toda.

— Ela está mentindo. — Um tapa lhe riscou a face e a derrubou no chão. O anel de Afonso lhe cortou os lábios, e o susto fez as lágrimas surgirem em seus olhos.

Quando foi a última vez que chorou? Não lembrava, mas sabia que era a primeira vez que sentia medo de Afonso.

— Olha como fala comigo! — berrou ele. — Eu te criei, coloquei um teto sobre a sua cabeça. Não sou como um desses vagabundos com quem você fica se esfregando feito uma cadela. — Amélia estremeceu contra o chão. — Eu já te aturei demais. Eu só não te jogo na rua porque... Você faz o tecido hoje — ele disse, e depois bateu a porta do trailer.

Ainda no chão, Amélia ouviu as primeiras notas das risadas. Não havia se dado conta de que a trupe havia testemunhado a sua humilhação.

Levantou-se enquanto ajeitava o robe no corpo e evitou a mão de Heitor, fugiu para o trailer onde pôde chorar em paz. Diante do espelho, notou o estrago que Afonso causara. Os lábios estavam inchados e sangrando, temia ter partido um dente. A maquiagem estava uma bagunça. E, de todas as coisas que havia aprendido no circo, a mais importante era: o show sempre deve continuar. Não importava o que acontecesse.

Assim que o show começou, ela estava na coxia junto com os outros. Escolheu um macacão de lycra negro bordado com cristais *swarovski*, um tanto quanto dramático. Afinal, a arte não era sobre se expressar?

Talvez aquela tenha sido a melhor apresentação da sua vida. Queria assegurar que todos estavam com os olhos em si. Voava sobre a plateia como um pássaro. Não, como uma pluma. Não, como um anjo. Um anjo negro anunciando a morte.

Escorregava no tecido em movimentos perigosos e girava no ar, esticando-se ao limite. Até que então seus pés descalços tocaram o picadeiro.

Acenou para o público, e Eveline escorregou de seus dedos para o chão. O público reagiu em um arfar de surpresa. Em seguida, aplaudiu.

O mestre de cerimônias tentou interrompê-la, em vão. Sua voz não era páreo para os aplausos. O silêncio reinou quando a borboleta voou de seu ombro e pairou ao ar bem sobre a sua cabeça.

Eveline serpenteou até a plateia, atenta. E cuidadosamente escolheu uma vítima, a jornalista que acompanhava o circo durante todo o dia.

Quando estava prestes a dar o bote, uma adaga voou em direção ao animal, e a escuridão acometeu o circo. No silêncio, era possível ouvir até um mero

alfinete caindo no chão. Depois disso, as coisas aconteceram rápido demais.

A trupe a atacou, furiosa, desferindo tapas e socos. De algum jeito, Afonso conseguiu impedir que a matassem, e a levou quase sem vida para o trailer da manutenção. Trancou-a lá dentro, antes de lançar a ela um olhar estranho que a remeteu para a primeira vez que haviam se visto. E, como naquela vez, devolveu o olhar com o olho bom.

Não havia nada mais que pudessem fazer com ela, nada que pudessem tirar.

Ficou lá a noite toda, até decidirem o que fazer com ela. De onde estava, podia ouvi-lo confabulando. Desejavam a sua cabeça, desejavam o seu coração.

Falam como um bando de zumbis, pensou, e aquilo a fez rir em meio às lágrimas.

Só se deu conta de que adormecera quando os raios solares iluminaram o trailer bagunçado. Pela janelinha encardida, via que a trupe ainda estava reunida lá fora numa calorosa discussão.

Será que não poderiam decidir logo? Quanto tempo mais teria que esperar pelo seu fim?

Olhou em volta, para aquela bagunça. A coisa toda era tão semelhante a si mesma que seria poético se não fosse trágico.

Nunca havia sido boa, sabia disso. Mas eles nunca lhe deram escolha, desde o momento em que pisou no circo, e a trataram como um monstro, e Afonso foi além, marcando-a como tal.

Olhou as tatuagens na pele, o espaço vazio que sua Eveline deixou não era nada além do que uma marca avermelhada. Seus dedos tatearam a mesa de trabalho e encontraram a máquina de tatuagem, que usou cuidadosamente para marcar a palma da mão. Estava trêmula quando terminou, e, quase ao mesmo tempo, alguns homens da trupe a arrancaram de dentro do trailer e a arrastaram de volta até o picadeiro.

De pé diante de todos, notou que ela seria a grande atração ali. A grande estrela do show.

Amarraram as suas mãos com o tecido com que costumava performar, e então, exibindo um conjunto de adagas, Afonso tomou a sua frente.

— Não erre o alvo Afonso — alguém gritou.

— Essa aí é como a mãe, não deveríamos tê-la aceitado. — Outra voz surgiu em meio aos protestos. Afonso ergueu as mãos exigindo silêncio e

depois se virou para ela. Aproximou-se tanto, que ela sentiu o hálito de cigarro em seu rosto.

— Será possível que eu não te ensinei nada? — Seus olhos se cruzaram uma última vez.

— Ensinou. Você me ensinou a ser um monstro, como você. — E ele assentiu, satisfeito. Ela abriu as mãos, e, da palma, a ampolheta caiu no chão com um estrondo que ecoou pela lona. Rolou pelo picadeiro, fazendo um som continuo e grave, até que finalmente caiu num degrau e se partiu.

— Faça direito dessa vez. Essa é a lição. — Foi a última coisa que Afonso lhe disse.

Quando olhou em volta, estava novamente atravessando o terreno em direção ao trailer de Afonso, quando parou no meio do caminho. Ergueu o braço. Eveline estava em seu lugar, intacta. Afonso abriu a porta do trailer e a encarou, cruzou os braços no peito e meneou um sorriso enigmático.

— Eu tenho uma pergunta — disse ela, sem mover mais um passo.

— Diga. — Afonso se sentou na escada do trailer, erguendo a calça num movimento preguiçoso.

— Tudo o que fez foi por causa da minha mãe, não foi? — O homem assentiu uma vez.

— Se vingou dela porque ela partiu o seu coração. Duas vezes. Então quis descontar de mim.

— Você não entende. — Afonso negou com a cabeça.

— Entendo, sim. Todas essas lições... Não queria que eu cometesse os mesmos erros que ela. E só me manteve por perto porque esperava que ela voltasse por mim. — Afonso se ergueu e enfiou as mãos nos bolsos. Sabia que ele estava à procura da adaga. — E quer saber? Eu não vou cometer os mesmos erros que ela. — Amélia esticou os dedos, e Eveline escorregou por sua mão tão depressa, que, quando Afonso tirou a adaga do bolso, a cobra já havia dado o bote. Enroscou-se em seu pescoço e só o soltou quando estava desfalecido no chão.

Amélia foi em direção ao trailer da manutenção e se trancou lá durante um tempo. Quando saiu, tinha o sol desenhado em sua mão.

Apontou a mão em direção ao circo, e, quando a luz cruzou a noite, ela soube que era o fim. Não teria mais para onde voltar.

Os gritos romperam às suas costas. A trupe saía de seus trailers a procura de água para apagar o fogo, ocupados demais para prestar atenção nela ou no

corpo morto de Afonso.

Como da primeira vez, Amélia colocou em sua mochila apenas o essencial: uma foto da mãe, uma foto de Dona Berta, roupas e todo o dinheiro que conseguira juntar.

Era um belo show, não era?, pensou quando deixou seu trailer para trás, observando a lona despencar acompanhada de uma sinfonia de gritos.

— Eveline? — chamou, esticando seus dedos para a cobra. A criatura deslizou por sua palma e voltou ao lugar de direito.

Isso é o que Amélia não sabe: sua mãe: também havia chegado ao circo assim como ela. Sozinha, pequena e com dons que não podia controlar. Quando o pai de Afonso a viu, soube que ela seria uma mina de ouro. Naqueles dias, ninguém pagaria por palhaços bêbados e malabaristas com habilidades duvidosas.

Mas pagaria por uma menina com o dom dar vida a tudo o que tocasse.

Eis o que Afonso sabia quando viu Amélia: que ela tinha os mesmos olhos e a maldade de seu pai.

Eis o que Afonso não sabia: que os monstros sempre são a atração principal.



Os Sóis de Maria

Laísa Couto

— Minha filha, tu vai parir cem vezes.

— Por que, mãe? A senhora tá falando cada coisa estranha.

— Porque foi por isso que te deixei viver. Tu deve alimentar o mundo, esse que carreguei no ventre e ganhou a terra. Agora, o peso é todo teu, Maria do Céu. E aqueles que não puderem mais vir de ti, tu vai pegar daquelas que ainda aninham os filhos pequenos no peito.

Maria do Céu ouvia a mãe sussurrar num delírio, deitada na rede. A febre não baixaria, avisava a testa quente, que, em vão, tentava aliviar com um pano molhado da água fria do poço.

— Para! Deixa disso! — A velha agarrou as mãos de Maria. — A morte arde. O fogo veio queimar minha alma, devo virar vapor e de alguma maneira matarei a sede dos teus filhos que virão depois de mim.

— Mamãe, a senhora tá ficando piorada da cabeça. É essa febre que não passa!

Ela se desvencilhou da mãe, que continuava a resmungar dentro da rede. Pegou a lamparina, a luz alaranjada tremeluzia, devorando o querosene, e foi até canto do único cômodo da casa. O caldeirão encardido ressentia um caldo de peixe sobre um resto de brasa no fogareiro. Maria do Céu despejou o líquido dentro de um prato de latão, de um cofo de palha, pegou um punhado de farinha branca de mandioca, e, com a colher, mexeu até virar pirão. Era a única refeição que tinha para dividir com mãe naquela noite. Depois, só restaria a farinha, e temia deixar a idosa sozinha nesses dias contaminados de febres e loucuras. E, na altura dos seus quinze anos, seus pés não conheciam as terras além do seu quintal. O mundo era um bicho extinto na sua imaginação.

Arrastou as chinelas gastas, equilibrando o prato numa mão e a lamparina em outra, quando percebeu a rede vazia, o prato veio ao chão de terra batida, a poeira ainda mais faminta sorveu a papa. Na penumbra, Maria do Céu procurou pelos cantos da tapera. Todos vazios, guardando silêncios. Nada da mãe, nem suas loucuras. Ela chamou, gritou das janelas seu nome, “Maria dos Prazeres!”, e apenas a umidade noturna soprada do buritizal lá fora tocava seus lábios em resposta.

Saiu pela porta do quintal, segurando a barra da saia para não tropeçar na urgência. A luz da lamparina não iluminava mais que alguns palmos à frente

quando ela se chocou contra uma forma pequena.

Era a mãe.

— Mamãe, o que a senhora veio fazer aqui fora? Rumbora entrar, a senhora ainda tá queimando de febre. — E foi puxando a velha pelo braço.

— Me larga, Maria. Me larga! — A mulher escapou dos braços da filha. — Apague esse fogo. O que me queima por dentro pode iluminar a noite inteira. — Num gesto rápido, ela pegou a lamparina e a lançou à boa distância. Tudo ficou escuro.

— Mamãe, a senhora endoideceu? — Maria sentiu as duas mãos quentes e magras da mãe no seu rosto.

— Não, só estou morrendo, Maria. E não quero que tu se esqueça deste céu, o mesmo de onde tirei metade do teu nome, o mesmo onde debaixo adormece o Mundo que eu alimentei, e que agora tu alimentará, porque tu foi a última e centésima filha gerada do meu ventre, assim como fui eu a última e a centésima que morou dentro de minha mãe.

Maria não soube o que dizer, apenas ficou a escutar aquela conversa que a mãe insistia em repetir naqueles dias de insanidade.

— Os homens têm fome, Maria do Céu. Tu vai dar de comer com teu corpo, e, quando a semente vingar dentro de ti, tu vai gerar; e, quando o fruto amadurecer, tu vai parir; quando o rebento chorar, tu vai dar de comer ao Mundo.

— Ao Mundo? Eu conheço só esse buritizal, de onde nunca saí, mãe.

A velha, com respiração pesada, encostou-se em Maria, que a abraçou pela cintura.

— Esse é o nosso Mundo, Maria do Céu. O mundo que amei e minhas avós amaram. Amanhã, o sol vai habitar em ti. Tu vai sentir a febre, não a da morte, como a que eu sinto agora, mas a da juventude, que tu ainda guarda em teus olhos, minha filha.

O corpo da mãe pesou nos braços de Maria do Céu. Encantado pelo luar, a sombra do buritizal à frente cresceu, e o vento rodopiou entre galhos, fazendo chover sons dos maracanãs que se aninhavam ali.

Maria do Céu enterrou o corpo no quintal, onde começava o imenso buritizal que a mãe cuidara com tanto zelo, e foi se deitar na rede, ainda com o cheiro dela. O farfalhar das palmeiras de buritis chegava aos seus ouvidos como soluços de tristeza e dor. Ela adormeceu, mergulhando em pesado sono, e, quando acordou, ainda ao alvorecer, o choro dos buritis ressoava na memória, gemidos quase infantis, espantando a dor recém-erguida pela perda

da mãe.

Com sede e fome, foi até o poço cavado perto do jirau. Despiu-se. Daquele buraco fundo, tirou água fria com uma cuia. Esperou o corpo inteiro tremer com impacto da água gélida. No entanto, uma nuvem de vapor a envolveu assim que água a tocou. Assustada, Maria do Céu recolheu as roupas e vestiu-se.

Correu o mais rápido que as pernas podiam. O corpo inteiro ardia. O coração martelando contra o peito e o fôlego pedia uma pressa que Maria do Céu não conhecia. Ela correu até as pernas doerem, gotículas de suor emergiam como orvalho da superfície macia de sua pele. O buritizal findou numa estrada que não conhecia. Estava muito longe de casa, pela primeira vez.

Seus passos ficaram indecisos entre fazer o caminho de volta ou seguir em frente. A fome maltratava o estômago. Em casa, só tinha farinha para comer, lembrou-se. Resolveu, enfim, procurar por alimento. Caminhou por aquela estrada com esse único intento: o de calar a fome que lhe dava calafrios. A febre ia cedendo conforme avançava, e um frio desconhecido ia tocando, aos poucos, seus poros, embora estivesse sob a quentura do sol latente acima dos seus ombros morenos. Sentiu que não aguentaria mais meio passo.

Maria do Céu abraçou-se na tentativa de reaver o calor e agachou-se no chão, de tão fracas que as pernas ficaram. Até que ouviu um som abafado ao longe, um galope enchendo a areia da estrada de poeira. A jovem notou uma figura grande se manifestando, os olhos haviam sido tomados pela cegueira repentina, e o vulto indicava que havia parado. Os ouvidos descobriram o relincho de um cavalo muito perto. Passos se aproximaram. Maria queria correr, mas o corpo todo se trancou dentro do lago invernal em que ela mergulhara, solitária.

— O que tu tá fazendo sozinha na estrada uma hora dessas? — perguntou um rapaz que saltou do cavalo.

Maria do Céu olhou na direção do vulto, mas de sua boca não saiu uma só palavra. Queria gritar, porém seu corpo não obedecia mais a seus pensamentos, permitindo apenas que chorasse. O estranho se aproximou.

— Calma, que não vou fazer mal pra ti, não. Qual é teu nome?

A jovem apenas balançou a cabeça, enxugando as lágrimas com as costas das mãos. Tentou se levantar, mas as pernas não aguentaram o peso do próprio corpo. O rapaz, vendo a dificuldade, ajudou-a ficar de pé.

— Cruz credo, pequena! Tu tá gelada que nem um defunto!

O corpo quente do rapaz roçou nas costas de Maria do Céu, os pelinhos dos braços dela arrepiaram.

— Onde é que tu mora? — insistiu o rapaz.

Maria do Céu nada pôde dizer, trancada no silêncio imposto pela fraqueza nos ossos gelados. O rapaz resolveu que a levaria consigo. Ela apenas assentiu, muda.

Os dois partiram pela estrada. A moça entre os braços e pernas do rapaz, escutava além dos galopes rápidos do cavalo, o salto contínuo do coração, A escuridão lhe roubara a face do seu benfeitor, mas os ouvidos eram portas para os segredos que os olhos não viam. A pulsação crescia, enchendo suas veias recém-nascidas em terras virgens, a fonte que brotava do ninho d'água espalhando-se em rodopio morno por todos os poros da pele. Ouviu o descompasso, a pressa arrebetando margens de rios, levando embora os nós das raízes e todo pó semeado nas profundezas, e de lá se abriram grandes fendas, emanando vapores. As águas borbulhavam, banhando as peles de suores e calafrios. Ali, o sol nasceu outra vez, explodiu nos olhos de Maria, que passou a enxergar o mundo que a escuridão gelo havia lhe roubado. Ela procurou pelos olhos daquele que a havia resgatado, e, neles, encontrou um horizonte onde poderia ser pôr.

Sob as sombras das árvores que ladeavam a estrada, eles se reencontraram, um nos braços do outro, superfícies de areias escaldantes e rios mornos numa terra só. A pele bronzeada pelo trabalho na raça, os músculos bem torneados pelo trato com os animais. Maria do Céu, refém dos fôlegos roubados, sentia o despertar da febre que ardia seus pensamentos e a fazia delirar de desejos. O fim daquela dança que ardia os corpos era tão inalcançável, que ela acreditou que ia morrer — desejou morrer. Depois do clarão de uma estrela-cadente, ficou cega outra vez, de tanta luz que sua pele emanava. Numa explosão, ela estava saciada de si e do outro, que adormecia sem vida, num corpo carbonizado ao lado do seu.

Maria do Céu, horrorizada, vestiu-se e saiu correndo, falando loucuras e lastimando culpas. Quando encontrou o caminho de casa, percebeu que não sentia fome e que a barriga se enchia sozinha de vontades que ela desconhecia. Ao atravessar o buritizal e entrar na tapera, seu ventre havia crescido tanto, que o único vestido já não conseguia mais acompanhar a largura da cintura. Os seios, antes pequenos, agora eram fartos. Os tornozelos incharam com o peso. Ela se deitou na rede, nua e saciada, observando o ventre crescer a cada hora que o sol descia do céu. E quando o astro ameaçou tocar o horizonte, a dor abriu portas entre suas pernas. Primeiro, ela veio devagar, movendo seus quadris em breves pulsações. Maria teve medo, não sabia o que estava acontecendo com o próprio corpo, que fazia vontades

sozinho. Suava frio quando viu pela janela o sol terminando de descer no fim do mundo. Maria do Céu gritou, e uma violência invisível esvaziou seu útero; um pequeno ser que dali nasceu e abriu a boca em choro. A jovem o levou ao peito para acalmá-lo, encontrando entre seus seios o leite que jorrava em busca do faminto que o bebesse.

Já no alto da noite, Maria se levantou da rede com o recém-nascido no colo. Era um menino que se parecia muito com o pai. Sem o desejo de se vestir, foi até o quintal, parou diante da sepultura da mãe, lembrando-se das palavras que deixou antes da morte. O buritizal que a falecida tanto amava se estendia à frente, os galhos das palmeiras farfalhavam e os pequenos cocos, que pediam como os seios virgens, balançavam nos cachos, brincando com vento. As raízes de múltiplos dedos finos agarravam-se ao solo arenoso como o filho de Maria do Céu se agarravam aos seus seios. Os buritis tateavam o solo por alimento, mas a terra estava seca, desde que a sua mãe adoecera e não pôde mais sair de casa, como fazia todos os dias para buscar comida.

Maria do Céu chorou as lágrimas da mãe que vê o filho passar fome e sede. Procurou pela palmeira de buriti mais alta e a encontrou no meio das outras, coroando-as com as folhas que se abriam em forma de aura santa. Lá, sob seus pés, ela abriu com uma das mãos um buraco. Dos seios, tirou o filho e o deitou na cova. O menino a chorar, enquanto mãe jogava a terra quente sobre seu corpinho, até vê-lo engasgar e silenciar. Os olhos da jovem verteram lágrimas de imaculada alegria. Ao derramar o último punhado de terra, as palmeiras de buritis se avivaram, acolhidas pelo sereno do crepúsculo. As raízes tatearam o pequeno túmulo e tomaram o bendito fruto, estalando o crânio em batismo e atrofiando ossos moles em oração, perfurando os órgãos entre rosários e sugando a carne benfazeja.

A mãe, cheia de graça, sorriu.

Depois de se envolver no banho frio do poço, Maria do Céu percebeu que o corpo se recuperara da rápida gestação. O único vestido lhe coube perfeitamente, e, cansada, deitou-se na rede. Logo pegou num sono profundo cheio de dores e febres. Ao acordar, no começo da manhã, a fome intensa a aturdiu. Tomou banho para acalmar os desejos e atravessou o buritizal, pois, na estrada, devia encontrar o que comer.



A Assassina do Príncipe

Thais Rocha

O prisioneiro foi jogado na cela pelos guardas reais, resignado. Lugarzinho deplorável. As paredes de pedra se fechavam ao seu redor, e o fedor de mofo e ratos mortos exalava de cada centímetro do lugar. Não havia janelas. No canto esquerdo, uma latrina ajudava o lugar feder ainda mais. Sua sentença havia sido de decapitação em praça pública, mas, naquelas condições, era possível que desistisse de viver antes mesmo de voltarem para buscá-lo.

O prisioneiro andou de um lado para o outro por alguns minutos, tentando não encostar em qualquer coisa mais do que o necessário. Em algumas horas, estaria morto, então poderia muito bem evitar se humilhar por completo, deixando a sujeira daquele lugar encruar em sua pele.

Uma risada soou do outro lado da parede, aguda demais para pertencer a um homem. Uma mulher, ali? Aquela prisão era para os crimes hediondos, reservada aos assassinos e aos traidores mais vis do reino, de onde só saíam para morrer. Havia histórias de que uma pirata estivera ali uma vez, uma mulher cruel e sanguinária, o corpo grande e musculoso como o de um estivador. Mas aquela risada que ouvira? Não pertencia a uma criatura assim. Era quase melódica, e um tanto sarcástica.

— Quando finalmente me trazem alguém para conversar, é um idiota completo. Ah, a minha sorte.

O prisioneiro congelou. Havia algo naquela voz, algo que urgia para que ele saísse dali o mais rápido possível.

A mulher riu mais uma vez.

— Nem começamos a brincar ainda. Você só pode enlouquecer quando eu deixar, entendeu?

O prisioneiro sentiu toda a sua vontade desvanecer e permaneceu imóvel no meio da cela.

— Vamos, sente-se.

Ele se sentou, contrariando sua própria decisão de evitar contato com as partes mais sujas da cela.

— Qual era mesmo o seu nome?

— Eu não disse o meu nome.

— Ah, sim. É claro. E qual é o seu nome, membro da escória da Prisão Schund?

— Fendrel.

— Fendrel. Um nome interessante.

— Meus pais me batizaram em honra ao príncipe herdeiro. O que foi assassinado dois anos atrás. Nascemos durante a mesma colheita.

— Sim, pude perceber.

— Dizem que o assassino está aqui. Nessa prisão.

Um risinho baixo lhe escapou.

— Sim, é verdade.

— Você o conhece?

— Posso dizer que tive esse prazer.

— Ele é muito assustador?

— Eu diria que isso depende muito do ponto de vista.

Fendrel não respondeu.

— Muito bem, Fendrel. Vou libertar sua mente agora, mas você precisa me prometer que vai ficar tranquilo, esperando seus guardas voltarem.

— Está bem.

— Bom menino.

Fendrel pôde sentir quando ela saiu de sua mente.

— Bruxa — sussurrou ele, não querendo que ela o ouvisse.

— Ah, Fendrel, você é um idiota, mas é um idiota bem instruído. Não me venha com essa agora.

Fendrel sentiu um arrepio na espinha. Magia... Sim, ele sabia que ela podia ser boa ou ruim, dependendo de quem a manipulasse. As estudiosas da Ordem eram as únicas responsáveis por manter o mundo bem equilibrado, principalmente depois do Grande Incidente que libertara criaturas fantásticas em um mundo antes desprovido de qualquer magia.

— Por que você está aqui? — perguntou ele, receoso. Queria mesmo aquela resposta?

— Por que você acha?

Ele quase podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Não. Não pode ser.

— Ah, mas você sabe que pode.

— Ele era um príncipe! Um jovem muito bem protegido. Nunca sairia das vistas da guarda real. Como você poderia...?

— Eu, como mulher, você quer dizer? Enquanto você achava que o assassino era um homem, estava tudo bem?

Fendrel ficou pálido. Sabia que ela não podia vê-lo, mas tinha a impressão de que isso não importava.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Mas foi o que você disse.

— Não, não foi. Perdoe-me. Não foi minha intenção insultá-la.

— Não precisa se desculpar. E não precisa ficar tão nervoso. Não represento perigo algum a você. Não saio por aí matando qualquer um.

Claro que não. Ela matara um príncipe, afinal.

— Conte-me como.

— E por que eu faria isso?

— Essas são minhas últimas horas neste mundo. Gostaria de passá-las ouvindo como Sua Alteza, o Príncipe Fendrel, meu homônimo, morreu.

Ele a ouviu suspirar.

— Isso terá um preço.

— Os guardas confiscaram todo o meu dinheiro antes de me aprisionarem.

— Não quero dinheiro. Quero uma promessa. — A palavra saiu sussurrada, e mesmo Fendrel podia sentir o poder por trás dela.

— Que tipo de promessa?

— Antes de dar seu último suspiro, leve sua mente até mim.

— E o que isso fará?

— Apenas prometa. Não é muito.

Não parecia ser. Mas, para ela, era, ou não teria pedido. E Fendrel queria saber. Antes de morrer, queria saber como uma bruxa conseguira matar o príncipe.

— Eu prometo.

Ele não viu, mas ela abriu um sorriso torto triunfante antes de começar.



— Nasci em um vilarejo esquecido pelo mundo. Ao longe, no topo da montanha, podíamos ver um lindo casarão construído em um estilo há muito abandonado pela humanidade. Mas, para nós, havia apenas nosso vilarejo e a floresta que o cercava. Ouvíamos barulhos estranhos vindos dela o tempo todo. Uivos. Pios. Gritos. Não saíamos de noite. Meu pai abandonou minha mãe quando ela engravidou de novo. Saiu de casa dizendo que ia cortar lenha e nunca voltou. Eu tinha três anos. Ela acreditava que os males da floresta o haviam levado, por isso ele não pudera voltar. Mas eu sabia a verdade: ele me odiava. Odiava minha mãe por ter me parido, e a perspectiva de que pariria outra criança, igual a mim, o assustava e enojava em proporções iguais. Ele foi, sim, para a floresta, e muito provavelmente foi tragado por seus mistérios. Mas não fora por isso que ele nos deixou. Não. Ele se foi porque não conseguia mais lidar comigo.

“Mas meu irmão não era nada como eu — isso eu aprendi sozinha. Minha mãe ficou muito doente após o parto. Não conseguia se levantar, estava sempre muito pálida, sempre suando. A curandeira da vila não era boa de verdade. Ao contrário do que muitos achavam, ela não tinha poderes. Ou talento algum que fosse. Era apenas uma velha que passara tempo o suficiente no mundo para saber um pouco mais de ervas do que o resto de nós. Eu cuidei de meu irmão sozinha, seguindo as poucas orientações de nossa mãe. Ela morreu pouco antes de ele completar um ano. E então éramos só nós dois. Ele e eu. Dois bebês em uma cabana de teto de palha.

“Não havia orfanatos em nossa comunidade. Muito menos alguém com recursos ou disposição o suficiente para alimentar mais duas bocas famintas. Mas eu era esperta, e aos poucos percebi que o homem que chamei de pai tinha razão. Eu tinha poderes. Poderes horríveis que mais ninguém tinha. Eu podia entender os pensamentos das pessoas, podia sugerir que fizessem coisas achando que a ideia brotara de suas próprias cabeças, e não da minha. Não passamos fome, mas, mesmo assim, foram tempos difíceis.

“Pouco a pouco, no entanto, quanto mais e mais eu usava meus poderes, mais ficou claro para os aldeões que eu os possuía. Me chamavam de bruxa e cuspiam no chão quando eu passava, mas era só dirigir um olhar a eles, que fugiam, correndo e gritando. As outras crianças pararam de brincar com meu irmão. Nossos vizinhos construíram casas do outro lado da vila e abandonaram seus antigos lares. O vento e a chuva destruíram o que restou

deles.

“Em meio à desolação, ficamos eu e meu irmão. A curandeira me procurou algumas vezes, pedindo que eu a ajudasse em seu trabalho de cura. Mas nunca tive talento algum para isso. Disse várias vezes a ela que minha magia era de controle — não havia nada de puro nela. Mesmo assim, ela insistia. Até que um dia mostrei a ela o que podia fazer. Mandei que parasse de respirar, e ela parou. Observei seu rosto ficar pálido e depois roxo. Ela arranhava o próprio pescoço, desesperada, e me olhava. Aqueles olhos, pequenos e embaçados me suplicavam para que eu parasse. Só permiti que voltasse a respirar quando sabia que morreria em um segundo. A velha saiu correndo da minha casa e nunca mais voltou.

“Olhando em retrospecto agora, acredito que ela tenha sido a responsável pelo que aconteceu depois. Ela era xingada de bruxa, como eu, mas não havia um aldeão sequer que nunca a houvesse procurado, implorando por seus entes queridos, ou pela própria vida. Mas não havia nada que eu fizesse capaz de ajudar alguém. Meus poderes eram macabros. Meus poderes assombravam os sonhos alheios.

“Eles vieram à noite, enquanto dormíamos, com tochas e ancinhos, como nos velhos tempos da humanidade. Ah, os tolos. Se ao menos soubessem...

“Acordei com a tosse incessante de meu irmão. A fumaça já estava densa. Soube imediatamente o que os aldeões haviam feito. Juntei tudo o que tínhamos (suficiente para encher um saco de couro), puxei meu irmão pela mão e fugi da casa. Eles mal puderam acreditar quando me viram andando pelo mar de chamas. Tudo dentro de mim borbulhava — mais quente do que todo aquele fogo. Que eles tentassem me matar, isso era esperado, mas meu irmão? Aquela criança doce que não faria mal a uma mosca? Isso eu não podia perdoar. Usando todo o meu poder, ordenei que extinguissem as chamas usando seus próprios corpos. Os gritos ecoaram noite adentro, mas, ao final, quando as luzes da aurora começavam a arroxear a escuridão do céu noturno, não havia mais fogo, apenas cinzas.

“Meu irmão chorou, perguntou o porquê de eles continuarem se jogando contra as chamas, se isso os machucava tanto. Assegurei-o de que estava tudo bem, que aquelas pessoas só estavam tentando nos ajudar. Que o incêndio era um acidente e aquelas boas pessoas estavam nos ajudando a apagá-lo. Mesmo ali, acredito que ele não tenha acreditado completamente em mim.

“Nunca havia usado meus poderes com ele antes, mas não tive outra opção. Fiz a sugestão de que ele devia estar com muito sono, depois de todas as emoções daquela noite, e suas pestanas começaram a pesar, e logo ele estava adormecido mais uma vez.

“Esperei o sol nascer por completo, amarrei a sacola em minha cintura e acomodei meu irmão como pude às minhas costas. Avancei floresta adentro sem olhar para trás, ignorando o choro daqueles que não haviam acompanhado seus amigos e parentes: crianças e anciãos. Que se afogassem em suas lágrimas pelo que haviam feito comigo.

“Enquanto o sol reinava, a floresta me pareceu surpreendentemente inofensiva. Havia vida ali, de todas as formas, de todas as cores. Não consegui reconhecer a maior parte das frutas, e havia uma variedade enorme delas. As árvores e arbustos estavam carregados de pequenas frutas silvestres e redondos pomos pesados e maduros. O cheiro doce era intoxicante.

“Meu irmão chorou de fome a manhã toda. Mas eu não podia arriscar alimentá-lo com uma fruta venenosa. Só consegui encontrar um riacho na metade do dia. Ele me odiou naquele dia, ah, como me odiou! As lágrimas não paravam de rolar, e ele só aceitou andar de mãos dadas comigo porque tinha mais medo de se perder do que rancor de mim.

“Mas nada disso superou o que ele sentiu por mim quando a noite chegou. A floresta mudou completamente com a chegada da lua. O canto suave dos pássaros diurnos deu lugar ao pio macabro de centenas de corujas. Os olhos vermelhos dos morcegos se abriram e passaram a devorar as frutas que eu fora covarde demais para colher durante a manhã. E então os uivos começaram. Eu havia me esquecido dos lobos. Podia ouvi-los nos seguindo, farejando nosso rastro, descobrindo nossa localização. Meu irmão começou a soluçar incontrolavelmente. Ordenei que parasse. O medo nos olhos dele se intensificou. Foi a primeira vez que ele se deu conta dos meus poderes. Entretanto, eu não tinha tempo para o medo dele, não quando o meu próprio ameaçava me dominar. Eu nunca sentira aquilo antes. E era paralisante aquela sensação.

“Tentei nos esconder, mas onde? Nunca fui uma criança de brincar fora de casa, então nunca aprendi a subir em árvores. Abracei meu irmão e esperei. Os lobos vieram, e eu só conseguia ficar repetindo, em um murmurar constante: ‘Por favor, não nos mate. Por favor, não nos mate’. Minutos se passaram, horas até, e os lobos — criaturas enormes e aterrorizantes — ficaram parados em círculo, rosnando e grunhindo, mas não atacaram. Pouco a pouco, fui clareando minha mente, tentando pensar melhor.

“‘Uivem’, comandeí, e eles uivaram. ‘Deem uma volta naquela árvore’, e a alcateia inteira circundou a árvore para a qual eu aponteí. Eles não estavam felizes, isso era claro. Estavam famintos e adorariam apenas saltar sobre nós e nos devorar. No entanto, não conseguiam me desobedecer. Eu nunca havia testado meus poderes em animais antes. Nunca me ocorrera que poderiam funcionar dessa forma.

“Me aproximei do maior deles, provavelmente o líder, e montei em suas costas. Ordenei que a alcateia nos levasse para fora da floresta. Eles correram noite adentro, mas, quando o sol começou a despontar no horizonte, nos deixaram e saíram correndo. Havia algo na urgência deles mais forte que minha magia. Mas não importava. Já estávamos em uma estrada. Uma estrada que levava à linda construção que avistávamos da vila.

“Precisei forçar meu irmão a ficar quieto por todo o caminho. A cada vez que minha persuasão começava a perder o efeito, ele começava a gritar e se debater histericamente, tentando fugir de mim. Aquilo doeu mais do que eu jamais estaria disposta a admitir. Tudo o que eu fizera, até aquele exato momento, havia sido para protegê-lo. Se ele não queria me acompanhar por bem, faria por mal então.

“Até chegarmos à cidade, anulei qualquer resquício de livre-arbítrio de meu irmão. Ele andou a meu lado, obediente e silencioso. Foi horrível. Nunca fora minha intenção fazer isso com ele. Mas ele não me dera outra escolha.

“A cidade era diferente de tudo o que já tínhamos visto, era enorme, e as pessoas andavam de um lado para o outro, atarefadas. No mercado ao ar livre, havia frutas e legumes que eu nunca havia visto, tecidos de cores vibrantes e perfumes adocicados. De repente, fiquei dolorosamente consciente de nosso estado. Estávamos imundos e nossas roupas em ruínas. A maioria dos cidadãos nos olhava com repúdio. Alguns mercadores nos xingaram, mandando que fôssemos embora dali. Mas havia outros como nós, mendigos que se escondiam nas sombras, esperando que alguém se distraísse ou deixasse algo cair no chão.

“Mas eu tinha algo que esses mendigos não tinham. Primeiro fui até um mercador de tecidos e o fiz nos dar algumas roupas novas. Depois, entrei em uma estalagem e sugeri à dona que me desse um quarto de graça, com água quente e lençóis limpos. Sua mente de comerciante tentou resistir por um momento, mas logo percebeu que minha sugestão falava mais alto que seus instintos naturais. Ela nos entregou uma chave com o número 7 entalhado no chaveiro de madeira.

“Na segurança de nossa nova casa, liberei a mente de meu irmão. Ele tentou fugir, mas abracei-o e expliquei que não precisava ter medo de mim, que eu prometia nunca mais subjugá-lo daquela forma, desde que promettesse que confiaria em mim. Eu cuidaria de todas as nossas necessidades, ele não precisava ter medo. Ele anuiu e eu sorri.

“Limpos e bem vestidos, a cidade desabrochou para nós. Fomos apresentados a doces, balas e festivais. Ouvimos música. Meu irmão cresceu e ganhou peso. Passamos algumas boas semanas ali.”

Ela parou de falar por um momento. Fendrel percebeu que aquele devia ser um ponto crucial da história — o ponto crucial da história.

— Foi então que a cidade começou a se preparar para um visitante ilustre. O lorde da cidade, o que morava na bela mansão mais acima na montanha, instituiu estado de ação de toda a cidade. Todos deveriam ajudar a montar o mais belo espetáculo, deixar a cidade em sua forma mais adorável. Tudo para impressionar o príncipe herdeiro.

“Eu não tinha noção de que aquela parte do mundo — minha parte do mundo — recebia visitas de pessoas nobres. Eu mal sabia que havia uma realeza, até aquele momento. Aprendi muito sobre a história de nosso país nos dias que se seguiram.

“Meu irmão estava animadíssimo. Apesar de pequeno, os mercadores precisavam tanto de ajuda, que um deles aceitou a ajuda de meu irmão para decorar a praça da cidade. Ele sempre voltava para nosso quartinho ao fim do dia, mas eu sempre tinha medo. Medo de que ele se perdesse, de que fosse pisoteado, que alguma coisa acontecesse a ele.

“E, no dia em que o príncipe chegou, algo de fato aconteceu. Meu irmão não voltou naquele dia. Eu esperei a noite toda, e, pela manhã, saí desesperada da estalagem, dando de cara com os guardas mais bem armados que já vira.

“Eles me ergueram do chão pelos braços. Eu gritei, mas eles não me ouviram. Usei meus poderes para ordenar que me largassem. Mas eles não obedeceram. Fiquei chocada. Meus poderes nunca haviam falhado. Pelos deuses, eu tinha controlado uma alcateia inteira com eles! Mas, agora, aqueles humanos armados e equipados me ignoravam.

“Foi quando percebi os elmos. Não sei de que material eram feitos, mas lhes cobria toda a cabeça, inclusive o rosto. Até hoje, não sei bem por que, mas o fato é que eles funcionaram. Eu estava sendo carregada contra minha vontade e meus poderes não surtiam efeito. ‘Deve ser assim que minhas vítimas se sentem’, pensei.

“Eles me levaram até uma grande tenda colorida erguida ao lado da mansão. Aparentemente, o príncipe herdeiro se recusava a dormir debaixo do teto de um lorde menor. Por dentro, a tenda era a definição de régio. As mesas estavam cheias das mais variadas comidas, e o cheiro de pão recém-saído do forno dominava todo o interior da tenda. Panos de seda decoravam todos os cantos. Havia guardas paramentados como os que agora me carregavam, servas bem vestidas, uma pequena orquestra particular e dançarinas com pouquíssima roupa. E, ao centro de tudo isso, em um palanque elevado, um trono. Dourado e cravejado de rubis e safiras, com almofadas púrpuras de

veludo. E, sentado nele, o príncipe. Não que eu soubesse naquele momento que aquele era o Príncipe Fendrel, como agora eu sei.

“Um passarinho me contou que tínhamos uma bruxinha, entre nós’, ele disse. Sua voz me causou repulsa. Ele era arrogante e condescendente, agindo como se fosse intocável. Como se nem mesmo a magia, que ele jamais possuiria, fosse capaz de feri-lo. Ele também usava um daqueles elmos, então não tentei usar meus poderes. Ele se aproximou e me segurou pelo rosto, apertando minhas bochechas entre seus dedos. ‘Qual é o seu nome, bruxinha?’. Não respondi. Não dirigiria palavra alguma àquela criatura.

“Ele era jovem. Não tão jovem quanto eu, mas jovem. Jovem e impaciente. E eu era teimosa. De acordo com meu pai, eu era teimosa como uma mula. O príncipe e eu não nos demos muito bem.

“Não sei exatamente quanto tempo se passou, entre uma tortura e outra. Chorei, gritei e esperneeiei, como a criança que era, mas não respondi nada do que eles me perguntaram. Até que um dia parou. Eles me trouxeram comida e um curandeiro. Não aceitei nenhum dos dois.

“Conforme minha mente clareava, novos pensamentos surgiam. O que eu faria a partir dali? Como me libertaria? Quem me denunciara? Onde estava meu irmão? Onde ele estava? Essa foi a única resposta que obtive, pouco depois.

“Como que atendendo meus questionamentos, meu irmão adentrou o quarto onde eu estava, seguido de perto pelo príncipe. Meu primeiro impulso foi correr para abraçá-lo, mas estava amarrada à cadeira, então não pude fazê-lo. No entanto, senti as lágrimas rolares pelo meu rosto. Lágrimas de alívio e felicidade por vê-lo inteiro, mas, em meu alívio e felicidade, falhei em notar algo muito importante. Se eu estava ali, sendo torturada por ser uma bruxa, por que meu irmão, sangue do meu sangue, estava intocado? Eles não deveriam estar torturando-o também para conseguirem qualquer informação possível sobre mim? Ou será que a falta total de escrúpulos deles era destinada apenas a mim, e não a meu irmão, ainda mais novo do que eu?

“Nenhuma daquelas duas conjecturas era a resposta correta. O príncipe se pôs entre nós enquanto eu me questionava por que meu irmão estava ali, imóvel, apenas me encarando. Eu queria tanto abraçá-lo! Ele estava vendo que eu não podia ir até ele, então por que não vinha até mim?

“‘Bruxinha, conheça meu passarinho’. O príncipe sorriu para mim, com aqueles seus dentes brancos e perfeitos. Apenas encarei-o, confusa, e ele riu. Demorei muito para entender o que ele disse, até que a memória ressoou em minha mente com o tom arrogante do Príncipe Fendrel: ‘Um passarinho me contou que tínhamos uma bruxinha, entre nós’.

“Não há palavras para descrever, muito menos explicar o que eu senti. ‘Traição’ nem começava a cobrir a amplitude das sensações que me tumultuavam, correndo uma por cima das outras, se embaralhando, me confundindo. Meu irmão não me encarou. Ele desviou os olhos para o chão e os manteve ali. Eu o amava. Dediquei minha vida a amá-lo. Cuidei dele desde que saíra do útero de nossa mãe, porque sabia que ela morreria, e eu precisava dele. Sem ele, estaria sozinha. Mas eu já estava. Apesar da companhia dele, estivera sempre sozinha.

“Algo em mim se quebrou naquele momento. As torturas não haviam doído tanto, não haviam sido tão cruéis. Mas meu irmão tinha. Não pensei. Àquela altura, minha mente já não estava raciocinando. Apenas lancei toda minha força, todo o meu poder, contra aquelas pessoas. Sussurrei palavras febris, enlouquecidas. Os guardas sacaram suas espadas e começaram a duelar uns contra os outros. O príncipe gritava com eles, mandando-os parar, mas eles não ouviam. Eu havia penetrado no fundo da mente de cada um deles, fazendo os vencedores de cada disputa mudarem de oponente sem olhar duas vezes para o corpo daqueles que agora estavam tombados no chão, em poças de sangue. O último dos guardas empalou a si mesmo com uma espada. Foi uma cena grotesca, o guarda gritando e correndo, lançando-se com toda força contra o objeto afiado.

“Não senti nada observando aquela carnificina. Eu estava perdida em mim mesma, perdida em minha dor. O que senti ao fazer a curandeira de minha vila tentar se matar — o que agora parecia ter acontecido eras atrás —, eu não sentia ali. Eu não os conhecia. Eles não eram meu povo. Eles não haviam mostrado nada além de desumanidade para mim.

“Virei meus olhos para o príncipe. Ah, o príncipe. Ele tentava esconder o pânico atrás de um sorriso atravessado, mas não conseguia. Não havia ninguém para ajudá-lo. Os guardas estavam todos mortos, as criadas e as dançarinas haviam fugido, derrubando pratos e talheres, e tantos outros objetos cintilantes enquanto corriam.

“Voltei toda minha energia para ele e obriguei-o a se torturar aos poucos. ‘Primeiro, pegue uma faca e corte um dos seus dedos’. Pude ver o esforço que fazia para resistir no suor que escorria por suas têmporas, mas não havia escapatória. Ele era minha presa, e eu, o leão que brincava com a comida antes de matá-la.

“Ele cortou o dedo.

“Não sei quem gritou mais alto: ele ou meu irmão. Ignorei ambos.”

Fendrel escutou-a respirar fundo, e então silêncio. Permaneceu em silêncio por um tempo, e ele a imaginou juntando as memórias em sua mente,

decidindo quais eram importantes e quais não eram.

— Não vou importuná-lo com as formas como fiz seu homônmo se automutilar, Fendrel. Isso só te daria pesadelos. Mas posso dizer que não me apressei. Fiz tudo com uma calma calculada, até que não houvesse mais nada que o identificasse como o príncipe herdeiro. O lorde da cidade desmaiou quando o viu. Depois que recobrou consciência, chorou copiosamente por horas, perguntando-se como ele explicaria aquilo para o rei. Aliás, gostaria de ter ouvido essa conversa. Um lorde menor contando ao rei como seu querido filho, seu primogênito, morrera torturado e mutilado por uma bruxa.

“Enfim, estou me afastando do assunto. E não pense que faço isso sem motivo. Se há uma parte verdadeiramente horrível em tudo que eu contei, ela começa agora.

“Quando finalmente o príncipe caiu morto, voltei-me para meu irmãozinho. Ele estava encolhido em um canto, chorando. Mas eu não era eu. Estava completamente tomada pela força bruta dos meus poderes. Eu não estava pensando. Queria apenas uma coisa: o sangue daqueles que me traíram. E meu irmão havia cometido a pior traição de todas.

“Não precisava me aproximar. Poderia tê-lo controlado de longe, mas eu queria encará-lo, queria olhar em seus olhos, escuros como os meus, e ver ali o peso do que ele fizera. E foi exatamente o que eu vi. Quando o icei para cima pela gola de sua camisa e o obriguei a encarar-me, não havia remorso ou culpa naqueles olhos. Havia apenas repulsa e medo. Muito medo. Mas repulsa em igual medida. Vi naqueles olhos o reflexo dos olhares que nosso pai dirigira a mim pelos poucos anos em que vivemos juntos.

“‘Bruxa’, ele me disse. ‘Eu não sou do seu sangue. Eu te odeio’.

“Se eu tive alguma dúvida, se, por algum momento, cheguei a hesitar, aquelas palavras bastaram. Não o obriguei a fazer nada. Não usei meus poderes para matá-lo. Apenas quebrei os ossos de seu pescocinho com minhas próprias mãos. Sem sangue, sem sofrimento. Apenas não podia mais viver sob o escrutínio daqueles olhos.

“Então me dei conta. Já não havia mais gente viva naquela tenda além de mim. Apenas eu estava de pé, sem uma gota de sangue em minha pele, ou roupas, enquanto o chão aos meus pés ficava cada vez mais vermelho. Um vislumbre de um espelho refletiu alguém que eu não reconhecia. Alguém mais velho, poderoso, circundado por uma aura violenta.

“Foi nesse momento que tudo o que eu fiz me atingiu de uma vez.

“Como se minha alma retornasse ao meu corpo depois de ter testemunhado aquele massacre como uma pessoa fora de cena, caí de joelhos em uma poça

de sangue. Quando meus dedos tocaram a substância viscosa, eu gritei. Gritei alto. Então comecei a chorar. O que eu havia feito? Como pude? Eu matara todas aquelas pessoas. Eu matara meu irmão! Suas últimas palavras ecoavam vertiginosamente em meus ouvidos. ‘Bruxa. Eu não sou do seu sangue’. Parecia que ele sabia exatamente o que me magoaria mais. Mas, mesmo assim, ele era meu irmão. Eu cuidei dele, lavei suas fraldas. Era eu que o alimentava quando ele chorava de fome. E, mesmo assim, mesmo assim...

“Os guardas do lorde me encontraram imóvel, aconchegada no sangue daqueles que eu matara. Não resisti quando me carregaram. Assim como não resisti quando me trouxeram para cá. E, desde então, aqui estou. Quanto tempo já se passou mesmo, Fendrel?”

— Dois anos. Isso foi há dois anos.

— Pois bem. Aqui estou há dois anos.

— Por que não te executaram até agora? Como ainda está viva?

Ela riu.

— Os mistérios da vida... E você, Fendrel, o que está fazendo aqui?

Mas, antes que pudesse responder, ouviu o som de passos dos guardas contra os degraus de pedra da escada que os levaria até aquele andar. Fendrel se sentiu gelar por dentro. Já era sua hora? A hora de sua execução já havia chegado?

O guarda apareceu primeiro em seu campo de visão, claramente transtornado. Logo atrás dele, vinha uma jovem mulher, seus cachos ruivos volumosos eram um choque de cor na monocromática monotonia daquele lugar.

— Minha senhora, não deveria estar aqui — insistiu o guarda. — Essa é uma prisioneira perigosa. O próprio rei mandou trancafiá-la.

A mulher suspirou.

— Quantas vezes terei de dizer que o caso dela cai sob nossa jurisdição e então vocês não tinham sequer o direito de prendê-la aqui? A Ordem não é governada por nenhum homem, soldado.

Havia gelo em seu tom. Gelo que desceu pela espinha de Fendrel. Se o guarda ainda tinha algum argumento, guardou-o para si e a levou até a cela ao lado da de Fendrel. Ele ouviu a porta ser aberta e a voz da mulher ruiva conversando com a assassina do príncipe. Fendrel teve a impressão de ouvir alguém chorar, mas questionou sua mente. Entre a mulher que matara a realeza e uma membra da Ordem, quem poderia ter produzido aquele choro?

A porta se fechou mais uma vez, e as duas passaram pela cela de Fendrel. A mulher ruiva segurava pela mão uma menina. Não podia ter mais de nove anos. Fendrel sentiu todo sangue parar de correr em suas veias.

— Espere! Você... você!

A menina sorriu para ele.

— Foi um prazer conhecê-lo, Fendrel.

— Não pode ser. Você é a assassina do príncipe! Você não pode ser uma criança. Como uma criança pode...?

Ela riu.

— Vamos logo — apressou a mulher ruiva, não sem uma dose de carinho.
— É um longo caminho daqui até a Ordem.

A menina olhou uma última vez para Fendrel.

— Não se esqueça do que eu disse, Fendrel. Antes de dar seu último suspiro, leve sua mente até mim.

Ela deu as costas para ele, mas ele gritou:

— Qual é o seu nome?

A menina virou o rosto por sobre o ombro e sorriu.

— Skylar.



Ao Ouvir os Sussurros da Morte, Ela Respondeu

Ana Cristina Rodrigues

Uma nação das mais importantes em mundo repleto de populações não-humanas, o Império Humano está em guerra há tantos milênios, que as origens desse conflito só aparecem nas suas lendas mais antigas. A expansão se tornou o próprio motor da existência do Império, fazendo-o avançar e prosseguir, incansavelmente, arrasando e destruindo outras civilizações e sociedades.

A origem física dessa potência destruidora é um pequeno arquipélago no meio de um oceano inóspito e tempestuoso. Vários pequenos povoados viviam em relativa paz, até que, em uma pequena tribo, nasceu uma criança com o poder de controlar e absorver almas e essências espirituais, além de comandar os mortos.

O Império da Morte e sua expansão in *Atlas Ageográfico de Lugares Imaginados*

Eu tinha dez anos quando descobriram que eu era diferente das outras crianças. Da minha parte, sempre soube que estava à parte dos demais. Escondia a minha diferença por medo do tratamento que eu receberia, mas chegou o momento em que os outros da minha aldeia souberam.

Os espíritos sempre foram presentes na minha vida. Desde meu nascimento, estive cercada, acolhida e aconselhada por eles, que também seguiam minhas ordens e me indicavam onde haveria mais deles para poder se juntar ao meu cortejo de espectros. Quando ouvi seus sussurros pela primeira vez, eu respondi sem hesitar. O que eu não sabia e descobri aos dez anos, junto com o resto da minha tribo, é que eu poderia devolver um espírito ao corpo, que também seguiria minhas ordens.

Minhas diferenças afastavam todos de mim — menos um. Nuada era um pequeno cachorro branco e preto, sempre sujo de terra por viver escavando buracos. Não se importava com os demais humanos do vilarejo, mas me seguia por onde quer que eu fosse. Estava sempre me acompanhando.

Ele era pequeno a ponto de, por vezes, eu carregá-lo em uma pequena bolsa quando caminhava para longe. Foi o que aconteceu naquele dia em que tudo mudou. Aos dez anos, as crianças já ajudavam em diversas tarefas — recolher galhos e frutas selvagens, limpar jardins de plantas daninhas, cuidar de animais. Éramos todos muito pobres, quase miseráveis, e tudo o que conseguíamos recolher era precioso. Designaram um grupo de quatro crianças para recolher frutas-doces em um bosque a quase uma hora de caminhada da aldeia. Eu estava no grupo, e Nuada foi comigo, recolhido em uma bolsa de viagem.

A cada ano que passava, tínhamos que ir mais longe para buscar nossa subsistência. Explorávamos a terra ao nosso redor e mal conseguíamos nos manter. Mas o bosque era fresco e agradável, árvores espalhadas projetavam sombras naquele dia de verão para que pudéssemos colher os frutos dos arbustos com tranquilidade, e não havia sinal de perigo ou de animais selvagens em suas folhagens. Nuada cheirava tudo e latia para as pedras mais estranhas que encontrava. As outras crianças trabalhavam juntas, e eu fui para um canto mais afastado, onde eu poderia ficar em paz, ouvindo a conversa dos meus velhos amigos sem ser incomodada.

Essa paz foi estilhaçada por um grito agudo.

— Não! Nuada! — Era Flordelua, uma das meninas, que gritava apontando para o alto. Uma águia imensa voava em círculos ao nosso redor, meu pequeno cachorro nas suas garras. Eu nunca tinha visto um animal tão grande nos céus. — Faça alguma coisa!

As outras crianças me olhavam, como se soubessem que eu poderia realmente fazer alguma coisa. Só olhei para cima, sentindo um aperto que jamais sentira no peito. Entredentes, murmurei e pedi para que os espíritos que me acompanhavam assustassem a águia, fazendo-a largar meu amigo.

Claro que, se eu fosse um pouco mais velha, saberia que aquela era uma péssima ideia. Mas eu não passava de uma criança, assustada, preocupada e sem controle, com poderes que mal compreendia. Os espíritos realmente fizeram o pedido e assustaram a ave de rapina, que, como seria de se imaginar, largou meu cachorro e voou para longe.

A queda foi fatal para Nuada, que soltou um ganido fraco ao se chocar com o chão. O sangue dos ferimentos causados pelas garras se misturou à terra avermelhada. Eu me ajoelhei ao lado dele, mas já via o seu espírito fora do corpo. Ele iria continuar comigo, claro, mas não seria a mesma coisa. Eu o queria do jeito que ele era, correndo comigo em seu corpo físico.

Chorando, coloquei as mãos no corpo ainda quente e gritei:

— Volte!

Ele era um espírito, e, por isso, obedeceu. O cachorro arfou e começou a ganir de dor por causa de seus ferimentos. Eu simplesmente o coloquei na bolsa e voltei correndo para a aldeia, onde o curandeiro poderia cuidar dele. Entre lágrimas, murmurava enquanto corria, dizendo que tudo ia ficar bem.

Atrás de mim, emaranhando-se na floresta, os espíritos choravam.

Passei dois dias presa na cabana do curandeiro com Nuada. Os ferimentos externos estavam cicatrizando, mas, por dentro, ele não tinha se curado e

sentia dor o tempo inteiro, ganindo e chorando. No meu ouvido, os espíritos sussurravam, pedindo para que eu o libertasse. Mas eu ainda não estava pronta.

Ao anoitecer do segundo dia, a porta da cabana se abriu e o curandeiro entrou. Sem medo, levantei com o cão no colo. Ele já não tinha forças sequer para ganir, mas ainda estava vivo. Os olhos azuis do homem mais velho do meu povo me encararam por um tempo antes de ele desviar o olhar.

Ele sabia quem e o que eu era. Aquilo ficou claro para mim naquele momento, e foi quando senti medo pela primeira vez na vida. Ao meu redor, os espíritos silenciaram e o som da respiração forçada de Nuada encheu a cabana. Decidi que não iria falar nada. Tinham me prendido ali, sem nenhuma explicação. Até mesmo uma menina de dez anos como eu saberia o motivo. Eles estavam com medo de mim. Pensei nisso e me fortaleci, espantando o medo que eu mesma tinha sentido.

— Desde quando? — Direto, sem fingir que ainda precisava esclarecimentos.

— Desde sempre. — Com cuidado, pousei o cachorro.

— Por que não disse nada antes?

— Porque eu não queria passar a vida trancada em uma cabana.

Ele abaixou a cabeça, como se refletisse. O silêncio voltou a ocupar a cabana, e, ao longe, eu podia ouvir a vida que prosseguia sem mim. Eu era nova demais para saber quais seriam as consequências do que tinha acontecido. Meu instinto sempre foi me preservar e me manter à distância de quem pudesse perceber a minha diferença. Talvez fosse por isso que o curandeiro me olhasse tão surpreso e de forma tão analítica.

— Pode ir. — Em um gesto tranquilo, abriu a porta e deixou a luz do sol entrar. Mas, antes que eu pudesse me mexer, ele completou. — Mas o animal não merece sofrer.

Olhei Nuada aos meus pés. Eu quase tinha me esquecido do animal, tão inquieta a conversa me deixara. Encarei o curandeiro de novo, sem saber o que fazer.

— Eu... não tenho coragem.

— Se você teve coragem de ordenar a uma alma que ficasse, tem que ter coragem de ordenar que vá embora. Eu irei buscar uma bebida. Se eu o encontrar vivo quando voltar, matarei vocês dois.

Sem olhar para trás, ele saiu pela porta aberta — e assim a deixou. Eu poderia fugir, e isso me passou pela cabeça. Mas também refleti sobre para

onde poderia ir, e foi isso que me fez ficar. A respiração de Nuada era cada vez mais dolorosa, triste e pesada, e ecoava no meu peito. Aproximei o rosto das orelhas trêmulas e sussurrei, quase chorando:

— Vá.

Foi a última vez que senti lágrimas ardendo nos meus olhos.



Minha vida sempre foi solitária, mas, depois da morte de Nuada, passei a estar em constante isolamento. Ninguém se aproximava de mim, a não ser que fosse necessário, nem mesmo a minha família. Onde eu passava, os demais sumiam. Os sussurros eram tão temerosos, que eu sequer os ouvia, mas sabia que existiam, surgindo atrás de mim como rastros.

Por isso, não fiquei surpresa quando, alguns dias depois, o curandeiro veio me procurar. Sem palavras, ele me encontrou e me fez segui-lo. Percorri as ruelas da aldeia sem olhar para os lados, sentindo sem ver os olhares desconfiados que, como sempre, acompanhavam-me. Na frente da cabana, havia um grupo de pessoas que eu não conhecia observando atentamente a minha aproximação. Era como se estivesse sendo analisada.

Apesar da minha pouca idade, estava decidida a não me entregar, e os encarei de volta, analisando-os. As três mulheres estavam acompanhadas por um único homem, e, vestidos com mantos dourados que os cobriam dos pés à cabeça, pareciam imensas estátuas. O que distinguia as mulheres, além do porte, era a cabeça raspada, sinal de sua pureza. Isso, claro, eu não sabia na época. Só muito depois que rasparam os meus cabelos é que me explicaram.

Naquele momento, só sentia que me avaliavam como se eu fosse um animal de carga. Até nisso errei. Elas me queriam como reprodutora, mas o papel destinado a mim seria outro.



Fui levada de minha aldeia natal sem maiores explicações. Navegamos o maior rio da nossa pequena ilha, até chegarmos à cidade dos templos. Antes de entrarmos, nossa pequena caravana parou, e, ali, nos portões da cidade, rasparam minha cabeça, queimaram minhas roupas e me vestiram de dourado. Sempre em silêncio, o mesmo que tinha me acompanhado desde que deixáramos minha terra. Os espíritos não mais me respondiam e minhas

muitas perguntas foram completamente ignoradas. A minha vergonha só não foi maior porque, ao nosso redor, ninguém nos dava atenção. Pelo visto, a humilhação dos recém-chegados era algo do cotidiano.

Quando fiquei pronta, parecia uma miniatura das três mulheres que foram me buscar. O homem fez uma referência e nos deixou. Ainda sem dizer nada para mim, elas atravessaram o imenso portão aberto e eu as segui.

Acompanhando-as, cruzamos a cidade inteira por uma grande avenida, e meu coração, ainda infantil, encheu-se de raiva. Construções gigantescas por todos os lados, ruas sendo constantemente limpas e pessoas como as minhas guias vestidas de dourado e de cabeças raspadas supervisionando tudo. Minha aldeia parecia um chiqueiro, em comparação.

E ali entendi o porquê.

Porque éramos mantidos como porcos em um chiqueiro, enquanto aquela cidade imensa vivia do fruto dos nossos trabalhos. Estava ali, na frente dos meus olhos ainda inocentes. As melhores frutas, enquanto comíamos os restos murchos da estação de colheita. Vestiam-se com peles raras e vistosas, enquanto usávamos trapos rotos e finos, mesmo no universo. Ali era o lugar para onde iam todos os esforços do povo das ilhas.

Eu era uma criança. Só por isso pensei que aquelas pessoas estariam na mesma ignorância que eu. Contando com a displicência das minhas acompanhantes, saí correndo e parei na frente de uma barraca.

— Você sabia que eu passei fome para essa fruta chegar aqui?

O feirante me olhou, surpreso, e eu, por um momento, achei que estava fazendo a diferença. Mas ouvi risadas humanas que ecoaram nos espíritos que me acompanhavam. As pessoas que admiravam as frutas, todas vestidas de dourado, riram. Até mesmo as minhas acompanhantes, que logo chegaram ali, juntaram-se às risadas.

Elas me ignoraram, como tinham feito a viagem toda, e olharam o vendedor.

— Ela o incomodou?

Sem sequer voltar os olhos na minha direção, ele entregou as suas melhores frutas para elas.

— Sempre tem uma que acha que vai resolver os problemas do mundo...

Foi naquele momento que decidi que não ia resolver os problemas do mundo. Iria criá-los. Mais e mais e mais.

Eu seria um problema. O maior de todos.

Ao meu redor, meus ancestrais continuaram a rir, mesmo quando os demais se calaram. O som de suas risadas me acompanhou o resto do caminho e ecoou em meus ouvidos por muitos anos.



Não eram só os melhores frutos e os melhores tecidos que eram levados para lá. Qualquer habitante das ilhas que demonstrasse um talento incomum deveria ser analisado e enviado para ser criado na cidade dos templos. Foi o que aconteceu comigo durante os anos em que me mantiveram no templo dedicado ao deus do aprendizado.

Fui medida, pesada e examinada das formas mais humilhantes possíveis. Passava os dias nua para que não fugisse. Ninguém me dirigia a palavra, conversando entre si e ignorando qualquer tentativa minha de falar. Tentei gritar uma vez, mas me amordaçaram por três horas. Nunca mais sequer ousei falar na presença dos meus carcereiros-cuidadores. Amainava a solidão falando baixinho durante a noite, conversando com meus ancestrais.

Eu sabia que havia outros como eu pelos ruídos — gemidos e sussurros dolorosos durante a noite, um raro grito de dia, passos ao longe. Nunca os vi durante os meses do meu treinamento e castigo.

Sim, porque, além de todos os exames e análises, eu era testada e treinada. Diariamente, uma das mulheres douradas — a mesma? Uma a cada dia? Para mim, elas se mesclavam numa única entidade cruel e sem alma — me forçava a encarar corpos dilacerados, ordenando que eu os reanimasse e trouxesse suas essências de volta para depois dispensá-las. Eu fazia, rangendo os dentes de raiva e nojo, encarando cadáveres decompostos que me olhavam de volta, sem saber porque estavam sentindo toda aquela dor.

Mas havia algo que as mulheres douradas não sabiam e que descobriram da pior maneira possível.



No dia em que completei dezesseis anos, voltaram a raspar a minha cabeça, livrando-me dos cabelos emaranhados, e me vestiram com a mesma roupa dourada das minhas carcereiras. Fui levada de forma solene para outro templo, um dos maiores e mais suntuosos. Várias estátuas decoravam seus corredores, mulheres de rostos e corpos diferentes, todas com o mesmo olhar.

As paredes eram cinzentas e a luz abundante do dia ensolarado era filtrada por cortinas pesadas, mantendo o lugar em penumbra eterna.

Achei que seria levada para um salão, mas a sacerdotisa da morte — pois aquele era o templo principal da cidade — veio ao nosso encontro, correndo e gritando.

— O que vocês estão fazendo? O que vocês trouxeram para cá?

Ela me olhou e, pela primeira vez desde que eu chegara naquela cidade, alguém realmente me viu e percebeu o que ficara escondido. Mas era tarde demais.

Todos aqueles corpos dilacerados, humanos e animais, todas aquelas almas e essências que as mulheres douradas me fizeram absorver durante anos, não me deixaram totalmente. Vestígios me acompanharam, juntando-se ao séquito dos meus ancestrais, unindo suas risadas às deles no meio da noite.

Foram aqueles restos que a sacerdotisa percebeu, uma pequena multidão que começou a tomar seu templo.

— Controle-os!

Eu poderia ter obedecido — aliás, foi o meu primeiro impulso. Mas algo dentro de mim explodiu naquele momento, e, com isso, todos os espíritos que me cercavam, todos os vestígios espirituais que pulsavam ao meu redor, explodiram junto e tomaram o templo da morte.

Em questão de segundos, eu era o único ser vivo ali. E mais alguns espíritos tinham se juntado ao meu séquito.



Encontrei o templo cercado por um verdadeiro exército do lado de fora, porém não eram só guardas ou militares. Pessoas comuns aguardavam também, segurando armas improvisadas. Duas das mulheres douradas me olhavam, tentando manter o medo e a preocupação escondidos. Eu ri daquele espetáculo triste.

Estavam surpresos, mas não deveriam. Eles tinham me preparado bem para aquele momento, durante anos com a tortura que chamavam de treino. O dia estava aos poucos se transformando em penumbra. Tentei interromper o fluxo de espíritos, mas estava tomada pela vontade de destruição. Ergui a mão, disposta a terminar com tudo ali, e uma das mulheres douradas — uma das que me trouxeram para aquela cidade — gritou:

— Poupe-nos, e a cidade será sua!

— E quem é você para me ceder a cidade assim?

Ela me olhou, e senti que ela se arrependia de não ter me olhado anos antes.

— A filha da mulher que você acabou de matar e que governava essa cidade.

Eu os poupei. Bem, poupei quase todos. As mulheres douradas que me transformaram naquilo não viram o fim daquele dia.



Fui proclamada governante e sacerdotisa da morte no dia seguinte, em uma grande sala. Cercada por conselheiros, admirei o grande mapa que representava o nosso arquipélago, mas não me foquei nas ilhas, mas no imenso azul que as cercava.

— O que tem além do azul?

— O continente, Senhora.

Sorri. Não me deram nome. Cheguei da minha aldeia pequena demais para ter um. E, agora, era importante demais para ter algo além de um título.

— Eu o quero.

Ele não hesitou na resposta.

— Há dois caminhos, Senhora. Um é o casamento, o outro é a guerra.

— A guerra vai vir em algum momento. Vamos tentar o casamento.

— Amanhã, trarei uma lista dos...

Eu o interrompi com o erguer de uma mão.

— Não quero uma lista. Quero o herdeiro do reino mais poderoso. Mande na frente um arauto contando os detalhes da minha ascensão ao poder e depois ao embaixador com a proposta de casamento.

Naquele momento, ele hesitou.

— Será que ele vai aceitar, Senhora? Não seria melhor...

Eu sorri e me virei para ele. Sem mais perguntas, ele inclinou a cabeça e saiu. Os demais o seguiram, em silêncio, deixando-me a sós com os meus eternos companheiros.

Eles sussurravam, ansiosos. Eu os acalmei, garantindo que, em breve,

teriam muito mais companhia. Aquela cidade seria pequena demais para o império que eu construiria em cima dos poderes que recebi.

Naquele momento, lembrei de um detalhe e toquei a campainha. Um conselheiro, o mesmo que me respondera, retornou:

— Pois não, Senhora.

— Quero que todas as águias do arquipélago sejam exterminadas.

Novamente, a ausência de questionamento se mostrou na sua concordância imediata.

— Sim, Senhora.

Aquele sangue derramado não traria o que eu perdi de volta, mas saber que aqueles animais não mais existiriam me dava paz e a certeza de que iria seguir naquele caminho até o fim.



A Natureza das Minhas intenções

Fabiana Ferraz

O vento passa pelo meu rosto, pelo meu corpo, pelas vestes lúgubres que me envolvem. A queda é longa e não há meios de eu conseguir pará-la. Estou longe demais do paredão de pedras para tentar me agarrar. Ademais, não teria forças para conseguir me manter ali.

O fim está próximo. Acredito que será rápido e menos doloroso que ser devorada pelos urubus que voam em círculos lá no alto. A cada instante, o chão se aproxima ainda mais. Mas estou calma como nunca pensei que ficaria em uma situação dessas.

Para os curiosos, preciso dizer que, realmente, a nossa vida passa diante de nós antes da morte. Como uma peça teatro, somos apenas os espectadores daquela tragicomédia. Cada detalhe que eu julgava ter esquecido surgia em cores, som e movimento diante de mim.

Um cigarro acompanhado de um copo baixo de Bourbon não seria nada mal. No entanto, olho para minhas mãos enrugadas; a pele craquelada, de tão seca, e cheia de feridas. Desisto da ideia.

Sim, estou duplamente fodida nessa situação, mas a culpa é minha. Afinal, esqueci de ler as duas últimas linhas do feitiço sobre transformação. Não vi que, neste corpo envelhecido, minhas habilidades mágicas se anulariam. Um erro de cálculo. Como quase tudo em minha vida.

Contudo, mesmo em queda livre, ainda sou a detentora da Coroa, e não Branca de Neve, minha enteada sonsa. Como governante, preciso manter a dignidade. Nada de gritos ou choro sem sentido. Não arrancarei tufo de cabelos brancos do alto da minha cabeça, muito menos jogarei a culpa dos meus erros sobre os outros ou amaldiçoarei céus e terra.

A vida é um jogo. Ganha quem souber blefar melhor. Fui chamada de má, cínica, leviana, tirana e injusta, mas não sei se todos esses adjetivos se encaixam. Tentei ser apenas eu mesma. Nunca escondi quem eu era ou qual a natureza das minhas intenções, portanto, aceito quase tudo, menos a pecha de tirana.

Pelos Deuses, sou uma mulher! Acha que foi fácil chegar até o topo? Lembro de quando completei doze anos. Como toda garota, eu era desengonçada, magricela, com o nariz desproporcional e espinhas manchando a pele que deveria ser impecável.

Olhava para as meninas mais velhas com um misto de inveja e admiração, fitava os seios que despontavam sob os vestidos, os lábios pintados, e desejava ter a atenção que elas recebiam, principalmente dos homens. Eles as perseguiam e as cobriam de elogios, enaltecendo seus corpos jovens e, principalmente, a maturidade com a qual elas enfrentavam o mundo, mesmo sendo adolescentes.

Eu não sabia o quanto isso era errado, não compreendia o quanto era bizarro um rapaz da guarda, com barba no rosto e dezoito anos completos, perseguir uma donzela de catorze, quinze anos. Não pensava no quanto era estranho um homem de mais de trinta flertar com jovens de apenas dezesseis.

Meu aniversário acabou obliterado pelas outras festividades do meu reino bucólico. Nada podia deter os enlances realizados naquela época do ano. Restou-me apenas assistir de longe todos os casamentos abençoados pelo meu pai. Uma longa fila de casais diante de nós parecia sorrir diante da possibilidade de uma nova vida, uma nova chance para o amor, para constituir uma família! Moças jovens com coroas de flores nos cabelos eram festejadas por todos, rodeadas por crianças que insistiam em tocar suas vestes para um dia conseguirem partilhar de sua sorte.

Eu desejava ser uma das sortudas vestidas de branco. Mesmo com aparência tão jovem, no dia seguinte, ela acordaria adulta. Ao menos, era isso o que as servas do castelo me contaram. As sortudas teriam um marido, e, se a sorte lhes sorrisse ainda mais, engravidariam logo. Antes dos vinte, já teriam dois ou três rebentos correndo à sua volta, enquanto o marido passava os dias e noites bem longe, caçando, trazendo o provento para a família. Assim que ele chegasse, ela correria até ele, ajudaria a tirar suas botas, serviria comida quente e apresentaria os filhos devidamente banhados e bem alimentados. Depois que as crianças fossem dormir, ela contaria sobre as novidades da vila, falaria dos buracos no telhado e, principalmente, sobre o problema no portão do galinheiro. Os dois conversariam mais um pouco e, depois, em um arroubo de saudade, os dois deitariam na mesma cama, e quem sabe? Ele faria outro filho nela.

Queria ser essa plebeia sortuda. Desejava em meu âmago poder me casar por amor. Mas tal sentimento nobre é direito dos pobres, a única riqueza que eles possuem. Deixe que os pobres amem sem distinção. Enquanto se ocupam com coisas mundanas, ficam cegos para o que acontece nos grandes salões, onde suas vidas são decididas por nós, os poderosos, em meio à dança e vinho.

Mesmo invejando as servas do castelo por serem verdadeiramente livres, ainda restava em mim a esperança de poder amar o ‘escolhido’. Era assim que diziam à boca pequena pelos corredores. Naquela altura da vida, já

somando dezoito primaveras, foi quando descobri que iria me casar — um enlace bastante tardio para nossa sociedade, mas eu não podia reclamar. Seria esposa de um rei, e, portanto, alçada ao posto de rainha. Preparei-me para isso com afinco. Devorei todo o conhecimento que julguei necessário para tal tarefa. Comecei a questionar o meu tutor, um ancião caquético do castelo, sobre os livros na biblioteca. Queria entender de tudo um pouco para não envergonhar o meu futuro marido. História, Política, Religião, Economia, Leis. Tudo. Assim, poderíamos conversar como iguais e decidirmos juntos o destino dos nossos reinos.

Não houve flerte, muito menos trocas de cartas românticas. Tais delicadezas eram apenas inconvenientes que poderiam arruinar meses de acordos traçados de maneira árdua em salas fechadas. Qualquer tipo de afeição deveria ser conquistada aos poucos. Eu o conquistaria no dia-a-dia, demonstrando o meu valor sem me impor, esperando apenas ser notada pelo homem da minha vida, como deveria ser.

Mal dormi na véspera do grande dia, tecendo fantasias sobre o meu futuro, meu noivo, seus feitos heroicos, sua perspicácia. Quem seria o meu misterioso prometido?

Quando o véu branco caiu sobre meus olhos, respirei fundo. Segurei o braço de papai e caminhei, confiante, rumo ao meu destino. De longe, sua figura não era tão impressionante, mas a única coisa que conseguia divisar àquela distância era sua silhueta amorfa, desfigurada pela chama das velas que iluminavam a catedral.

Finalmente cheguei ao altar. Ele realmente era mais baixo do que eu havia sonhado, mais magro, de aparência quase debilitada e de ombros curvados. Tinha uma barba longa que servia para disfarçar as marcas do tempo, mas havia certa dignidade em suas vestes e nos seus modos. Não era jovem, o que me poupava de arroubos de imaturidade. Com certeza, oferecia estabilidade e segurança, e também não era forte. Assim, não precisaria me preocupar com seus anseios de participar de embates infrutíferos.

Não houve arrebatamento em nossa lua-de-mel. Apenas uma pontada dolorida em meu interior, grunhidos e a respiração descompassada devido ao esforço. Foi tão rápido, que passei o resto da noite mirando o teto branco com a mão sobre meu ventre plano. Ao meu lado, o rei roncava, cansado. Às vezes, a apneia parecia levá-lo, mas depois retornava com um som gutural e profundo. Era a prova de que estava bem. Teria ele conseguido plantar a semente dentro de mim? Pedi aos deuses que sim, não queria ter que passar por aquilo de novo tão cedo.

No dia seguinte, como uma boa esposa recém-casada, coloquei um sorriso

no rosto, certa de que, após aquele sacrifício pessoal, eu estaria grávida. Seguimos para meu novo lar, um castelo longínquo do qual tinha apenas ouvido falar. Viajei em silêncio, como uma mulher casada decente faria, mas, naquela época, já sofria de um grande problema: não conseguia disfarçar meus sentimentos, e, com o rosto desapontado, adentrei os meus domínios.

Um castelo triste em um terreno rochoso, de pessoas duras, ignorantes e sempre cansadas. Não havia música, poesia ou erudição, apenas o silêncio monástico de um povo conservador e ranzinza. Naquele momento, eu percebi que não fora entregue apenas em um casamento sem amor, como parte de uma negociação. Para garantir a paz entre nossos povos, fui ofertada como sacrifício. Meu corpo e minha juventude secariam rapidamente naquela aridez, em troca de alguns grãos de trigo.

Não, eu não cairia sem lutar. Se o homem é a cabeça da casa, a mulher é o pescoço, ela é quem ordena a direção. Imbuída desse espírito, tentei fazer o meu melhor. Transformar aquele monte de pedras em lar, trazer beleza, luz, conhecimento e... pelos deuses, eu tinha uma enteada quase da mesma idade que eu.

Eu, que, há pouco tempo, tornara-me esposa, agora era madrastra, e ninguém me avisou daquele detalhe. Assim como eu, Branca de Neve também era mulher, e, portanto, não encabeçava a lista de prioridades do rei. Tanto ela quanto eu estávamos destinadas a sermos simples peões naquele tabuleiro. Ao menos, eu havia despertado — mesmo que tardiamente — para aquela armadilha que estavam tecendo à nossa volta. Quanto a Branca...

Acredite, a criatura era digna de pena, sentia-se sozinha e falava com os ratos, pássaros e até mendigos tão lunáticos quanto ela. Vestia-se de trapos indignos para sua posição e adorava fazer faxina. A culpa não era apenas do Sol em Virgem com ascendente em Câncer, mas também da criação conservadora do meu marido. Para ele, sua filha deveria cultivar os valores tradicionais, como cuidar da casa e se manter pura, para que um dia encontrasse um bom marido.

Branca de Neve nasceu princesa, poderia chegar a ser rainha. Quem sabe, imperatriz! Contudo, sua mente bastante limitada pela educação castradora que recebeu queria saber apenas de cuidar das teias de aranha do castelo e ler sobre príncipes encantados. Ela realmente poderia fazer a diferença, mas preferiu se isolar no seu pequeno mundo de condescendência e cegueira. O tipo de garota que não emite opinião para não desagradar. Querida, ter medo de marcar uma posição só a torna submissa, coisa que você sempre foi. Tão carente de atenção, de aprovação... Avisei não apenas uma, mas uma centena de vezes:

— Oh, Branca, seja mais esperta. Qualquer dia, você se apaixona pelo primeiro príncipe que passar pelo seu poço!

Ela sorria, feliz, pensando que se tratava de uma feliz profecia. Branca sonhava em ter um marido, filhos e um castelo para limpar. Recorda-se da plebeia que casou por amor? Pois não demorou muito para que eu descobrisse o final da sua história:

Os anos passaram, as crianças cresceram, assim como os buracos no telhado. A única coisa que continuou igual foi o portão do galinheiro, que permaneceu quebrado. A cintura da mulher está mais larga, os seios murchos, a pele sem brilho. Olheiras ornamentam o seu rosto e os filhos não param. O bebê esgoela no berço e ela não tem paz. Tudo o que deseja é uma tranquila noite de sono, dormir sem ter hora para acordar. Mas o marido vai chegar daqui a pouco, a comida precisa estar quente, as crianças limpas, ela sabe disso. Sabe disso porque, na única vez que não as apresentou banhadas e penteadas, recebeu um soco no estômago por ser tão ingrata e desleixada.

Como uma mulher pode ser capaz de tamanha falta? Receber o marido com os filhos imundos e toda desarrumada? Afinal, qual é a única obrigação de uma esposa? Não é cuidar dos pequenos e da casa, enquanto o marido sai todos os dias para enfrentar os perigos do mundo lá fora? Sim, a culpa era sua por estar tão fadigada. Se não tivesse tantos filhos, a vida seria mais fácil. Sobraria mais dinheiro para consertar o telhado e alimentar os mais velhos. Porém, após o último ataque de raposas, não havia sobrado galinhas o suficiente para produzir ovos e vender na vila. Se ela tivesse consertado o portão do galinheiro durante o inverno... Mas, durante a estação gelada, a mulher estava de cama, lembra? O soco no estômago a fez perder a filhinha que carregava sem saber, a única menina. Sua futura ajudante, aquela que aprenderia a tecer e bordar, que, quando completasse dezesseis anos, casar-se-ia com um caçador e, com sorte, logo ficaria grávida, e então seus rebentos correriam à sua volta no ciclo infinito da vida.

Branca tampava os ouvidos e seguia cantarolando. Cantarolava cada vez mais alto, porque era dotada de um otimismo estúpido. Repetia para si mesma em todas as ocasiões que, com ela, seria diferente. Não era como as outras. Era pura, bondosa e muito prendada — exatamente como qualquer outra plebeia do reino. A diferença era que Branca nasceu princesa, e nada de ruim acontece com pessoas privilegiadas como elas.

E o povo? Os impostos? Os lordes? As guerras? Não! Isso não pertenceria ao mundo de Branca de Neve. Ela estaria mais feliz se continuasse a bordar as iniciais do Príncipe Encantado — seja lá qual nome fosse — nas ceroulas reais enquanto assobiava uma canção irritante junto com os passarinhos.

Meus sonhos continuavam a se desfazer como casa sem fundação. O rei não apenas era fraco no físico, como também era débil quando precisava lidar com seus iguais, sujeitando-se sempre à imposição dos outros, fechando acordos idiotas e esvaziando os cofres que eu trouxe de dote.

Estava se tornando insuportável assistir ao desmonte do reino. Indignada, levantei a voz durante um jantar, recusando-me a acreditar que deveríamos ceder mais das nossas fronteiras aos reinos vizinhos. Entrei em uma discussão acalorada com um diplomata estrangeiro, provando sob todos os pontos de vista a injustiça à qual estava nos submetendo.

O rei, meu marido, em vez de tomar meu partido, mandou que eu calasse a boca. Em sua opinião, qualquer palavra vinda da minha boca era apenas futilidade, sem qualquer embasamento, apenas fantasias de uma jovem voluntariosa. Afinal, nós, do sexo feminino, somos levadas apenas pela emoção e histeria. Tais arroubos eram apenas a consequência de duas coisas que faltavam em minha vida: louça para lavar ou de filho para cuidar. Nenhum dos presentes foi capaz de me defender. Pelo contrário, até sugeriram que tudo não passava da falta de uma boa surra. Já que meu pai não fora capaz de dobrar minha espinha, era esperado que meu marido o fizesse. Como poderiam suportar um rei que mal conseguia conter a própria esposa?

Olhei para Branca de Neve, a garota não se compadeceu. Continuou a tomar sua sopa em silêncio, interrompendo o próprio jantar apenas para alimentar os ratinhos que a perseguiram. Um espetáculo grotesco.

Lágrimas fizeram meus olhos arderem. Quase devolvi a comida entalada em meu estômago para o prato. Fingi mal estar, e isso foi comemorado. “Talvez esteja grávida”, disseram, e isso explicaria meus sentimentos exacerbados e principalmente o meu entorpecimento em relação aos homens fétidos que circulavam pelo castelo.

Sabia que não estava grávida. A minha menstruação corria abundante, e eu tinha certeza que o problema não era eu, e, sim, o rei. Já estava decidida a não gerar outra criança como Branca de Neve, com seus lábios cor de sangue e ingenuidade infinita. Branca de Neve e sua obediência cega aos dogmas do seu pai. Branca de Neve e sua necessidade de encontrar o verdadeiro amor em terceiros, e não em si mesma. Branca de Neve e a admiração que conquistava apenas por ser bonita.

O único jeito de uma mulher ser respeitada ali era por sua beleza. Mulheres que atuavam como enfeites das vestes do marido eram sempre mais agraciadas. Mudadas, com suas vozes e pensamentos anulados e de ventre inchado. A madrasta aqui era exatamente o oposto. Portanto, era hora de aprender a jogar.

Naquela mesma noite de fracassos, caminhei a esmo pelo castelo. Entrei pela primeira vez em corredores escondidos, recantos que eu duvidava ser do conhecimento de todos. Fui atraída para cantos ainda mais escuros, e, como se invocada por magia, uma porta apareceu diante de mim. Minha curiosidade falou mais alto e a empurrei. O que poderia ser pior que uma segunda decepção na mesma noite? Poderia ser apenas um armário de vassouras ou uma passagem de criados esquecida. Mesmo com a baixa luminosidade, descobri que havia muito mais: deparei-me com uma escadaria em declive.

O cheiro de guardado e podridão me atingiu em cheio, mas o mesmo ímpeto que me levou até ali me ajudou a continuar.

Havia uma luz esverdeada bastante incipiente que parecia brotar dos jarros expostos em pequenas prateleiras. Aquilo era um laboratório de alquimia? Passei os dedos pela poeira grossa dos vidros e soprei os rótulos de substâncias de que apenas tinha ouvido falar. Enquanto isso, meus pés esmagavam os ossos finos de criaturas mortas anos atrás, fazendo o mesmo de galhos secos partidos. Meu coração bateu acelerado quando vi um grande livro aberto sobre o que parecia ter sido um púlpito.

Ele era tão antigo e uma aura de poder o cercava, como se fosse possível um objeto emanar tanta autoridade. Ri da minha tolice. Em um mundo com dragões alados e fadas tagarelas, um livro mágico não era tão incomum assim. Quando dei por mim, estava me aproximando dele cada vez mais. Eu deveria correr, deveria voltar pelo mesmo caminho que viera.

Mas a questão era que eu não conseguia dar as costas. Estava cada vez mais atraída. Um vento frio soprou pelas galerias, e os fios de cabelo da minha nuca se arrepiaram. Pela primeira vez desde o dia do meu casamento, senti-me excitada por algo novo. Palavras eram sopradas em meus ouvidos, embora não pudesse distingui-las, muito menos compreender o significado daquelas mensagens como um todo, mas, de algum modo, eu podia senti-las vibrando dentro de mim, na mesma batida que o meu coração.

Finalmente consegui tocá-lo e me senti preenchida. Não havia mais o vazio de uma existência sem sentido e decorativa. Esforcei-me para decifrar aquelas páginas amareladas, símbolos, números, histórias esquecidas, talvez pertencentes a outras vidas, outras eras. Enquanto eu mergulhava naqueles caminhos desenhados à tinta preta, não percebi que as sombras se movimentavam ao meu redor.

Alheia aos fenômenos que me cercavam, não percebi o espelho que tomava vida. O que antes era apenas uma brisa fria vinda dos calabouços mais profundos, transformou-se em uma ventania barulhenta que me envolveu. O tecido fino das minhas vestes se agitou, as saias se avolumaram, e parecia que

eu estava sendo tragada para o meio da tormenta, mas me mantive ali, firme, as mãos fixas no púlpito, pronta para proteger o livro de qualquer perigo.

Jarras de vidro foram ao chão, pedaços da viga tremeram. Acreditei que seria engolida pelos pesados blocos de pedra do castelo. Ser sepultada por aquelas paredes seria apenas a manifestação física do que eu estava sentindo. Nesse momento, as sombras me envolveram, agarraram meus braços, meus pés, meu pescoço e me obrigaram a mirar o espelho, até então, ignorado.

Não havia reflexo em sua superfície, apenas a dança densa de uma fumaça cinzenta em giros infinitos. O turbilhão de tempestade se intensificou, chegou ao ápice e começou a decair, transformando-se em fumaça fina de incenso, e foi aí que eu me enxerguei. Não era apenas minha silhueta, mas todo o meu potencial, meu poder, minha inteligência, minha força.

Não havia grilhões, eu não estava condenada. O conhecimento liberta.

Libertei-me das farsas.

Pela primeira vez, consegui gargalhar alto. Uma risada escandalosa, estridente, mas que sempre esteve guardada, reprimida para que não se transformasse em uma manifestação vulgar. O espelho e eu nos entendemos muito bem, a única entidade que conseguiu desvendar minha alma e meus tormentos. Eu o encarei, e meu reflexo me encarou de volta. No final, acabei me apaixonando pela minha imagem, minha pessoa e por tudo o que eu era e poderia ser um dia.

Para agradecer à graça alcançada, resolvi devolver ao mundo tudo o que ele havia me dado, começando por meu querido rei. Finalmente aprendi a lição e descobri qual era o meu lugar como mulher. Diante de todos, passei a me comportar como a rainha que todos desejavam, passiva, calada e sempre sorridente. Uma mulher quieta é invisível, e, como tal, pode se infiltrar em diversas camadas sem ser notada. Além do mais, é incrível como um pouco de paciência e pequenas doses de veneno misturadas ao licor após o jantar podem fazer.

Meu marido passou a definhar, e, enquanto isso, eu me tornava mais poderosa e bela. Eu praticamente sugava o pouco de sua energia e vitalidade. Na beira do seu leito de morte, seus olhos, quase tomados pela catarata, perguntavam em silêncio: “Por quê?”. Não havia sido um bom marido? Não me cobriu de joias? Não me fez rainha? “Querido esposo, eu mesma me fiz rainha”, respondi em pensamento. Aos poucos, já não restavam mais traços do guerreiro de outrora. Ele murchou e morreu como folhas secas de inverno.

Comemorei o meu livramento sozinha, com um cálice de vinho na companhia do Espelho e do Livro. Mas nem tudo eram flores. O maldito

morreu e deixou um fardo chamado Branca de Neve. Tentei cooptá-la, trazê-la para o meu lado, mas a moça era teimosa. Qualquer palavra contrária ao *status quo* era considerado sacrilégio aos seus ouvidos inocentes.

Deixei a garota de lado. Estava inebriada, não apenas pela bebida rascante em minha taça, como também pelo poder. Cega, cometi um dos meus primeiros erros. Acreditei nas bajulações, nas palavras doces dirigidas a mim. Afinal, era a primeira vez que recebia a atenção dos homens. Atraí a inveja das outras mulheres, não por flertar com seus amantes, mas por ter a liberdade de escolher com quem eu compartilharia minha cama. Senti-me superior, mesmo sabendo que nenhum deles era merecedor. Lá no fundo, eu ainda não tinha me livrado daquele sentimento infantil de ser notada, de ser “a” escolhida. Fui cortejada por um belíssimo valete e fiquei nas nuvens. Tola, corri para o espelho e perguntei:

— Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?

Ele me respondeu:

— Sim, Branca de Neve.

Não foi apenas a resposta, mas a imagem embaçada da princesa sendo cortejada pelo mesmo rapaz. Ele a queria como esposa, e não como amante de um baile só. Para a virginal Branca, o compromisso assumido; para a madrasta, o fetiche escondido.

Tomada pela fúria, comecei a tecer o destino da princesa inútil. Precisava ordenar que arrancassem o coração da Branca de Neve? Alguns podem achar que foi uma atitude muito radical, mas, sem o órgão pulsante dentro do peito, a pobrezinha teria ao menos a oportunidade de pensar usando apenas a razão. Foi meu segundo erro, confiar em um dos meus muitos amantes para realizar uma tarefa tão crucial. Nunca deixe um homem fazer o trabalho de uma mulher. Eles são fracos e caem de joelhos diante de um rostinho inocente e pudico.

Em um átimo de descontrole, matei o caçador. Uma pena, ele tinha lábios tão doces.

O resto da história já deve estar na boca do povo. Que fracasso retumbante! Transformei-me em velha para enganar a idiota, visitando-a em sua nova casa, um pardieiro perdido no meio da floresta, rodeado de roedores, que servia de abrigo para alguns trabalhadores.

Era fácil enganar Branca de Neve porque ela confiava demais nas pessoas, entregava-se totalmente, mas não por bondade. Não, apenas queria ser reconhecida como boa, mesmo sentindo uma grande aversão à minha figura enrugada diante de si. Evitou me encarar diretamente, pois a imagem das

rugos e cabelos grisalhos invocavam ideias que ela não era capaz de suportar: a ideia de que não seria jovem para sempre, que, em pouco tempo, não teria mais nada a oferecer ao mundo. Quando não fosse mais branca como a neve, o que seria dela?

Ao mesmo tempo, não poderia me fazer desfeita, pois foi ensinada a nunca dizer “não”. Mordeu a maçã com que lhe presenteei. A pobre caiu no chão com um pedaço de maçã entalada na garganta. Seus olhos grandes e escuros me indagaram da mesma maneira que o seu pai fez antes de morrer. Dentro dela, o questionamento era constante: “Por que tanta maldade?”.

Não respondi. Não estava óbvio o suficiente? Gargalhei, rouca, alucinada. A respiração de Branca cessou.

Como não existe crime perfeito, fui perseguida pelas criaturas da floresta que testemunharam meu ato vilanesco. Naquele corpo velho e enrugado de anciã, meu peito ardia, as pernas amoleceram, e pensei que morreria ali mesmo, mas a vontade de sobreviver me levou longe. Vi-me encurralada entre o abismo e a fúria dos animais da floresta. Quando alcancei o cume, percebi que o solo sob meus pés era frágil, e não demorou para que cedesse com o meu peso.

Não foi uma queda rápida. Parecia que o universo também estava disposto a me castigar. Tentei me agarrar, mas o paredão escarpado estava longe do meu alcance. A magia não me obedecia, estava finalmente entregue ao meu destino cruel.

O chão se aproximou cada vez mais. Era o fim. Adeus, mundo. No final das contas, eu havia me divertido um bocado. Fechei os olhos por instinto, antecipando o choque que viria logo em seguida. Pensei na dor dos meus ossos quebrados e peito perfurado pelas pedras de pontas agudas como lanças. Mas meu corpo se tornou leve.

Sombras me envolveram novamente, tal qual na noite fatídica em que conheci o espelho. Rodearam meus braços, pernas, entraram pela minha boca, abafando o grito entalado na garganta, e me cegaram. Acreditei que eram os espíritos das sombras cobrando o preço pela minha ousadia. Fui engolida pela escuridão, tragada pelo silêncio absoluto.

Não sei por quanto tempo permaneci suspensa entre existir ou não. Nas sombras, não havia dias ou horas, apenas uma consciência de quem eu era. Mas, agora, eu me parecia com alguém que havia acabado de quebrar a linha d’água, meus pulmões se encheram de ar, de vida. Gritei. Imaginei que ainda estivesse caindo, e agitei minhas mãos, mas elas bateram em uma parede invisível. Confusa, demorei a reconhecer aquele lugar. As lembranças começaram a vir à tona — meu laboratório, meu reduto secreto, tal qual eu o

havia deixado da última vez. No entanto, havia algo de diferente. Não era apenas a perspectiva nova com a qual eu o encarava, era como se anos tivessem se passado desde o último erro.

Estiquei novamente as mãos e toquei a parede transparente. Ela era fria e lisa como vidro, tal qual o meu Espelho! Sim, de alguma forma, minha consciência foi salva enquanto meu corpo físico se despedaçou no penhasco. Naquela forma, meus sentidos pareciam ainda mais aflorados, por isso fui atraída pela minha visão periférica a investigar o canto do laboratório.

Qual minha surpresa ao ver uma figura feminina ali. Ora, ora, então ela havia descoberto o antídoto para meu veneno, um beijo de amor verdadeiro. Pena que estes são tão raros e duram tão pouco. Pálida como a neve, lábios vermelhos feito sangue, olheiras roxas a ornamentarem o seu rosto. Não havia mais o brilho de outrora, Branca de Neve havia se tornado opaca, com o peso das decepções em seus ombros. Sem a proteção do pai, descobriu que o mundo era um lugar cruel, que era preciso aprender a dizer não e, principalmente, que as pessoas envelhecem e morrem.

— Espelho, espelho meu — disse ela chorosa, sem me reconhecer. A Rainha Branca usava belas roupas e um grande anel de casamento em seu dedo. — Existe alguém mais bela e infeliz que eu?

— Oh, querida — respondi. — Sempre haverá alguém mais bela e mais jovem que você. Você sempre faz as perguntas erradas, menina. Pensei que, durante esse tempo, teria aprendido.

Agora eu entendia, as sombras e eu nos tornamos uma só. Podia sentir a escuridão do laboratório como a extensão dos meus membros. A jovem, cansada, encarou o espelho, ainda assustada com a resposta, ignorando o que acontecia à sua volta.

Branca de Neve, tão jovem e tão cheia de decepções. O Príncipe a enganara? O mundo não lhe devolvera bondade? Eu sentia o seu desencanto, sua tristeza, mas o jogo era de sobrevivência. Meus tentáculos sombrios entraram pela sua boca e apertaram seu tão desejado coração. A menina tentou resistir, mas, dentro dela, não havia mais forças para continuar vivendo. Entregou-se após se cansar, e, então, trocamos de lugar.

Girei pelo meu laboratório, fazendo a saia ampla levantar. Encarei o espelho e notei que Branca já não possuía o mesmo viço ou vigor, mas eram coisas que eu podia facilmente remediar. E, enquanto isso, aprisionada dentro do reflexo, minha enteada se encolhia, chorosa, em sua nova fortaleza da solidão.

— Oh, Branca de Neve, você pode até ser a mais bonita, mas nunca será a

mais esperta.

As autoras

KAREN ALVARES iniciou sua carreira literária há mais de cinco anos e desde então já conquistou diversos prêmios. É autora de “Alameda dos Pesadelos” (Cata-vento, 2014), “Inverso” e “Reverso” (Draco, 2015 e 2016). Conheça: <http://karenalvares.com.br/>

THE WOLF transita por diversos gêneros textuais, transformando palavras em experiências sensoriais. Já publicou “69 Versos Arfantes” e “Vulgata”, uma coletânea de teor erótico-psicológico que figurou entre os mais baixados da Amazon.

DEIA KLEIN sempre teve a leitura como seu passatempo preferido. Com o tempo, esse prazer se transformou em amor pela escrita, que a faz transitar pelos mais diversos personagens e mundos. Já publicou em diversas antologias.

GEOVANNA FERREIRA é mineira, publicitária, música nas horas vagas e maluca pela escrita e pela leitura em tempo integral. Em 2017, foi Menção Honrosa no Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura.

SORAYA COELHO é pós-graduada em *Book Publishing* pela Casa Educação e trabalha como editora e revisora *freelancer*. É colaboradora nas revistas “Trasgo” e “Mafagafo”, além de revisora da editora Dame Blanche. Publicou o livro “Alétheia” na Amazon.

NARA ODELLE estuda Licenciatura em Educação Artística na UFRJ. Começou a escrever fanfics na internet aos onze anos e desde então não parou mais de criar mundos.

LAÍSA COUTO teve um romance e alguns contos publicados pela editora Draco. Atualmente está trabalhando no seu primeiro curta-metragem, que foi roteirizado e será dirigido por ela própria.

THAIS ROCHA é autora de diversos contos e livros nos gêneros de fantasia e terror. Seu livro *Giselle* acaba de ser lançado e já está disponível em formato físico e ebook.

ANA CRISTINA RODRIGUES é escritora, tradutora, editora, historiadora e mãe. Já publicou em mais de 30 antologias no Brasil e no exterior. Seu primeiro romance, “Atlas Geográfico de Lugares Imaginados”, foi lançado pela Lendari na Bienal do Rio de 2019.

FABIANA FERRAZ é de Osasco, mas atualmente mora em Sorocaba. É escritora estreante. Sua primeira novela policial será lançada no segundo

semestre de 2019.

CLARA MADRIGANO (organizadora) é autora de “As Boas Damas” e de alguns contos publicados pela editora Draco e de forma independente. Além de escritora, é editora e co-fundadora da editora Dame Blanche.

Agradecimentos

Isto em suas mãos, muito mais que um livro, é um sonho (e um começo), e nada disso seria possível sem o trabalho incrível da Clara, das autoras e de todos os profissionais que deixaram suas marcas nessas páginas; mas, principalmente, não seria possível sem vocês, leitores. Seus apoios foram o sopro de vida dessa antologia e nós só temos a agradecer imensamente por isso. Esperamos, de coração, que vocês tenham gostado da leitura.

OBRIGADA <3

Addsiana Carine Girão Lobato, Adilson Ferraz, Adrielly, Alessandra de Paiva Wanderley, Alessandra Gilos Moreira, Alessandra Silva Rocha, Alexandre Oliveira Gomes de Almeida, Alexia Bittencourt Ávila, Amauri Silva Lima Filho, Ana Carolina Aguiar, Ana Carolina Silva Chuery, Ana Cristina Campos Rodrigues, Ana Ferrari, Ana Lúcia Merege Correia, Ana Luiza Poche, Ana Paula Silva, André Colabelli Manaia, André Luis Rodrigues Magalhães, Andre Melo de Souza, André Vinícius Pocai, Andrea Legemann, Andressa Souza, Anita Sobreira, Anny Kássio, Audrey Albuquerque Galoa, Bianca de Oliveira Schmidt, Brena Gentil Resende, Brito, Bruno Soares Pinto Costa, Caio Favero, Caio Henrique Amaro, Caleb Henrique, Camila Gigliotti, Carla Fernanda da Silva, Carla Grigorievs, Carol Vidal, Chayene Ferreira Gomes, Clara Savelli, Coral Gabani, Daniel Renattini, Daniela Hanggi, Daniela Rocha, Danina Fromer, Denize Rocha, Denys Schmitt, Diana Passy, Diego Canto Macedo, Diego Tonin, Domenica Mendes, Dora Rocha, Duanne Ribeiro, Eduarda Syndre, Eduardo Maciel Ribeiro, Eduardo Menescal, Elisangela RK, Fabiana Ferraz Nogueira, Fábio Alves, Fabio Gardenal Inacio, Felipe Albuquerque Coutinho, Felipe Herman van Riemsdijk, Felipe Silva, Flávia Côrtes de Alencar, Francieli Lopes, Francisco de Assis Nogueira Junior, Gabriel Mar, Gabriel Tavares Florentino, Ge Benjamim, Geovanna Ferreira, Giovanna Tursi Catapani, Greco De Luca, Gustavo Melo Czekster, Helena Filpo Ribeiro de Oliveira, Helida Stock, Helil Neves, Heloísa Galindo Garbino, Higor, Ian Fraser Lima, Iara Franco Leone, Ileana Dafne Pereira da Silva, Isabela de Amorim, Isadora Helena Prospero, Israel Santos Pinho, Izabel Maria Carvalho, J. Venegas Álvares, J. C. Gray, Jana Bianchi, Jaqueline de Castro Lourenço, Jaqueline Rezende da Silva, Jeferson Lucas Zanin, Jefferson Alberto Ferreira, Jéssica Luiza Cardoso, João Eduardo Herzog, Jorge Gomes de Araujo Junior, Júlia Leite Serrano de Lima, Juliana Ines Branco, June Alves de Arruda, Katia M Brito, Keni Tonezer de

Oliveira, Lara Daniely Prado, Leny Paula, Leonardo Cardoso Gomes Godoy, Leonardo Juliano Silva Reis, Leticia Zumaeta, Lucas Kindermann, Luisa Helena Rossi Caldas, Luiz Asp, Luiz Eduardo Neves Peret, Má Matiazi, Marcelo Bentes Itapirema, Margareth Cristina de Oliveira Ferreira, Maria Clara Monteiro, Maria Eliene Pinto de Andrade, Mariana David, Marta Fuzato, Max Mendes Fischer, Mayumi Makuta, Miriam Potzernheim, Mônica Messoria Guimarães, Myriã Oliveira, Nádia Medeiros Pereira da Silva, Nara Odelle, Natália Gomes Eiras, Naxnara Any Palhares, Nélio Rocha de Oliveira, Nicolás Irurzun, Nicolý Mafra, Oran Takezo Kalil, Paola Oliveira de Camargo, Patricia M. Pereira, Pedro Henrique, Potato Cat, Priscila Sintia Donini, Rebecca Cunha, Regiane Winarski, Renan Gomes Barcellos, Renata Del Vecchio Gessullo, Rina De Ávila Pereira, Rodolpho Bretanha, Rodrigo Sávio de Mattos Takahashi, Ronaldo Bordin, Roseli Aparecida Ferraz Costa, Rozemar Messias Candido, Sabrina Lima, Sabrina Lucia Vidigal Ferreira, Samuel Santos, Sandro Quintana, Sarah Helena Bedeschi de Camargo, Sarah Rebouças Guerra, Sofia Soter Henriques, Tainara Schneider, Talita Macedo, Talles Magalhães, Tamara Mansur, Tatianne Karla Dantas Vila Nova, Tereza Letícia, Thais Priolli, Thais Rocha, Thiago Ambrósio Lage, Thiago Leite, Tiago Reul, Tomaz Adour da Camara, Valquíria Vlad, Wellington Budim, Wlyvania Fernandes, Yago Tsuboi Salicio e Yasmin Bezerra Dias.

A Corvus

A Corvus é um selo voltado para a publicação de antologias de ficção, fantasia, terror e suspense. “Vilãs” é a primeira antologia do selo.

Conheça mais sobre a Corvus e participe das nossas antologias:

FACEBOOK: [/CORVUSINDIE](#)

INSTAGRAM: [@CORVUSINDIE](#)

<http://corvusindie.lojaintegrada.com.br>

corvusindie@gmail.com

-
- [1] Em alemão, algo como “docinho”.
- [2] Em português, “fazer mal julgamento”.
- [3] Em português, “nas tendas”.
- [4] Em português, “povo do sol”.
- [5] Em português, “milagreiro”.
- [6] Em português, “a troco de quê”.
- [7] Em português, “fazer vista grossa”.
- [8] Em português, “mal-olhado”.
- [9] Em português, “está no mundo da lua”.
- [10] Em português, “bruxaria”.
- [11] Em português, “ridículo”.
- [12] Em português, “avó” ou “vovó”.
- [13] Em português, “aniversário”.
- [14] Não existe uma tradução que traga o sentido inteiro da frase, mas em termos literais, significa “Em rio revolto, pesca o pescador”.
- [15] O equivalente ao brasileiro “Entrou pelo pé do pato, saiu pelo pé do pinto, quem quiser que conte cinco”.